VLADIMIR
NABOKOV
Desespero

DESESPERO

VLADIMIR NABOKOV

Título Original norte-americano: DESPAIR

Tradução: PINHEIRO DE LEMOS

À Vera

PREFÁCIO

O texto russo de *Desespero (Otchayanie* — que é uma voz muito mais sonora) foi escrito em 1932 em Berlim. A revista de emigrados de Paris, *Sovremennye Zapiski*, publicou-o em série em 1934 e a casa editora de emigrados Petropolis, de Berlim, editou o livro em 1936. Como aconteceu com todas as minhas outras obras, *Orchayanie* (a despeito da conjetura de Hermann) é proibida no protótipo do estado policial.

Em fins de 1936, quando eu ainda vivia em Berlim, onde outra abominação tinha começado a estrondar pelo megafone, traduzi *Otchayanie* para um editor de Londres. Embora eu tivesse escrito em inglês durante toda a minha vida literária, à margem por assim dizer dos meus escritos russos, era essa a minha primeira tentativa séria (sem contar um lamentável poema publicado numa revista da Universidade de Cambridge por volta de 1920) de usar o inglês com o que se poderia chamar mais ou menos de finalidade artística. O resultado me pareceu estilisticamente canhestro e por isso pedi a um inglês um tanto rabugento, cujos serviços consegui por intermédio de uma agência de Berlim, que lesse o material, O homem encontrou alguns solecismos no primeiro capítulo, mas depois se negou a prosseguir, sob a alegação de que não aprovava o livro. Suspeito de que ele julgava que podia tratar-se de uma confissão autêntica.

Em 1937, a firma John Long Limited, de Londres, publicou *Desespero* numa edição conveniente com um *catalogue raisonné* de suas publicações na contracapa. Apesar desse prêmio, o livro se vendeu mal e, poucos anos depois, uma bomba alemã destruiu todo o estoque. O único exemplar existente é, tanto quanto sei, o que eu possuo, embora possa haver ainda dois ou três entre os livros esquecidos nas estantes das pensões à beira-mar de Bournemouth a Tweedmouth.

Para a presente edição, não me limitei a reajustar a minha tradução de trinta anos antes: efetuei uma revisão do próprio texto de *Otchayanie*. Os estudiosos afortunados que podem comparar os três textos devem notar ainda o acréscimo de uma passagem importante que fora imbecilmente omitida em tempos mais tímidos. É isso justo e acertado de um ponto de vista intelectual? Imagino sem esforço o que Puchkine poderia ter dito aos seus trêmulos parafraseadores. Mas sei também como ficaria satisfeito e entusiasmado em 1935 se me fosse dado ler antecipadamente esta versão de *1965*. O amor estático de um jovem escritor, pelo escritor velho que ele algum dia será, é ambição na sua forma mais louvável. Esse amor não é retribuído pelo homem mais velho na sua biblioteca ampliada, pois ainda que lembre com saudade um céu da boca limpo e olhos sem lágrimas, não pode ter senão um impaciente encolher de ombros para o aprendiz confuso de sua mocidade.

Desespero, como o resto de meus livros, não tem comentário social a fazer, nem traz qualquer mensagem nos dentes. Não eleva o órgão espiritual do homem, nem mostra à humanidade a solução correta. Contém muito menos "idéias", do que esses ricos romances vulgares que são aclamados com tanto açodamento no breve corredor cheio de ecos entre a propaganda e o apupo. O objeto de forma atraente ou o sonho de uma costeleta vienense que um freudiano ansioso pode julgar que distingue entre os meus detritos remotos mostrará a um exame mais detido que foi uma irrisória miragem organizada pelos meus agentes. Devo acrescentar preventivamente que os peritos em "escolas" literárias devem desistir desta vez de aludir à "influência dos impressionistas alemães". Não sei alemão e nunca li os impressionistas, sejam eles quem forem. Ao contrário, conheço francês e ficarei muito interessado se alguém chamar o meu Hermann "o pai do existencialismo".

O livro tem muito menos tendência russo-branca do que meus outros romances de emigração *(1)*. Por

isso, será menos confuso e irritante para os leitores que se criaram dentro da propaganda esquerdista da década de 30. Os leitores comuns, ao contrário, ficarão satisfeitos com a sua estrutura simples e o seu enredo agradável, que, entretanto, não é tão vulgar quanto presume o autor da rude carta que se encontra no Capítulo Onze.

Há muitos diálogos interessantes através do livro e a cena final com Felix nos bosques sob o inverno é sem dúvida muito divertida.

Não posso prever e bloquear as tentativas inevitáveis de encontrar nos alambiques de *Desespero* um pouco do veneno retórico que injetei no tom do narrador num romance muito posterior. Hermann e Humbert só se parecem no sentido em que dois dragões pintados pelo mesmo artista em períodos diferentes de sua vida se assemelham. Ambos são patifes neuróticos, mas há um caminho verde no Paraíso onde Humbert tem licença para passear uma vez por ano ao escurecer; entretanto, o Inferno jamais concederá livramento condicional a Hermann.

O verso e os fragmentos de versos que Hermann murmura no Capítulo Quatro pertencem a um breve poema que Puchkine fez para sua mulher na década de 1830. Reproduzo-o integralmente aqui (em inglês), numa tradução em que conservo a medida e o ritmo, coisa que é raramente aconselhável — talvez mesmo admissível — salvo quando há uma conjunção muito favorável de estrelas no firmamento do poema, como acontece aqui.

> "'Tis time, my dear, 'tis time. The heart demands repose.
> Day after day flits by, and with each hour there goes
> A little bit of life; but meanwhile you and I
> Together plan to dwell ... yet lo! 'tis then we die.
> There is no bliss on earth: there's peace and freedom, though.
> An enviable lot I long have yearned to know:
> Long have I, weary slave, been contemplating flight
> To a remote abode of work and pure delight" *(2).*

A "remota mansão" para onde se abala finalmente o alucinado Hermann é situada economicamente no Roussillon, onde, três anos antes, eu havia começado a escrever o meu romance do jogo de xadrez, *A Defesa*. Ali deixamos Hermann no auge ridículo da sua frustração. Não me lembro mais qual foi o fim dele. Não sei nem 'se chegou o filme que pretendia dirigir.

Montreux,
1/3/1965

VLADIMIR NABOKOV

(1) Isso não impediu que um crítico comunista (1.. P. Sartre), que dedicou em 1939 um artigo notavelmente tolo à tradução francesa de ***Desespero,*** dissesse que "tanto o autor quanto o personagem principal são vítimas da guerra e da emigração".

(2) É tempo, querida, é tempo. **O** coração reclama repouso. *Os dias passam e a cada hora se vai* Um pouquinho da vida; mas enquanto tu e eu *Planejamos viver juntos... ai de nós! é então que morremos.* Não há felicidade na terra: há, porém, paz e liberdade.

Um destino invejável por que há muito anseio: Escravo exausto, penso há muito em fugir / Para remota mansão de trabalho e puro prazer.

1

Se eu não tivesse certeza absoluta de meu poder de escrever e da minha maravilhosa capacidade de exprimir idéias com o máximo de graça e de brilho... Era mais ou menos assim que eu tinha pensado em começar a minha história. Em seguida, chamaria a atenção do leitor para o fato de que, se eu carecesse desse poder, dessa capacidade, etc., não só me absteria de descrever certos fatos recentes, mas também nada haveria para descrever por isso que, gentil leitor, não teria absolutamente acontecido coisa alguma. Talvez tudo isso seja absurdo, mas ao menos é claro. Só o dom de penetrar os mecanismos da vida e uma inclinação inata ao exercício constante da faculdade de criação poderiam permitir-me... Nessa altura, eu deveria ter comparado o delinqüente que faz tamanha cena em face de um pouco de sangue derramado com um poeta ou um ator de teatro. Mas como costumava dizer meu pobre amigo canhoto, a especulação filosófica é uma invenção dos ricos. Fora com ela.

Pode parecer que eu não sei como começar. É um espetáculo divertido o do velho que se locomove pesadamente, a balançar a papada, numa brava corrida atrás do último ônibus, ao qual acaba alcançando mas que tem medo de pegar em movimento e assim, com um sorriso encabulado, deixa-se ficar para trás, ainda correndo. Será que me falta coragem de dar o salto? O ônibus, o possante ***montibus*** de minha história, ronca, adquire velocidade e acabará desaparecendo irrevogavelmente ao dobrar da esquina. A imagem é um tanto desajeitada. Ainda estou correndo.

Meu pai era um alemão de língua russa de Reval, onde freqüentou uma famosa escola agrícola. Minha mãe, russa pura, era de uma velha família de príncipes. Nos dias quentes de verão, languidamente vestida de seda lilás, reclinava-se em sua cadeira de balanço e se abanava com um leque a comer chocolate, numa sala com todas as cortinas descidas que algum vento de um campo recém-ceifado fazia enfunar como velas roxas.

Durante a guerra, fui internado como súdito alemão... Pura falta de sorte, se levarmos em conta que eu tinha acabado de ingressar na Universidade de S. Petersburgo. Do fim de 1914 a meados de 1919, li exatamente mil e dezoito livros... tomava nota de todos eles. De volta à Alemanha, passei três nieses encalhado em Moscou e me casei ali. Desde 1928, estava morando em Berlim. A 9 de maio de 1930, tendo mais de trinta e cinco anos... Uma breve digressão: o trecho em que me refiro a minha mãe é uma deliberada mentira. Na realidade, ela era uma mulher do povo, simples e rude, que se vestia sordidamente com uma espécie de blusa que descia fofamente da cintura. É claro que eu poderia ter cortado esse parágrafo, mas deixo-o de propósito aqui para servir de amostra de um de meus traços essenciais: meu jeito fácil e inspirado de mentir.

Como eu ia dizendo, a 9 de maio de 1930 fiz uma viagem de negócios a Praga. Meu ramo era chocolate. Chocolate é uma coisa boa. Há moças que só gostam do tipo amargo... são umas pequenas exigentes e pretensiosas. (Não sei bem por que é que estou escrevendo desse jeito.)

Tremem-me as mãos. Quero gritar ou esmagar alguma coisa com estrondo... Esse estado do espírito é extremamente inadequado para o desenvolvimento suave de uma história calma. Sinto comichões no coração, o que é uma sensação horrível. Tenho de permanecer calmo, não posso perder a cabeça. Não adianta prosseguir sem ser assim. Bem calmo. O chocolate, como todos sabem... (o leitor deve imaginar aqui uma descrição da fabricação do produto). Nossa marca registrada no invólucro mostrava uma mulher de lilás com um leque. Estávamos insistindo com uma firma estrangeira à beira da falência para que substituísse o seu processo de fabricação pelo nosso a fim de abastecer a Tcheco-Eslováquia e foi

justamente isso que me levou a Píaga. Na manhã de 9 de maio, saí do meu hotel num táxi que me levou a... É muito cansativo contar tudo isso. Sinto-me mortalmente enervado. Contudo, por mais que eu deseje chegar quanto antes ao ponto crucial, algumas explicações preliminares parecem necessárias. Vamos logo então com elas. O escritório da firma era situado bem nos arredores da cidade e eu não encontrei lá o camarada com quem queria falar. Disseram-me que ele estaria de volta dentro de mais ou menos uma hora...

Acho que devo informar ao leitor que houve um longo intervalo. Agora, o sol teve tempo de descambar tocando de sangüínea em sua marcha as nuvens acima do pico dos Pireneus que se parece tanto com o Fujiyama. Eu estava sentado num estranho estado de exaustão, que ora me levava a escutar o esfuziar e o baque do vento, ora me fazia desenhar narizes na margem da folha de papel, ora me conduzia a um vago torpor e então voltar a mim sobressaltado e todo trêmulo. De novo então crescia em mim aquela sensação de prurido, a intolerável agitação... e minha vontade se estendia inerte num mundo vazio... Tinha de fazer um grande esforço para acender a luz e colocar uma pena nova na caneta. A velha se lascara e encurvara. Parecia agora o bico de uma ave de rapina. Não, essas coisas não eram as vascas da criação... mas algo bem diferente.

Bem, como já disse, o homem não estava e só voltaria dentro de uma hora. Não tendo nada melhor para fazer, saí a fim de dar uma volta. Era um dia firme, fresco, pontilhado de azul. O vento, parente afastado deste que sopra aqui, voava no seu caminho por entre as ruas estreitas. De vez em quando, uma nuvem empalmava o sol, que reaparecia como uma moeda de mágico. No jardim público, onde os inválidos andavam em veículos movidos a mão, havia uma explosão de moitas arfantes de lilases. Olhei para as tabuletas das lojas e peguei uma ou outra palavra que escondia um radical eslavo conhecido, mas desdobrado com um sentido desconhecido. Eu estava de luvas amarelas novas e balançava os braços ao andar sem destino. De repente, a fila de casas terminou e mostrou uma vasta extensão de terra que à prinieira vista me pareceu bucólica e atraente.

Depois de passar por um quartel à frente do qual um soldado estava exercitando um cavalo branco, comecei a pisar num chão macio e pegajoso. Dentes-de-leão tremiam ao vento e um sapato esburacado tomava banho de sol debaixo de uma cerca. Mais adiante, um morro, esplendidamente escarpado, subia para o céu. Resolvi escalá-lo. O seu esplendor se revelou uma decepção. Entre faias enfezadas e moitas de amieiros, um caminho em ziguezague no qual haviam talhado degraus ia para o alto sempre e sempre. Imaginei a princípio que, logo depois da curva seguinte, iria encontrar um lugar de beleza selvagem e maravilhosa, mas este nunca apareceu. Aquela vegetação descolorida não me podia contentar. As moitas se espalhavam pelo chão descalvado, poluído de ponta a ponta por pedaços de papel, panos e latas amassadas. Não era possível deixar os degraus do caminho porque este ficava muito no fundo da rampa e dos dois lados das suas paredes de terra projetavam-se raízes de árvores e pedaços de musgo apodrecido como molas quebradas de móveis decrépitos numa casa onde um louco morrera de maneira horrível. Quando cheguei afinal ao cimo, encontrei algumas cabanas desaprumadas, uma corda de roupa e nela algumas calças de mulher inchadas pela vida fictícia do vento.

Coloquei os cotovelos no parapeito de madeira nodosa e, olhando para baixo, vi muito distante, e levemente velada pela névoa, a cidade de Praga: telhados brilhantes, chaminés fumegantes, o quartel pelo qual eu havia passado, um diminuto cavalo branco.

Resolvendo descer por outro caminho, segui pela estrada que encontrei depois das cabanas. Só havia de belo na paisagem a cúpula de um gasômetro no alto de um morro. Redonda e avermelhada sobre o céu azul, parecia uma grande bola de futebol. Deixei a estrada e comecei a subir de novo, dessa vez por uma encosta de grama rala. Região triste e nua. Veio da estrada o barulho de um caminhão, depois uma carreta em direção contrária e, depois, horrivelmente pintado com as cores do arco-íris, o caminhão fechado de

uma firma de envernizadores. No espectro daqueles camaradas, a faixa verde era vizinha da vermelha.

Fiquei por muito tempo na encosta a olhar a estrada. Virei-me por fim, continuei, encontrei um caminho meio apagado que passava entre duas corcovas de chão liso e, ao fim de algum tempo, procurei um lugar onde pudesse descansar. A alguma distância de mim, sob um espinheiro, um homem estava estendido de costas com um boné a cobrir-lhe o rosto. Eu já ia passar quando alguma coisa em sua atitude exerceu sobre mim estranha atração: a ênfase naquela imobilidade a inércia daquelas pernas estendidas, a rigidez daquele braço meio dobrado. Estava vestido com um casaco preto e surradas calças de veludo.

“Absurdo”, pensei. “Está simplesmente dormindo. Não tenho motivo algum para meter-me na vida dele.” Apesar disso, aproximei-me e, com a ponta do meu sapato elegante, afastei-lhe o boné do rosto.

Clarins, sim? Ou, ainda melhor, o rufar de tambores que acompanha a execução de um número acrobático sensacional. Incrível! Duvidei da realidade do que via, duvidei de meu equilíbrio mental, sentime nauseado e com um princípio de vertigem... Para dizer a verdade, fui forçado a sentar-me, tanto os joelhos me tremiam.

Ora muito bem, se outro estivesse em meu lugar e visse o que eu vi, poderia talvez ter desatado em gargalhadas. Eu, porém, estava por demais atônito com o mistério que a coisa envolvia. Enquanto eu olhava, tudo dentro de mim pareceu desprender-se e cair de uma altura de dez andares. Eu estava contemplando uma maravilha. A sua perfeição e a sua falta de causa e objetivo enchiam-me de estranho temor respeitoso.

Nesta altura, agora que cheguei à parte importante e aplaquei o pior daquela comichão, presumo que seja conveniente deixar minha prosa em posição de descansar e tentar calmamente reconstituir o caminho que já percorrera, a fim de definir exatamente o meu estado de espírito e o rumo que tomavam os meus pensamentos, quando, não tendo encontrado o agente da firma no escritório, saí para dar um passeio, subi aquele morro e contemplei a rotunidade vermelha do gasômetro contra o fundo azul de um dia ventoso de maio. Vamos, seja lá como for, assentar esse ponto. Procurem então ver-me mais uma vez antes do encontro, com luvas vistosas, mas sem chapéu, ainda andando a esmo. Que tinha eu no espírito? Nada, absolutamente nada, por mais estranho que pareça. Estava inteiramente vazio e comparável, portanto, a algum vaso translúcido condenado a receber conteúdos ainda desconhecidos. Farrapos de pensamentos relativos ao negócio de que ia tratar, ao carro que tinha pouco antes comprado, a esta ou aquela particularidade da região circundante surgiam, por assim dizer, no exterior de meu espírito e se alguma coisa tinha ressonância em meu vasto deserto interior era simplesmente a vaga sensação de uma força que me impelia.

Um letão brilhante com quem eu me dava em 1919 em Moscou disseme uma vez que as nuvens de melancolia que de vez em quando e sem qualquer motivo caíam sobre mim eram um indício infalível de que eu iria acabar meus dias num asilo de loucos. O homem estava exagerando sem dúvida. No ano anterior, eu havia testado profundamente as notáveis qualidades de clareza e coerência evidenciadas pela carpintaria lógica em que se comprazia meu espírito fortemente desenvolvido mas perfeitamente normal. As extravagâncias da intuição, da visão artística, da inspiração, todas as coisas grandiosas que têm dado tanta beleza à minha vida, podem talvez parecer ao leigo, por mais inteligente que seja, um prefácio de loucura mansa. Mas não se preocupem; minha saúde é perfeita, meu corpo é limpo por dentro e por fora e meu passo é firme. Não bebo, nem fumo em excesso, nem sou dissoluto. Assim, em excelente saúde, bem vestido e com aspecto juvenil, eu percorria o cenário descrito acima e a inspiração secreta não me decepcionou. Encontrei aquilo cuja pista eu seguia inconscientemente. Permitam-me repetir — era incrível! Eu estava contemplando uma maravilha e sua perfeição, sua falta de causa e objetivo enchiam-me de um temor respeitoso. Mas talvez já então, enquanto eu olhava, minha razão tivesse começado a sondar a perfeição, a procurar a causa, a adivinhar o objetivo.

O homem aspirou o ar fungando forte. No seu rosto se mostraram breves ondulações de vida, que perturbaram um pouco a maravilha sem, entretanto, fazê-la desaparecer. Abriu então os olhos, olhou para mim de banda, sentou-se e com intermináveis bocejos, dos quais não parecia nunca saciar-se, começou a coçar a cabeça com as duas mãos metidas nos engordurados cabelos castanhos.

Era um homem de minha idade, magro e sujo, com uma barba de três dias no queixo. Havia um trecho estreito de carne rosada entre a parte inferior do colarinho (mole e com dois buracos redondos destinados a um botão inexistente) e a parte superior da camisa. A gravata estreita de malha estava torta e não havia um botão no peito da camisa. Algumas pálidas violetas murchavam na sua lapela; uma delas se desprendera e estava de cabeça para baixo. Perto dele estava uma velha mochila. Uma das abas abertas mostrava um biscoito do tipo *pretzel* e um pedaço grande de salsicha com as habituais indicações de fome intempestiva e amputação brutal. Fiquei examinando o vagabundo com espanto.

Parecia estar usando aquele mal-amanhado disfarce para algum baile à fantasia fora de moda e desleixado.

— Gostaria de fumar — disse ele em tcheco.

A voz se mostrou inesperadamente baixa de tom e até calma. Com dois dedos em forquilha, fez o gesto de segurar um cigarro. Estendi para ele a minha grande cigarreira, ao mesmo tempo que cravava os olhos no rosto dele. Curvou-se um pouco mais, apoiando simultaneamente a mão no chão e eu tive oportunidade de ver-lhe bem a orelha e a fonte cava.

— Alemães — disse ele e sorriu, mostrando as gengivas.

Isso me decepcionou, mas felizmente o sorriso dele desapareceu imediatamente. (A essa altura, eu já não estava querendo separar-me da maravilha.)

— Alemão também? — perguntou ele nessa língua, rolando e apertando o cigarro entre os dedos. Eu disse que sim e acendi o isqueiro sob o nariz dele. Juntou avidamente as mãos em concha sobre a chama trêmula. As unhas eram azuladas e quadradas.

— Sou alemão também — disse ele, soltando fumaça. — Isto é, meu pai era alemão, mas minha mãe era tcheca, nascida em Pilsen.

Eu continuava a esperar dele uma efusão de surpresa, gargalhadas talvez, mas ele se manteve impassível. Só então compreendi que idiota era ele.

— Dormi como uma pedra — disse ele a si mesmo num tom de fátua complacência e deu vigorosamente uma cusparada.

— Desempregado? — perguntei.

Assentiu várias vezes tristemente e tornou a cuspir. Sempre achei prodigiosa a quantidade de saliva que a gente simples do povo parece possuir.

— Posso andar mais que meus sapatos — disse ele, olhando para os pés.

Estava de fato muito mal calçado.

Rolou bem devagar o corpo até ficar de bruços e, enquanto olhava o gasômetro distante e uma cotovia que levantara vôo dc uma moita, continuou a falar pensativamente:

— Foi um bom emprego o que eu tive no ano passado na Saxônia, perto da fronteira. Jardinagem, a melhor coisa do mundo! Depois, fui trabalhar numa casa de pastéis. Todas as noites, depois do trabalho, eu e meu amigo costumávamos atravessar a fronteira para ir beber um pouco de cerveja. Oito quilômetros de ida e outros tantos de volta. A cerveja tcheca era mais barata do que a nossa e as pequenas eram mais gordas. Houve também um tempo em que toquei violino e criei um ratinho branco.

Agora, olhem-nos de lado, mas apenas de passagem, sem qualquer intenção de estudos fisionômicos. Perto demais não, meus amigos, senão poderiam levar o maior choque da vida. Ou talvez não levassem. Infelizmente, depois de tudo o que aconteceu, fiquei ciente da parcialidade e da capacidade de errar da

visão humana. De qualquer maneira, o quadro era o seguinte: dois homens reclinados num trecho de grama escassa; um deles, um camarada elegantemente vestido, a bater no joelho com uma luva amarela; o outro, um vagabundo de olhar vago, deitado a fio comprido e dando voz às suas queixas da vida. Sussurrar áspero do espinheiro próximo. Nuvens rápidas no céu. Um dia ventoso de maio com pequenos tremores como os que costumam correr sob o pêlo de um cavalo. O barulho de um caminhão na estrada principal. O canto de uma cotovia no alto do céu.

O vagabundo tinha caído em silêncio; depois, voltou a falar, fazendo pausas para expectorar. Falou de uma coisa e de outra. Falou, falou. Deitado de bruços, dobrou as pernas até tocar as nádegas com a barriga das pernas e então esticou-as de novo.

— Escute aqui — exclamei. — Não está mesmo vendo nada?

O homem virou o corpo e se sentou.

— Que é que há? — perguntou ele com a cara fechada em desconfiança.

Disse eu então:

— Você deve ser cego.

Durante cerca de dez segundos, ficamos a encarar-nos, bem nos olhos. Levantei lentamente o braço direito mas o braço esquerdo dele não se levantou, como eu quase tinha esperado que acontecesse. Fechei o olho esquerdo, mas os dois olhos dele continuaram abertos. Mostrei-lhe a língua. Ele tornou a murmurar:

— Que é que há? Que é que há?

Tirei do bolso um pequeno espelho. Enquanto ele o recebia, passou a mão pelo rosto e olhou para a palma, mas não encontrou nem sangue, nem sujo de passarinho. Olhou-se no espelho em que se refletia o azul do céu. Devolveu-me o espelho com um encolher de ombros.

— Não seja tolo! — exclamei. — Não vê então que nós dois... não está vendo, seu idiota, que nós somos... Agora, escute... olhe bem para mim...

Puxei-lhe a cabeça de lado para a minha até que nossas têmporas se tocaram; no espelho, dois pares de olhos dançaram e flutuaram.

Quando voltou a falar, foi num tom condescendente.

— Um homem rico nunca se parece de verdade com um pobre. Lembro-me de ter visto uma vez dois gêmeos numa feira em agosto de 1926. . . ou foi em setembro? Deixe ver... Não, foi em agosto mesmo. Aqueles dois eram parecidos de fato. Ninguém podia distinguir um do outro. Havia a promessa de um prêmio de cem marcos para quem fosse capaz de notar a menor diferença. “Muito bem”, disse Fritz (que tinha o apelido de Cenourão) e deu num dos gêmeos um tapa na orelha. “Pronto”, disse ele. “Um deles tem uma orelha vermelha e o outro não tem. Por isso, se não se incomoda, vá passando o dinheiro”. Não calcula como rimos!

Correu os olhos pelo pano cinzento de meu terno, desceu pela manga do paletó, tropeçou e parou no relógio de ouro que eu levava no pulso.

— Não me pode arranjar algum trabalho? — perguntou ele, levantando a cabeça.

Nota: Foi ele e não eu quem primeiro percebeu o laço maçônico resultante de nossa semelhança. E como a semelhança tinha sido estabelecida por mim, eu estava diante dele — de acordo com o seu cálculo subconsciente — num sutil estado de dependência, como se eu fosse o imitador e ele, o modelo. Naturalmente sempre se prefere que os outros digam: “Ele se parece com você” e não ao contrário. Recorrendo a mim para ajudá-lo, o pequeno patife estava apenas sondando o terreno em vista de futuras exigências. No fundo de seu cérebro perturbado, escondia-se talvez a reflexão de que eu lhe devia ser grato pela generosa oportunidade que me dava, com o simples fato de sua existência, de parecer-me com ele. A nossa semelhança se me afigurava um fenômeno que raiava pelo miraculoso. O que mais lhe

interessava era o meu desejo de ver alguma semelhança, fosse como fosse. Aos meus olhos, ele aparecia como meu duplo, isto é, como uma criatura corporalmente idêntica a mim. Era essa parecença absoluta que me dava tão penetrante emoção. Por sua vez, ele via em mim um imitador duvidoso. Devo insistir, porém, no caráter vago dessas idéias dele. Os meus comentários sobre essas idéias nunca seriam certamente compreendidos por aquele bronco.

— Creio que não é muito o que posso fazer por você neste momento — respondi friamente. — Mas deixe comigo seu endereço.

Tirei do bolso o meu caderninho e a lapiseira de prata.

Ele sorriu tristemente.

— Não adianta dizer que moro numa vila. É melhor dormir num galpão de feno do que sobre a relva numa floresta. Mas é melhor dormir na relva do que num banco duro.

— Apesar disso, gostaria de saber onde poderei encontrá-lo.

O homem pensou um pouco e disse:

— No outono, estarei com certeza na mesma aldeia onde trabalhei no ano passado. Pode mandar uma linha para a agência do correio de lá. Não é longe de Tarnitz. Deixe-me escrever o nome, sim?

O nome dele era Felix, o que quer dizer “feliz”. Qual era o sobrenome não é de sua conta, leitor amigo. A letra horrível dele parecia explodir a cada volta. Escrevia com a mão esquerda. Já era tempo de ir-me embora. Coloquei dez coroas no boné dele. Com um sorriso condescendente, estendeu a mão mas não se deu ao trabalho de levantar-se. Só lhe apertei a mão porque isso me deu a curiosa sensação de Narciso a enganar Nêmesis, ajudando sua imagem a afastar-se do regato.

Em seguida, quase a correr, voltei pelo mesmo caminho. Quando olhei para trás, vi o vulto magro e escuro entre as moitas. Estava deitado de costas, com as pernas cruzadas no ar e os braços sob a cabeça.

Sentime de repente fraco, tonto e exausto, como depois de longa e repulsiva orgia. A razão dessa conseqüência mórbida foi o fato de que ele tinha, com uma fria afetação de distração, guardado no bolso a minha lapiseira de prata. Um desfile de lapiseiras de prata descia por um interminável túnel de corrupção. Caminhando pela beira da estrada, fechei de vez em quando os olhos, a ponto de quase cair na vala. Depois, no escritório durante uma conversa comercial, tive verdadeiras ânsias de dizer ao meu interlocutor: “Aconteceu-me ainda há pouco uma coisa muito estranha! É difícil de acreditar...“ Mas nada disse, estabelecendo assim um precedente de segredo.

Quando afinal voltei ao meu quarto de hotel, encontrei ali, entre sombras caprichosas e uma moldura floreada de bronze, Felix à minha espera. Aproximou-se pálido e solene. Estava já bem barbeado e trazia os cabelos lisos penteados para trás. Usava um terno cinza com gravata lilás. Tirei o lenço do bolso e ele também. Uma trégua para negociações.

Um pouco do cheiro do campo me chegou ao nariz. Assoei-me e me sentei na cama, continuando, enquanto isso, a consultar o espelho. Lembro-me de que as pequenas marcas de existência consciente, tais como o pó em meu nariz, a terra preta entre o salto e a sola de um dos sapatos, a fome e, por fim, o sabor firme e castanho temperado de limão de um grande bife de vitela no *grillroom*, absorveram de modo tão estranho a minha atenção como se eu estivesse procurando e encontrando (embora ainda duvidando um pouco) provas de que eu era eu e que esse eu (um homem de negócios de segunda classe com idéias) estava realmente num hotel, jantando e pensando em assuntos comerciais, sem ter nada em comum com certo vagabundo que aquela hora se estendia indolentemente no mato. Mas a emoção dessa maravilha fez-me de novo o coração bater apressadamente. Aquele homem, especialmente quando dormia e as suas feições estavam imóveis, me mostrara meu rosto, minha máscara, a imagem irrepreensivelmente pura de meu cadáver. . . Emprego esse último termo porque desejo exprimir com o máximo de clareza... Exprimir o quê? A saber, o seguinte: tínhamos feições idênticas e, num estado de repouso perfeito, essa

semelhança era flagrantemente evidente, e que é a morte senão uma fisionomia em paz, na sua perfeição artística? Só a vida desfigurava o meu duplo, do mesmo modo que uma brisa atenua a felicidade de Narciso e que, na ausência do pintor, o seu discípulo aparece e com o emprego supérfluo de tintas inesperadas deforma o retrato pintado pelo mestre.

Pensei então que eu, que conhecia e amava meu rosto, estava em muito melhor posição do que os outros para perceber meu sósia, porque não é todo o mundo que é tão observador. Por isso, é freqüente haver comentários sobre a semelhança óbvia entre duas pessoas que, embora se conheçam, nao suspeitam dessa semelhança e a negam indignadamente, se alguém lhes fala nisso. Ainda assim, eu nunca havia julgado possível que houvesse tão perfeita semelhança quanto a que havia entre mim e Felix. Tenho visto irmãos que se parecem muito, os gêmeos. Já vi no cinema um homem encontrar-se com o seu duplo. Ou, melhor, já vi um ator desempenhar um papel duplo, havendo entre os dois papéis, como em nosso caso, a acentuação da diferença de condição social, de modo que, num papel, o ator é um bruto cheio de manhas e, no outro, é um burguês bem estabelecido dentro de um carro, como se, na verdade, um par de vagabundos idênticos ou de cavalheiros iguais fosse menos divertido. Na verdade, tenho visto isso tudo, mas a semelhança entre gêmeos é prejudicada como uma rima de radical igual pelo selo do parentesco, ao mesmo tempo que um ator de cinema num papel duplo dificilmente engana alguém, porque ainda que ele apareça nos dois papéis ao mesmo tempo, a vista não pode deixar de seguir a linha no meio onde se juntaram as duas partes da imagem.

Nosso caso não era, porém, de gêmeos idênticos (partilhando um sangue que se destinava a apenas um) nem de um truque de montagem.

Que vontade eu tenho de convencê-los! E hei de convencer! Forçarei todos vocês, seus patifes, a acreditar... Mas presumo que as palavras por si sós, em vista da sua natureza especial, são incapazes de transmitir visualmente uma semelhança desse tipo. As duas caras deviam ser apresentadas lado a lado, por meio de cores reais e não de palavras. Então, e só então, o espectador compreenderia o que eu quero dizer. O sonho favorito de um escritor é transformar o leitor em espectador. Já houve alguém que o conseguisse? Os pálidos organismos dos heróis literários alimentados sob a supervisão do autor ganham corpo gradativamente graças ao sangue dos leitores. Desse modo, o gênio de um escritor consiste em dar aos heróis a faculdade de se adaptarem a essa alimentação — não muito apetitosa — e desenvolverem-se com ela às vezes através dos séculos. Mas no presente momento não é de métodos literários que eu preciso, mas da evidência direta e crua da arte do pintor.

Vejam, este é meu nariz: grande, do tipo nórdico, com uma dura parte óssea um pouco arqueada e uma parte carnuda de ponta arrebitada e quase retangular. O nariz dele é também assim, uma cópia perfeita do meu. Aqui estão as duas rugas profundas em ambos os lados de minha boca de lábios tão finos que parecem ter sido desbastados. Ele tem tudo isso também. Aqui estão as maçãs do rosto... mas isso é apenas uma relação de passaporte de características fisionômicas que nada significam; trata-se apenas de uma convenção absurda. Disseram-me uma vez que eu era parecido com Amundsen, o explorador polar. Ora, Felix se parece também com Amundsen. Mas não é todo o mundo que se pode lembrar da cara de Amundsen. Eu mesmo me lembro vagamente e não tenho muita certeza de não a confundir com a de Nansen. Não, nada posso explicar.

Estou é sorrindo convencidamente. A verdade é que eu provei o que queria dizer. Saí-me esplendidamente. Você agora nos conhece a ambos, leitor. Duas pessoas mas com uma só cara. Não deve supor, porém, que eu esteja envergonhado de possíveis falhas e erros de revisão no livro da natureza. Olhemos de mais perto: tenho dentes grandes e amarelados; os dele são mais brancos e mais compactos. Mas isso tem realmente alguma importância? Na minha testa, há uma veia estufada como um M maiúsculo imperfeitamente traçado, mas quando durmo minha testa é tão lisa quanto a de meu sósia. E aquelas

orelhas... as convoluções das dele são apenas ligeiramente alteradas em comparação com as minhas: mais comprimidas aqui, amaciadas ali. Temos olhos da mesma forma, estreitamente rasgados com poucos cílios, mas as íris dele são mais claras do que as minhas.

Isso foi quase tudo o que eu descobri em matéria de marcas distintivas naquele primeiro encontro. Durante a noite, minha memória racional não cessou de examinar essas diminutas divergências, ao passo que com a memória irracional dos meus sentidos eu continuava a ver, apesar de tudo, a mim mesmo, ao meu próprio eu no lamentável disfarce de um vagabundo, com o rosto imóvel, e o queixo e as faces ensombrados pelos pêlos da barba, como acontece da noite para o dia a um morto.

Por que me deixava ficar em Praga? Havia concluído os meus negócios e podia voltar para Berlim quando quisesse. Por que, na manhã seguinte, voltei àquelas encostas, àquela estrada? Não tive dificuldade em encontrar o lugar exato onde ele se havia estendido no dia anterior. Descobri ali uma ponta de cigarro de boquilha dourada, uma violeta morta, um pedaço de jornal tcheco e ... aquele traço pateticamente impessoal que o homem errante e sem sofisticação costuma deixar debaixo de uma moita: um pedaço grande, reto e viril e um mais fino enroscado sobre ele. Várias moscas esmeraldinas completavam o quadro. Para onde tinha ele ido? Onde passara a noite? Enigmas vazios. Sentia-me de qualquer maneira horrivelmente mal de uma maneira vaga e pesada, como se tudo o que acontecera fosse um ato errado.

Voltei ao hotel para pegar minha maleta e fui às pressas para a estação. Na entrada para a plataforma, havia duas filas de bancos baixos e confortáveis com costas trabalhadas e encurvadas em conformidade perfeita com a espinha humana. Havia algumas pessoas ali sentadas; várias cochilavam. Tive a idéia de que de repente veria o homem ali, ferrado no sono, com as mãos abertas e uma última violeta ainda na lapela. Seríamos vistos juntos... Avançariam para cercar-nos e levar-nos para a delegacia de polícia... por quê? Por que estou escrevendo isso? E apenas o correr normal de minha pena? Ou será de fato um crime duas pessoas se parecerem como duas gotas de sangue?

2

Tenho chegado a habituar-me tanto a uma visão externa de mim mesmo, sendo ao mesmo tempo pintor e modelo, que não é de admirar que falte ao meu estilo a bendita graça da espontaneidade. Por mais que me esforce, não consigo voltar ao meu invólucro original e, muito menos, ficar à vontade no meu antigo eu. A desordem por lá é muito grande: tiraram coisas do lugar, a luz está apagada e morta e os fragmentos do meu passado juncam o chão.

Foi um passado bem feliz, posso dizer. Tinha em Berlim um apartamento pequeno mas agradável, de três peças e meia, com uma sacada batida de sol, água quente e aquecimento central. Lydia era minha mulher de trinta anos e Elsie, nossa empregada de dezessete. Perto, ficava a garagem onde era guardado aquele delicioso carrinho — azul-escuro, de dois lugares, comprado a prestações. Na varanda, um gordo cacto espinhento de cabeça redonda crescia bravamente, embora com lentidão. Comprava os meus cigarros sempre no mesmo varejo e era recebido ali com um radioso sorriso. Um sorriso semelhante acolhia minha mulher na casa que nos abastecia de ovos e manteiga. Aos sábados à noite, íamos a um café ou ao cinema. Pertencíamos ao creme da classe média satisfeita ou assim parecia. Não costumava, porém, quando chegava em casa, tirar os sapatos para estender-me no divã com o jornal da tarde na mão. Também, a conversa com minha mulher não constava apenas de comentários sobre preços. Meus pensamentos nem sempre pairavam em torno das aventuras do chocolate. Devo até confessar que certos gostos boêmios não eram inteiramente estranhos à minha natureza.

Quanto à minha atitude para com a nova Rússia, cumpre-me declarar desde já que eu não tinha a mesma opinião de minha mulher. Ao sair de seus lábios pintados, a palavra “bolchevista” adquiria uma nota de ódio habitual e trivial..., não, “ódio” talvez seja neste caso uma palavra muito forte. Era alguma coisa simples, elementarmente feminina, pois ela detestava os bolchevistas como se detesta a chuva (especialmente aos domingos) ou os percevejos (especialmente em novos alojamentos) e bolchevismo significava para ela uma coisa incômoda como um resfriado. Ela dava por assentado que os fatos lhe confirmavam a opinião; a verdade dos mesmos era evidente demais para ser discutida. Os bolchevistas não acreditavam em Deus; isso era mau da parte deles mas que era que se podia esperar de sádicos e desordeiros?

Quando eu dizia que o comunismo no correr do tempo se revelaria uma coisa grande e necessária, que a jovem e nova Rússia estava produzindo valores admiráveis, embora ininteligíveis para os espíritos ocidentais e inaceitáveis para os exilados despojados e amargurados; que a história jamais havia conhecido tanto entusiasmo, tanto ascetismo e desprendimento ou tamanha fé na iminente igualdade de todos nós — quando eu dizia tais coisas, minha mulher me respondia serenamente: “Acho que só está dizendo essas coisas para me provocar e isso não é direito de sua parte.” Mas acontece que eu estava falando muito a sério, pois sempre acreditei que o variegado emaranhamento de nossas vidas incertas exige transformações tão essenciais assim, que o comunismo realmente criará um mundo belamente quadrado de camaradas idênticos e robustos, de ombros largos e microcéfalos e que uma atitude hostil em relação ao mesmo é não só infantil mas também preconcebida. Lembra-me a cara que minha mulher faz — narinas dilatadas e uma sobrancelha arqueada (a idéia infantil e preconcebida de uma *vamp* —) sempre que se vê diante de um espelho.

Eis uma palavra que eu odeio, e que designa uma realidade horrível. Não tenho mais essas coisas desde que deixei de fazer a barba. De qualquer maneira, a simples menção do objeto acaba de me dar um rude choque, quebrando o fio de minha história (procurem imaginar o que devia vir aqui — a história dos espelhos —); depois, também, há canalhas e monstros entre os espelhos; um pescoço nu, ainda que ligeiramente se estica de repente para baixo num abismo de carne que vai encontrar o abismo que se

estende de baixo, numa nudez de maçapão rosado que sobe de um ponto abaixo do cinto para fundir-se numa só; um espelho canalha despe o homem ou começa por achatá-lo e então se produz um touro ou um sapo humano sob a pressão de inúmeras atmosferas de vidro; ou então se é puxado como miolo de pão e rasgado em dois.

É bastante. Vamos continuar — as gargalhadas não estão na minha linha. E bastante não é absolutamente tão simples quanto você parece pensar, seu porco! Ah, sim, vou chamar-lhe nomes feios e ninguém me pode impedir. E não ter um só espelho em meu quarto é também um direito que eu tenho! Na verdade, ainda que me veja diante de um (ora, que tenho a temer?) ele mostraria um estranho barbado — porque essa barba minha cresceu prodigiosamente e em muito pouco tempo também! Estou tão perfeitamente disfarçado que sou invisível ao meu próprio eu. O cabelo brota de todos os poros. Deve haver um tremendo estoque de pêlos dentro de mim. Escondo-me dentro dessa selva natural que cresceu de mim. Nada há a temer. Tola superstição!

Olhe, vou escrever de novo aquela palavra. Espelho. Espelho. Então, aconteceu alguma coisa? Espelho, espelho, espelho. Tantas vezes quantas você quiser... eu nada receio. Um espelho. Ver-se diante de um espelho. Referia-me a minha mulher ao falar disso. E difícil dizer alguma coisa quando se é constantemente interrompido.

Por falar nisso, minha mulher é também dada a superstições. Tem a mania de “bater na madeira”. Apressadamente, com um ar de decisão, os lábios apertados, corre os olhos em torno à procura de alguma madeira nua e não envernizada. Acha apenas a parte inferior de uma mesa, tocando-a então com os dedos gordos (pequenas almofadas de carne em torno das unhas cor de morango que, apesar do esmalte, nunca estão completamente limpas, unhas de criança). Toca a madeira rapidamente enquanto a menção de felicidade ainda paira quente no ar. Ela acreditava em sonhos: sonhar que se arrancava um dente pressagiava a morte de um conhecido; se havia sangue no dente, a morte era de um parente. Um campo de margaridas indicava um reencontro com quem tinha sido o primeiro amor. Pérolas significavam lágrimas. Era ruim a pessoa ver-se toda de branco à cabeceira de uma mesa. Lama representava dinheiro, um gato era traição e o mar queria dizer perigo para a alma. Ela gostava de contar os seus sonhos com todas as minúcias. Ah! Estou escrevendo dela no pretérito imperfeito. Vou apertar a fivela de minha história um furo acima.

Ela odeia Lloyd George. Se não fosse ele, o Império Russo não teria caído. Diz em geral: “Eu poderia estrangular aquele inglês com minhas próprias mãos.” Os alemães tinham o que bem mereciam em troca daquele trem blindado em que o bolchevismo foi enlatado e Lenine exportado para a Rússia. Falando dos franceses, diz; “sabe? Ardalion (um primo dela que tinha lutado com o Exército Branco) diz que eles procederam como verdadeiros canalhas em Odessa durante a evacuação.” Ao mesmo tempo, considera o tipo inglês de rosto (baseando-se no meu) o mais belo da terra; respeita os alemães porque são constantes e musicais: afirma que adora Paris onde passamos há tempos alguns dias. Essas opiniões dela se mostram tão inabaláveis como estátuas nos seus pedestais. Ao contrário, a posição dela em relação ao povo russo sofreu, de modo geral, alguma evolução. Em 1920, ela ainda dizia: “O genuíno camponês russo é monarquista.” Agora diz: “O genuíno camponês russo está extinto.”

Ela é pouco instruída e pouco observadora. Descobrimos um dia que para ela o termo “místico” se relacionava de modo vago com “mistério” e “mistura”, mas não fazia a menor idéia do que um místico realmente fosse. A única árvore que ela é capaz de identificar é a bétula. Diz ela que a faz lembrar-se das florestas do lugar onde nasceu.

É uma grande devoradora de livros, mas só lê o que há de pior e não guarda nada de memória, passando por cima das descrições mais extensas. Vai pegar os seus livros numa livraria russa de aluguel. Senta-se ali e passa muito tempo escolhendo. Remexe em todos os livros em cima da mesa. Pega um,

folheia-o, olha-o de lado como uma galinha que investiga. Deixa-o de lado, pega outro, abre-o — tudo isso é feito na superfície da mesa e com a ajuda de uma das mãos apenas. Nota então que abriu o livro de cabeça para baixo, em vista do que, lhe dá uma volta de noventa graus, só isso porque logo o abandona a fim de correr para o volume que o homem da livraria vai oferecer a outra senhora. Todo esse processo dura mais de uma hora e eu não sei o que é que a decide a fazer a seleção final. Talvez seja o título.

Trouxe-lhe um dia de volta de uma viagem de trem um horrível romance policial que mostrava na capa uma aranha vermelha no centro de uma teia preta. Ela mergulhou no livro e achou-o tremendamente emocionante. Sentia que não podia deixar de dar uma espiada no final para ver como tudo acabava, mas como isso estragaria tudo, ela fechou bem os olhos e rasgou o livro de alto a baixo em dois pedaços. Escondeu então a última parte, onde estava a conclusão. Mais tarde, esqueceu o lugar do esconderijo e levou muito tempo rebuscando a casa à procura do criminoso que ela mesma escondera, repetindo a cada instante em voz baixa: “Era tão interessante, terrivelmente emocionante. Vou morrer se não descobrir...”

Já descobriu agora. Aquelas páginas que explicavam tudo estavam muito bem escondidas. Foram, entretanto, encontradas todas, exceto uma, talvez. Na verdade. muitas coisas aconteceram; estão agora devidamente explicadas. Veio também a suceder o que ela mais temia. De todos os presságios era o mais fantástico. Um espelho quebrado. Aconteceu, sim, mas não exatamente de maneira comum. Pobre mulher morta.

Ti-tu-tum! E mais uma vez, TUM! Não, não enlouqueci. Estou apenas produzindo breves sons alegres. Trata-se da espécie de alegria que se experimenta quando se engana alguém no dia Primeiro de Abril. E eu enganei lindamente alguém. A quem? Olhe-se ao espelho, leitor amigo, já que gosta tanto de espelhos.

E agora, de repente, sinto-me triste, desta vez de verdade. Acabo de visualizar, com escandalosa nitidez, o cacto da sacada, as peças azuis, aquele nosso apartamento construído no estilo moderno de caixão, em trapaça com o espaço, e em rígido realismo. E ali, no meu mundo de nitidez e limpeza, a desordem espalhada por Lydia e o adocicado e vulgar travo de seu perfume. Mas na verdade não me aborreciam os seus defeitos, a sua inocente apatia, o seu hábito de rir na cama adquirido no dormitório de seu colégio. Nunca discutíamos e eu nunca me queixava de coisa alguma, nem mesmo quando ela dizia os maiores disparates em público ou se vestia com absoluta falta de gosto. A pobre coitada não tinha jeito algum para distinguir os tons. Pensava que tudo estava muito certo se as cores principais combinassem, satisfazendo inteiramente o seu senso de cor e, por isso, podia ostentar um chapéu de feltro verde-folha com um vestido verde-oliva ou *eau de Nill*. Gostava de que tudo tivesse um “eco”. Por exemplo, se a faixa da cintura era preta, ela julgava absolutamente necessário algum debrum ou babado preto na gola do vestido. Nos primeiros anos de nossa vida de casados, ela costumava usar linho com bordados suíços. Era perfeitamente capaz de botar um vestido leve com sapatos pesados de outono. Não, decididamente, ela não tinha a mais leve noção dos mistérios da harmonia e isso se conjugava com o fato de ser lamentavelmente desmazelada. A negligência se revelava até na sua maneira de andar, porque tinha o costume de pisar batendo com força o salto do pé esquerdo.

Estremecia só de olhar para as gavetas de sua cômoda onde se misturavam desarrumadamente uma mixórdia de panos, fitas, retalhos de seda, o passaporte dela, uma tulipa murcha, algumas peças de peles roídas pelas traças, diversos anacronismos (como polainas, que as moças tinham usado séculos antes) e outro lixo impossível desse jeito. Era também muito freqüente ir cair no cosmo de minhas coisas lindamente arrumadas um lencinho de renda muito sujo ou um pé de meia solitário e rasgado. As meias pareciam positivamente queimar-se naquelas ágeis pernas dela.

Não entendia um níquel do governo de uma casa. As recepções dela eram terríveis. Havia sempre num pratinho barras de chocolate quebradas como se oferecem nas pobres famílias da província. Às vezes, eu ficava sem saber por que era mesmo que a amava. Talvez fosse pela quente íris cor de avelã de

seus olhos macios ou pela ondulação natural nos seus cabelos castanhos de qualquer maneira penteados ou, então, pelo movimento de seus ombros roliços. Mas a verdade era provavelmente que eu a amava porque ela me amava. Eu era para ela o homem ideal, inteligente e corajoso. E ninguém se vestia melhor do que eu. Lembro-me de que na noite em que estreei o meu *smoking* novo, ela se deixou cair numa cadeira e murmuroi com as mãos juntas: "Oh, Hermann. . ." Era um encantamento que raiava de certo modo pela angústia celestial.

Talvez com o sentimento mal definido de que, encarecendo a imagem do homem que ela amava, eu lhe estava fazendo de certo modo uma retribuição e praticando uma boa ação para ela a fim de fazê-la feliz, aproveitei-me de sua confiança e durante os dez anos em que vivemos juntos contei-lhe tamanho montão de mentiras sobre mim mesmo, sobre o meu passado e as minhas aventuras que estaria acima de minhas forças guardar tudo na cabeça, fichado para referência. Mas ela costumava esquecer tudo. A sombrinha dela ficava sucessivamente em casa de todas as conhecidas. O batom aparecia nos lugares mais inesperados como o bolso da camisa do primo dela e o que ela tinha lido de manhã no jornal me era contado à noite mais ou menos do seguinte jeito: "Deixe ver, onde foi que Ii isso e que foi exatamente que eu li?... Estava quase me lembrando... Oh! Veja se me ajuda!" Confiar-lhe uma carta para botar no correio era o mesmo que jogar a carta dentro do rio, deixando o resto entregue à acuidade das águas e aos lazeres de pescador do destinatário.

Confundia datas, nomes e caras. Depois de ter inventado alguma coisa, eu nunca mais repetia a história. Ela logo se esquecia, o episódio descia até ao fundo de sua consciência, mas na superfície ficavam os círculos sempre renovados de sua humilde admiração. O amor quase a fazia atravessar a fronteira que lhe limitava todos os sentimentos. Em certas noites, quando luar e olhar rimavam, os seus mais assentados pensamentos se transformavam em nômades tímidos. Isso não durava muito, os pensamentos não se afastavam demais e o mundo se trancava de novo. E era um mundo bem simples. A maior complicação que nele surgia consistia na procura de um número de telefone que ela havia anotado numa das páginas de um livro da livraria de aluguel, justamente tomado por empréstimo pela pessoa a quem ela queria telefonar.

Era cheia de corpo, baixa e um pouco disforme, mas eu sempre gostei das mulheres gordinhas. Não me interessam simplesmente as moças altas, as *flappers* ossudas, as altivas prostitutas elegantes que se pavoneiam para cima e para baixo em Tauentzienstrasse com as suas reluzentes botas bem justas. Não só sempre estivera eminentemente satisfeito com a minha meiga companheira de cama e com os seus encantos querubínicos, mas também tinha notado ultimamente, cheio de gratidão à natureza e com uma emoção de surpresa, que a violência e a doçura de minhas alegrias noturnas estavam sendo elevadas a um estranho vértice graças a certa aberração que, segundo entendo, não é tão incomum quanto a princípio pensei nos homens vigorosos de idade entre os trinta e os quarenta. Refiro-me a uma espécie bem conhecida de "dissociação". Comigo, tudo começou de maneira fragmentária poucos meses antes de minha viagem a Praga. Por exemplo, eu estava na cama com Lydia, concluindo a breve série de carícias preparatórias a que ela se julgava com direito, quando tinha de repente consciência de que o diabólico Outro me havia tomado o lugar. Meu rosto estava enterrado nas dobras do seu colo, as pernas dela tinham começado a fechar-se sobre mim, o cinzeiro tinha caído da mesa de cabeceira, o universo tomava o mesmo caminho — mas ao mesmo tempo, de maneira incompreensível e deliciosa, eu estava de pé nu no meio do quarto, com uma das mãos apoiada nas costas da poltrona onde ela deixara as meias e as calcinhas. A sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo me excitava extraordinariamente. Mas isso nada foi em comparação com os desenvolvimentos posteriores. Na minha impaciência por dividir-me, levava Lydia para a cama mal acabávamos de jantar. A dissociação havia já chegado a uma fase perfeita. Sentava-me numa poltrona a meia dúzia de passos da cama na qual Lydia tinha sido

convenientemente colocada e distribuída. Do meu posto de observação mágico, vi as ondulações percorrerem e sulcarem minhas costas musculosas, sob a luz de laboratório de um abajur ao pé da cama que tirava um reflexo de madrepérola dos joelhos rosados de Lydia e um brilho de bronze dos seus cabelos espalhados no travesseiro — que eram quase as únicas partes dela que eu podia ver enquanto as minhas grandes costas não haviam ainda escorregado para sustentar a sua metade dianteira ofegante diante do público. A fase seguinte se verificou quando descobri que quanto maior era o intervalo entre os meus dois eus, maior era o meu êxtase. Costumava, por isso, sentar-me de noite para noite alguns centímetros mais longe da cama, até que dentro em pouco as pernas de trás da poltrona chegaram ao batente da porta aberta. Acabei por ver-me sentado na sala-de-estar enquanto amava no quarto. Mas não bastava. Queria descobrir algum meio de afastar-me no mínimo cem metros do palco iluminado no qual representava. Desejava contemplar aquela cena de alcova de alguma remota galeria superior dentro de uma névoa azul sob as fluidas alegorias da abóbada estrelada, contemplar um casal pequeno mas muito ativo por meio de binóculos de teatro, de binóculos de campanha, de um tremendo telescópio ou de instrumentos ópticos de alcance ainda desconhecido que cresceriam na mesma proporção do meu arroubo em aumento. Na realidade, nunca passei do consolo na sala-de-estar e, ainda assim, tive a minha visão da cama prejudicada pela ombreira da porta, coisa que eu podia remediar fazendo a cama refletir-se no oblíquo *speculum* ou *spiegel*. Infelizmente, numa noite de abril, em que as harpas da chuva borbulhavam afrodisiacamente na orquestra, quando eu estava sentado à minha distância máxima de quinze filas e antecipava um espetáculo excelente — o qual, na verdade, já havia começado, mostrando o meu eu ativo em forma colossal e muita imaginação — veio da cama onde eu julgava estar presente o bocejo e a voz de Lydia, a dizer tolamente que, se eu não fosse logo para a cama, poderia levar-lhe o livro vermelho que ela deixara na sala. O livro estava de fato no consolo perto de minha poltrona e, em lugar de levá-lo, joguei-o para a cama fazendo as folhas rodarem como as pás de um moinho de vento. Esse choque estranho e terrível quebrou o encanto. Sentime como uma espécie de ave insular que perdeu a faculdade de elevar-se no ar e, como o pingüim, só voa no sono. Tentei empenhadamente recuperar a divisão e teria sem dúvida êxito se uma nova e maravilhosa obsessão não tivesse obliterado em mim todo o desejo de prosseguir nessas experiências divertidas mas um pouco banais.

A não ser isso, a minha ventura conjugal era completa. Ela me amava sem reservas, nem recordações. A devoção parecia fazer parte da natureza dela. Não sei por que voltei a falar dela no pretérito. Mas não liguem a isso; é mais fácil para a minha pena. Sim, ela me amava, amava-me fielmente. Gostava de examinar-me o rosto de um lado a outro. Com o indicador e o polegar abertos ao jeito de um compasso, media-me as feições: a área mais ou menos áspera acima do lábio superior com o seu longo sulco mediano e a testa espaçosa com as suas saliências gêmeas acima das sobrancelhas. A unha do indicador seguia sempre as rugas ao lado de minha boca, a qual ficava sempre bem fechada e era insensível às cócegas. Um rosto grande e nada simples, modelado por encomenda especial, com um brilho nas maçãs do rosto, as faces levemente cavadas e, ao segundo dia sem navalha, cobertas por uma vegetação desenfreada, arruivada sob alguns tipos de luz e exatamente como a barba dele. Só os nossos olhos não eram idênticos mas a semelhança que entre eles existia era uma pura superfluidade, desde que os olhos do homem estavam fechados quando ele se estendia no chão diante de mim e, embora eu nunca tivesse visto mas apenas sentido minhas pálpebras fechadas, sei que não eram diferentes em nada dos beirais dos olhos dele.. . Boa expressão esta! Rebuscada, mas boa e recebida de braços abertos em minha prosa. Não, não estou ficando absolutamente nervoso; o meu domínio sobre mim mesmo é perfeito. Se de quando em quando minha cara aparecer como detrás de um muro, talvez para desgosto do leitor formalista, será realmente para o bem dele. Ele que se acostume com o meu aspecto, enquanto eu me rirei calmamente do fato dele não saber se a cara era minha ou de Felix. Aqui estou eu! E então desapareço; ou

talvez não fosse eu! So com esse método posso ter a esperança de dar uma liçao ao leitor, demonstrando-lhe que a semelhança entre nos não era imaginana mas uma possibilidade real, melhor ainda, um fato autêntico, por mais fantasioso e absurdo que pudesse parecer.

Quando cheguei a Berlim de volta de Praga, encontrei Lydia na cozinha tratando de bater um ovo dentro de um copo — *geminha* como nós dizíamos.

— Estou com dor de garganta — disse ela numa voz infantil.

Deixou então o copo na beira do fogão, limpou os dedos amarelos na parte de cima do pulso e tratou de beijar-me a mão. Tinha um vestido cor-de-rosa, meias cor-de-rosa e chinelas velhas, O sol da tarde mudava a cor da cozinha. Ela recomeçou a mexer com a colher a grossa massa amarela, fazendo ranger levemente o açúcar triturado. Ainda estava pegajoso pois a colher não se movia suavemente com a aveludada ovalidade que era necessária. Um livro maltratado estava aberto em cima do fogão. Havia a seguinte nota escrita na margem de uma página por uma pessoa desconhecida com um lápis de ponta rombuda. Dizia: “Ë triste, mais é verdade”, com mais três pontos de exclamação com os respectivos pontinhos fora dc lugar certo. Examinei a frase que tinha impressionado tanto uma das predecessoras de minha mulher. Era a seguinte: “Ama teu próximo” — disse Sir Reginald — “não tem cotação hoje em dia na bolsa das relações humanas.”

— Então? Fez boa viagem? — perguntou Lydia continuando vigorosamente a rodar a manivela do moinho de café, com a parte da caixa firmemente presa entre os joelhos. Os grãos de café estalavam, com o seu cheiro forte. O moinho funcionava ainda com um esforço pesado e rangente; houve então uma folga, uma frouxidão; toda a resistência desapareceu; o moinho estava vazio.

Fiquei mais ou menos desorientado, como num sonho. Ela estava fazendo geminha e não café.

— Podia ter sido pior — disse eu, falando da viagem. — E você, como foi que passou?

Por que não lhe falei de minha incrível aventura? Eu, que era capaz de falsificar para ela portentos aos milhões, parecia não ter coragem, com esses meus lábios poluídos, de contar-lhe um portento que era verdadeiro. Ou talvez outra coisa me tolhesse. Um escritor não mostra a ninguém o seu primeiro borrão; uma criança ainda no ventre não é chamada de Tom ou de Beile; um selvagem se abstém de dar nome a objetos de origem misteriosa e temperamento incerto; a própria Lydia não gostava de que eu lesse um livro que ela ainda não tivesse acabado.

Aquele encontro me oprimiu durante vários dias. Afligia-me estranhamente pensar que durante todo o tempo meu sósia estava percorrendo estradas que me eram desconhecidas, mal alimentado, friorento e molhado, talvez com um resfriado. Desejava que encontrasse trabalho. Ser-me-ia mais agradável saber que ele estava confortável e quente, ou, ao menos, em segurança na prisão. Apesar disso, não tinha absolutamente a intenção de empreender quaisquer medidas capazes de melhorar-lhe a situação. Não estava de modo algum inclinado a sustentá-lo e seria quase impossível conseguir-lhe um emprego em Berlim, que regurgitava de desempregados. Na verdade, para falar com toda a sinceridade, julguei de certo modo preferível mantê-lo a certa distância de mim, como se qualquer aproximação pudesse quebrar o encantamento de nossa semelhança. De tempos em tempos, eu poderia mandar-lhe um pouco de dinheiro para que ele não degringolasse e perecesse durante as suas remotas caminhadas, deixando assim de ser meu representante, uma cópia viva e em circulação de minha cara... Pensamentos bondosos, mas ociosos desde que o homem não tinha endereço certo. Pensei então que teria de esperar até que, em algum dia do outono, ele aparecesse na agência do correio daquela aldeia na Saxônia.

Maio passou e em meu espírito sarou a lembrança de Felix. Noto para meu prazer pessoal o macio desenrolar desse período, com o tom narrativo das duas primeiras palavras e, depois, aquele longo suspiro de contentamento imbecil. Entretanto, os amantes de sensações poderiam ter interesse em observar que, de modo geral, o verbo “sarar” só se emprega de referência a feridas e doenças. Mas isso

é mencionado apenas de passagem; não há qualquer intenção malsã. Há mais alguma coisa que eu gostaria de notar agora. Escrever se tornou muito mais fácil para mim. Minha história ganhou ímpeto. Consegui pegar o ônibus mencionado no início e, o que é mais, consegui um lugar bem confortável do lado da janela. Era assim também que eu costumava ir para o escritório antes de comprar o carro.

O lustroso e pequenino Icarus azul teve de trabalhar pesadamente naquele verão. Estava inteiramente encantado com o meu novo brinquedo. Lydia e eu muitas vezes viajávamos o dia inteiro para o campo. Levávamos sempre em nossa companhia aquele primo dela, que se chamava Ardalion e era pintor. Tratava-se de uma alma jovial mas de um pintor horroroso. Era em todos os sentidos pobre como um pardal. Se alguém o mandava pintar o seu retrato, isso era pura caridade ou então falta de caráter, pois o homem podia ser tremendamente insistente. Costumava tomar emprestadas pequenas quantias a mim e com certeza a Lydia também. E é claro que sempre dava um jeito de ficar para o jantar. Vivia atrasado com o aluguel do quarto e, quando pagava, era em espécie. Em naturezas mortas, para sermos exatos... maçãs quadradas numa toalha estendida de viés ou tulipas fálicas num vaso inclinado. A senhoria dele mandava emoldurar tudo isso às custas, de modo que a sala de jantar lembrava uma exposição filistina de vanguarda. Comia num pequeno restaurante russo que, dizia, tinha “espancado” (o que significava que lhe havia decorado as paredes). Empregava uma expressão ainda mais pitoresca porque era natural de Moscou, onde as pessoas usam uma gíria engraçada cheia de exuberantes trivialidades (não vou tentar traduzi-la). Era curioso que, apesar de sua pobreza, tinha conseguido comprar um terreno, a três horas de carro de Berlim, isto é, conseguira pagar uma entrada de cem marcos e nunca mais se incomodara com o resto. Na verdade, nunca tivera a intenção de desembolsar mais um níquel que fosse, pois considerava que, fertilizado por esse primeiro pagamento, o terreno era daí por diante dele até o Dia de Juízo. O terreno tinha mais ou menos o comprimento de duas quadras e meia de tênis e ia dar num lagozinho relativamente belo. Um par de bétulas inseparáveis com troncos em forma de Y crescia ali (ou, melhor, um par de pares se contarmos a reflexão das mesmas nas águas do lago). Havia também várias moitas de amieiro preto. Um pouco adiante, erguiam-se cinco pinheiros e ainda mais para dentro havia um trecho de urze, cortesia da floresta circundante. O terreno não era cercado pois o dinheiro não tinha chegado para isso. Tenho fortes suspeitas de que Ardalion estivesse esperando que os dois lotes adjacentes fossem cercados primeiro, o que legitimaria automaticamente os limites de sua propriedade e lhe daria uma cerca de graça. Mas os lotes vizinhos estavam ainda por vender. O movimento era escasso nas margens daquele lago, desde, que o local era úmido, infestado de mosquitos e muito longe da aldeia. Depois, não havia caminho que o ligasse à estrada principal e ninguém sabia quando esse caminho seria feito.

Lembro-me de que foi num domingo pela manhã em meados de junho que fomos lá pela primeira vez. No caminho, paramos para pegar o homem. Levei muito tempo a tocar a buzina, com os olhos cravados na janela dele. A janela dormia a sono solto. Lydia pôs as mãos em concha na boca e gritou numa voz de trombeta: “Arda-lioooon!” Numa das janelas mais baixas, logo acima da tabuleta de um bar (que, pelo seu jeito, sugeria que Ardalion devia dinheiro ali) a cortina foi aberta furiosamente e um respeitável cavalheiro parecido com Bismarck e metido num robe enfeitado de alamares olhou para fora com uma trombeta de verdade na mão.

Deixando Lydia no carro, cujo motor já então havia parado de funcionar, subi para acordar Ardalion. Encontrei-o a dormir, com o seu maiô de banho de uma só peça. Rolando para fora da cama, tratou com silenciosa rapidez de enfiar as sandálias, uma camisa azul e calças de flanela. Pegou então uma pasta (com uma protuberância suspeita) e descemos. Uma expressão solene e sonolenta não acrescentava a bem dizer qualquer encanto ao seu rosto de nariz grande. Foi colocado na cadeirinha lá atrás.

Eu não sabia o caminho. Ele disse que o conhecia tão bem quanto o Pai Nosso. Mas, logo que saímos de Berlim, se perdeu. Durante todo o resto da viagem, tivemos de fazer perguntas a um e a outro.

— Eis uma vista que consola o coração de um proprietário! — exclamou Ardalion quando, por volta do meio-dia, passamos por Koenigsdorf e então corremos pelo trecho de estrada que ele conhecia. — Eu lhe direi onde você tem de entrar. Salve, salve, minhas velhas árvores!

— Deixe de palhaçadas, meu caro Ard! — disse placidamente Lydia.

Dos dois lados da estrada, estendiam-se terras desertas e incultas onde só se viam areia e urze, com alguns pinheiros aqui e ali. Mais adiante, a região mudou um pouco. Passamos a ter à nossa direita um campo comum, sombriamente orlado a alguma distância por uma floresta. Ardalion começou a agitar-se de novo. Ao lado direito da estrada, elevava-se um poste amarelo e dali partia em ângulo reto uma estrada quase indistinguível, o fantasma de alguma estrada antiga que ia acabar entre bardanas e aveias silvestres.

— É aqui que se entra — disse Ardalion solenemente e, em seguida, com um resmungo, inclinou-se para a frente sobre mim, porque eu havia pisado nos freios.

Está sorrindo, leitor amigo? Ora, por que não havia você de sorrir? Um dia ameno de verão e um campo muito pacífico; um artista desequilibrado e de boa natureza e mais um poste amarelo à beira da estrada... Aquele poste amarelo. Plantado pelo homem que vendia os lotes, projetado em brilhante solidão, irmão desgarrado dos outros postes pintados que, dezessete quilômetros mais adiante na direção da aldeia de Waldau, montavam sentinela a hectares mais tentadores e caros, aquele ponto de referência acabou sendo para mim uma idéia fixa. Recortado nitidamente em amarelo numa paisagem difusa, apresentava-se nos meus sonhos. As minhas fantasias orientavam-se pela sua posição. Todos os meus pensamentos a ele revertiam. Brilhava como um farol fiel nas trevas de minhas especulações. Tenho hoje a impressão de que o *reconheci* ao vê-lo pela primeira vez; era-me conhecido como uma coisa do futuro. Talvez eu esteja enganado; talvez o olhar que lhe lancei tenha sido indiferente e minha única preocupação fosse impedir que o pára-lama batesse nele quando dei a volta. Apesar de tudo, quando penso nas coisas hoje, não consigo separar aquele primeiro contato do seu desenvolvimento mais maduro.

A estrada, como já foi mencionado, perdia-se, apagava-se. O carro rangia zangadamente ao dar solavancos no chão irreguiar. Parei e dei de ombros.

— Sugiro, caro Ard, — disse Lydia — que a gente vá para Waldau em vez de ficar aqui. Você disse que há por lá um lago e um café ou coisa parecida.

— Absolutamente impossível — replicou nervosamente Ardalion. — Em primeiro lugar, o café ainda está sendo projetado. Além disso, eu também tenho um lago. Vamos, caro amigo, — continuou ele, voltando-se para mim. — Ande com este velho ônibus, que não vai arrepender-se.

À nossa frente, em terreno mais alto, à distância de cem metros, começava uma floresta de pinheiros. Olhei para ela... e juro que tive a sensação de que já a conhecia. É isso mesmo, agora estou percebendo tudo com clareza. . . Tive essa estranha sensação, que não foi acrescentada depois como uma elaboração posterior. E aquele poste amarelo... Como olhou para mim intencionalmente quando me voltei para trás, como se dissesse: “Estou aqui e às suas ordens. . .“ E os pinheiros à minha frente, com a casca semelhante a um couro de cobra avermelhada bem espichado e com a sua cobertura verde que o vento agitava erradamente; e aquela bétula nua na orla da floresta. . . (ora, por que foi que escrevi “nua”? Não era inverno ainda, o inverno estava bem remoto) e o dia tão suave e sem nuvens quase, enquanto os grilozinhos balbuciantes procuravam zelosamente dizer alguma coisa que começava por “z”... Sim, tudo isto tinha um sentido. Não havia engano possível.

—Posso saber onde você quer que eu entre? Não estou vendo estrada de espécie alguma.

—Ora, não seja tão exigente assim — disse Ardalion. — Vá em frente, amigo velho. Em linha reta. A entrada é bem ali e, depois de chegarmos à floresta, é um pulo até minha terra.

—Não era melhor saltarmos e irmos a pé? — propôs Lydia.

—Tem toda a razão — repliquei. — Ninguém iria pensar em roubar um carro abandonado aqui.

—De fato, é muito arriscado — reconheceu Lydia imediatamente.

— Por que não vão vocês dois (Ardalion resmungou) juntos? Ele lhe mostrará o lugar, enquanto eu ficarei a esperá-los aqui. Depois, seguiremos para Waldau, onde tomaremos banho no lago e nos sentaremos no café.

— Como vocês são insensíveis! — exclamou Ardalion com grande exaltação. — Não compreendem que quero recebê-los em minha terra? Tenho algumas boas surpresas reservadas para vocês. Assim me magoam muito.

Dei partida no carro, ao mesmo tempo que dizia:

— Se quebrarmos o carro, você pagará o conserto, fique sabendo.

Os solavancos faziam-me saltar do banco. Ao meu lado, Lydia saltava também e, atrás, Ardalion saltava e não parava de falar.

— Daqui a pouco (solavanco) chegaremos à floresta (solavanco) e então (duplo solavanco), a urze facilitará tudo (solavanco).

Entramos na floresta. Logo de saída, encontramos areia funda. O motor era acelerado, mas as rodas ficavam no mesmo lugar. Afinal, conseguimos sair. Então, os galhos começaram a passar pela carroçaria do carro, arranhando a pintura. Apareceu por fim uma espécie de caminho, que ora se perdia numa vasta extensão de urze, ora reaparecia para serpentear entre os troncos muito juntos.

— Mais para a direita, um pouco mais para a direita — disse Ardalion. — Então, que é que acham desse cheiro de pinheiros? Maravilhoso, não é? Eu bem disse a vocês. Absolutamente maravilhoso. Parem um instante aqui enquanto eu vou investigar.

Saltou do carro e se afastou, requebrando inspiradamente os quadris a cada passo.

— Espere que eu vou também! — gritou Lydia, mas ele ia a toda vela e, num instante, a densa vegetação do chão da floresta o encobriu.

O motor ainda funcionou um pouco e parou.

— Este lugar é de meter medo — disse Lydia. — De fato, eu não gostaria de ter ficado aqui sozinha. Pode-se aqui ser roubado... assassinado... tudo é possível...

Era mesmo um lugar isolado! Os pinheiros sussurravam mansamente, o chão estava coberto de neve e só alguns trechos de terra sem vegetação pareciam escuros. Que absurdo! Como era possível haver neve em junho? Isto devia ser riscado, se não fosse um crime suprimir alguma coisa; o que acontece *é* que o verdadeiro autor não sou eu, mas minha memória impaciente. Compreendam o fato como bem quiserem; nada tenho com isso. E o poste amarelo tem também agora um casquete de neve. Assim, o futuro tremeluz através do passado. Mas basta. Focalizemos de novo aquele dia de verão. A luz do sol era mosqueada e as sombras das ramas se estendiam pelo carro azul. Um cone de pinheiro estava em cima do estribo, onde iria aparecer um dia o mais inesperado dos objetos, um pincel de barba.

— É na terça-feira que eles vêm? — perguntou Lydia.

— Não, na quarta-feira à noite — respondi.

Silêncio.

— Só espero que não o tragam como da última vez.

— E ainda que tragam... Por que você se aborrece com isso, Lydia?

Silêncio. Pequenas borboletas azuis pousam no tomilho.

— Escute, Hermann, tem certeza mesmo de que é quarta-feira à noite?

(Vale a pena revelar o sentido oculto? Estávamos falando de ninharias, aludindo a alguns conhecidos nossos e ao cachorro deles, um bichinho perverso que exigia a atenção de todos os presentes às reuniões; Lydia só gostava de cachorros grandes e com *pedigree*. Quando ela pronunciava a palavra *pedigree*, as

narinas lhe tremiam.)

— Por que é que ele não volta? — disse ela. — Com toda a certeza se perdeu.

Saltei do carro e dei uma volta em torno dele. A pintura estava toda arranhada.

À falta de coisa melhor, Lydia pegou a pasta de Ardalion com a protuberância. Sentiu-a primeiro com as mãos e, depois, abriu-a. Afastei-me alguns passos (não, não posso lembrar-me em que era que eu estava pensando), examinei alguns galhos quebrados a meus pés e voltei para o carro. Lydia estava sentada no estribo e assobiava baixinho. Acendemos ambos os cigarros. Silêncio. Ela tinha um jeito de soltar a fumaça de lado, entortando a boca.

Ouvimos de longe o grito vigoroso de Ardalion. Um minuto depois, apareceu numa clareira e agitou os braços a chamar-nos. Levamos vagarosamente o carro para onde ele estava, circunavegando os troncos das árvores. Ardalion seguiu em frente, de maneira resoluta e direta. Alguma coisa brilhou à frente, o lago.

Já descrevi o terreno dele. Ele não foi capaz de mostrar-me as divisas exatas. Com grandes passos batidos, media os metros, parava, olhava para trás, curvando a meio a perna que lhe suportava o peso. Em seguida, abanava a cabeça e saía à procura de certo toco de árvore que era uma marca já não sei de quê.

As duas bétulas enlaçadas se olhavam na água. Havia uma penugem qualquer na superfície do lago e os caniços brilhavam ao sol. A surpresa prometida por Ardalion era uma garrafa de vodca, a qual, entretanto, Lydia conseguira esconder. Ela ria e corria como uma bola de críquete, vestida com o seu maiô de banho bege com uma faixa dupla, vermelha e azul, na cintura. Quando, depois de se cansar de montar nas costas de Ardalion enquanto ele nadava devagar no lago ("Não me dê beliscões, mulher, senão eu jogo você dentro da água!"), depois de muitos gritos e de muita água espadanada, ela saiu do lago, as pernas pareceram decididamente cabeludas; mas, logo que secaram, um leve aveludado foi só o que apareceu. Antes de dar um mergulho de cabeça, Ardalion se benzia. Havia, ao longo da canela, uma grande e feia cicatriz deixada pela guerra civil. Da abertura do seu maiô de banho repulsivamente frouxo, uma cruz de prata, de padrão mujique, usada por ele sobre a pele, pulava fora sempre que ele dava o salto.

Lydia besuntou-se cuidadosamente com *cold cream* e se deitou de costas, pondo-se à disposição do sol. A poucos metros de distância, Ardalion e eu nos instalamos confortavelmente à sombra do melhor pinheiro dele. Da sua pasta tristemente murcha, ele tirou lápis e um caderno de desenho. Por fim, notei que ele me estava desenhando.

— Você tem um rosto difícil — disse ele, levantando os olhos.

— Quero ver! — exclamou Lydia pressurosamente, mas sem sair do lugar.

— Levante um pouco mais a cabeça — disse Ardalion. — Assim está bom. Obrigado.

— Quero ver — repetiu Lydia um minuto depois.

— Primeiro, tem de me mostrar onde escondeu minha garrafa de vodca — murmurou Ardalion.

— Nada feito! — replicou ela. — Não quero você bebendo em minha presença.

— Essa mulher não regula bem. Acha, meu velho, que ela enterrou a garrafa em algum lugar? E eu que queria beber com vocês a taça da amizade!

— Pois vai ter de deixar de beber por completo — disse ela, sem levantar as pálpebras lambuzadas de creme.

— É muito atrevimento — disse Ardalion.

— Escute aqui — disse eu — por que é que diz que eu tenho um rosto difícil? Qual é a dificuldade?

— Não sei. Não consigo pegar seu rosto com o lápis. Da próxima vez, vou tentar carvão ou óleo.

Apagou alguma coisa com a borracha, tirou o pó com as juntas dos dedos e levantou a cabeça.

— Engraçado, sempre pensei que tinha um rosto comum. Por que não tenta desenhá-lo de perfil?

— É isso mesmo! De perfil! — exclamou Lydia, que continuava deitada na areia com braços e pernas esticados.

— Bem, não acho que seja exatamente comum. Levante um pouco mais a cabeça, sim? Agora, vou-lhe dizer uma coisa. O seu rosto é um pouco estranho. Todas as suas linhas como que deslizam debaixo do meu lápis, deslizam e desaparecem.

— Os rostos assim são raros, não é isso que você quer dizer?

— Todo o rosto é único — afirmou Ardalion.

— Oh, estou sendo assada — murmurou Lydia queixosamente, mas não se moveu.

— Ora, que pretende dizer com essa história de único? Não está indo muito longe? Veja, por exemplo, os tipos definidos de rostos humanos que existem no mundo, digamos os tipos zoológicos. Há pessoas com feições de macaco; há também as que se parecem com os ratos ou com os porcos. Veja então a semelhança com as celebridades... Napoleão entre os homens e a Rainha Vitória entre as mulheres. Já ençontrei quem me dissesse que minha cara lembra a de Amundsen. Tenho deparado muitas vezes com narizes à Leon Tolstoi. Depois, há o tipo de rosto que faz pensar em determinados quadros, um ícone ou uma madona. E que me diz da semelhança que se deve a alguma maneira de viver ou alguma profissão?

— Você vai acabar dizendo que todos os chineses são iguais. O que você esquece, meu caro, é que o que o artista percebe fundamentalmente é a *diferença* entre as coisas. É o vulgo que nota as semelhanças. Quantas vezes já ouvimos Lydia exclamar no cinema: “Oh! Como aquela atriz é parecida com a nossa empregada”?

— Não se meta a engraçado, Ard querido — disse Lydia.

— Mas não pode deixar de reconhecer que às vezes é a semelhança que interessa.

— De fato, mas quando se vai comprar outro castiçal que seja igual ao primeiro.

A bem dizer, não há necessidade de continuar a reproduzir a nossa conversa. Eu desejava ardentemente que ele começasse a falar de sósias, mas isso não aconteceu.

Ao fim de algum tempo, ele largou o seu caderno de desenho. Lydia implorou que ele lhe mostrasse o que tinha feito. Ardalion disse que só mostraria se ela lhe devolvesse a garrafa de vodca. Ela recusou e não viu o desenho.

A lembrança daquele dia termina numa névoa atravessada pela luz do sol ou se mistura com as recordações de excursões posteriores. De fato, aquele primeiro passeio foi seguido de muitos outros. Cheguei a ter uma simpatia sombria e dobrosamente aguda por aquela floresta isolada em cujo interior o lago brilhava. Ardalion tentou intimidar-me para que eu procurasse o gerente e comprasse o terreno contíguo ao dele, mas resisti firmemente. Ainda que eu estivesse ansioso por adquirir terrenos, teria do mesmo jeito deixado de tomar uma decisão, pois os negócios andavam muito mal naquele verão e eu estava farto de tudo: aquele meu imundo chocolate me estava arruinando. Mas eu dou minha palavra, senhores, minha palavra de honra: não foi uma cobiça mercenária, não foi apenas isso, e não apenas o desejo de melhorar minha situação... É desnecessário, porém, antecipar os acontecimentos.

3

Como vamos começar este capítulo? Proponho diversas variantes a escolher. A mmero um é a facilmente adotada nos romances em que a narrativa é desenvolvida na primeira pessoa pelo autor verdadeiro ou substituto. Ei-la:

Hoje, o tempo está firme, mas frio e a violência do vento prossegue implacavelmente. Sob a minha janela, a folhagem das coníferas se balança e sacode. O carteiro na estrada de Pignan anda de banda, segurando o boné na cabeça. Minha inquietação aumenta.

Os aspectos distintivos dessa variante são um pouco óbvios. Em primeiro lugar, é claro que o homem a escrever está situado num lugar determinado; não é simplesmente uma espécie de espírito que paira sobre o papel. Enquanto ele escreve e medita, há uma coisa e outra acontecendo em volta dele. Há, por exemplo, o vento, aquele redemoinho de pó na estrada que eu vejo de minha janela (o carteiro conseguiu afinal virar o corpo e, todo encurvado e ainda lutando, segue em frente). Essa variante número um é agradável e reconfortante. Dá um tempo de descanso e ajuda a introduzir a nota pessoal. Com isso, dá vida à história, especialmente quando a primeira pessoa é tão fictícia quanto o resto. Ora, a questão é justamente essa: um truque da profissão, um pobre artifício gasto até o osso pelos literatos que fazem ficção, não me convém porque me tornei rigorosamente autêntico. Podemos então passar à segunda variante que consiste em deixar imediatamente à solta um novo personagem, começando o capítulo assim:

Orlovius estava descontente.

Quando lhe sucedia ficar descontente, preocupado ou apenas ignorante da solução certa, ele costumava puxar o longo lóbulo da orelha esquerda, com a sua franja de penugem cinzenta; em seguida, para evitar ciúmes, puxava também o longo lóbulo da orelha direita, levantava a vista por trás dos seus óculos simples e honestos e demorava muito para afinal responder: “É pesado de dizer, mas...”

“Pesado” para ele significava “difícil” como em alemão e havia de fato uma grossura teutônica no solene russo que ele falava.

Ora, essa segunda variante do começo de um capítulo representa um método popular e seguro... mas há alguma coisa por demais polida nela. Por outro lado, não julgo conveniente que o tímido e melancólico Orlovius abra com essa desenvoltura as portas de um novo capítulo. Chamo a vossa atenção para a terceira variante.

Nesse meio tempo... (o toque convidativo das reticências).

Antigamente, esse subterfúgio era predileto do Kinematógrafo, aliás, cinematógrafo, aliás cinema. Via-se o herói a fazer isto ou aquilo e nesse meio tempo... — Reticências — e a ação se transportava para o campo. Nesse meio tempo... um novo parágrafo, sim?

... Caminhando pela estrada batida de sol e procurando ficar à sombra das macieiras, sempre que os troncos retorcidos e caiados marchavam ao lado dele...

Não, isso é uma noção tola: ele não vivia sempre a caminhar. Algum imundo *kulak* poderia precisar de um braço a mais. Outra mão seria necessária a algum moleiro estúpido. Desde que nunca fui pessoalmente um vagabundo, não tinha êxito — e ainda não tenho — em reproduzir a vida dele na minha tela particular. O que mais desejava imaginar era a impressão deixada nele de uma certa manhã de maio passada sobre um retalho de grama raquítica nos arredores de Praga. Acordava. Ao lado dele, um homem bem vestido estava sentado e o contemplava. Boa idéia: poderia dar-me um cigarro? Aconteceu que era alemão. Com muita insistência (talvez não fosse muito certo da cabeça) começou a mostrar-me o seu espelho de bolso; chegou mesmo a abusar. Compreendi que estava falando de semelhanças. Ora, pensei, vamos deixar as semelhanças para lá. Não me interessam. Talvez ele tivesse chance de me dar algum bom emprego. Pediu meu endereço. Bem, nunca se sabe, talvez isso dê algum resultado.

Mais tarde, conversa num galpão numa noite quente e escura: “Bem, como eu estava dizendo, encontrei um dia um camarada muito esquisito. Insistia em dizer que éramos duplos.”

Um riso na escuridão: “Vá ver que era você que estava vendo tudo em dobro, velho beberrão.”

Aqui, outro artifício literário apareceu: a imitação de romances estrangeiros, por sua vez também imitações, que retratam os costumes dos vagabundos alegres, dos camaradas joviais. (Creio que os meus artifícios se misturaram um pouco.)

Por falar em literatura, devo dizer que nada há sobre ela que eu não conheça. Sempre foi a minha mania. Já em criança, eu compunha versos e contos complexos. Nunca roubei pêssegos da estufa do rico proprietário do Norte da Rússia de quem meu pai era administrador. Nunca enterrei gatos vivos. Nunca torci os braços de companheiros de brinquedos mais fracos do que eu. Mas, como disse, compunha versos abstrusos e contos complexos, com terrível finalidade e satirizando sem qualquer motivo conhecidos de minha família. Mas eu não escrevia esses contos, nem falava deles. Não se passava um dia sem que eu contasse alguma mentira. Mentia como o rouxinol canta, em êxtase e esquecido de mim mesmo, deleitando-me na nova harmonia de vida que eu estava criando. Por esse doce mentir, minha mãe me dava um tapa nas orelhas e meu pai me sovava com um chicote de montaria que tinha sido um nervo de boi. Isso não me desanimava de maneira alguma; muito ao contrário, estimulava o vôo de minhas fantasias. Com o ouvido zonzo e o assento em fogo, deitava-me de bruços entre as altas plantas do pomar e ali assobiava e sonhava.

Na escola, conseguia invariavelmente as notas mais baixas em composição russa porque tinha uma maneira toda minha de tratar os clássicos russos e estrangeiros. Por exemplo, quando reproduzia “com minhas próprias palavras” o enredo de *Otelo* (que, entendam bem, eu conhecia perfeitamente), tornava o Mouro céptico e Desdêmona, infiel.

Uma aposta sórdida que eu ganhei de um colega mais adiantado e dado a freqüentar mulheres resultou para mim na posse de um revólver. Eu desenhava então a giz nos troncos dos choupos da floresta caras horríveis que berravam e tratava de atirar nos miseráveis, um por um.

Gostava, como ainda gosto, de fazer as palavras parecerem desconfiadas e ridículas, de juntá-las no falso casamento de um trocadilho, de virá-las pelo avesso e de cair sobre elas inadvertidamente. Que é essa pilhéria em majestade? E esse asno em paixão? Como Deus e o diabo se combinam para formar um cão vivo?

Durante vários anos, fui atormentado por um sonho muito estranho e muito desagradável. Sonhava que estava no meio de um longo corredor que tinha uma porta no fundo e queria desesperadamente abri-la, sem coragem para tanto. Afinal, decidia avançar e abrir a porta, mas logo acordava com um gemido porque o que via ali era inimaginavelmente terrível. Era uma sala inteiramente vazia e recém-caiada. Não passava disso, mas era tão terrível que eu não podia suportar. Então, uma noite, uma cadeira e a sua sombra esguia apareceram no meio da sala vazia — não como uma primeira peça de mobilia, mas como se alguém a tivesse levado para subir nela e consertar um pedaço de cortina e desde que eu sabia a *quem* eu iria encontrar ali da próxima vez esticando o corpo com um martelo na mão e a boca cheia de pregos, cuspi-os todos e nunca mais abri aquela porta.

Aos dezesseis anos, ainda na escola, comecei a freqüentar com mais regularidade do que dantes uma casa de tolerância agradavelmente livre de cerimônias. Depois de conhecer as sete pequenas que ali havia, concentrei minha afeição numa gorducha de nome Polymnia, com quem eu costumava beber muita cerveja espumante sobre uma mesa molhada num pomar — eu adoro pomares.

Durante a Guerra, como pode ser que eu já tenha mencionado, vivi entediado numa aldeia de pescadores perto de Astracã e, se não fossem os livros, duvido muito de que tivesse conseguido atravessar aqueles anos sombrios.

Conheci Lydia em Moscou (para onde eu conseguira ir por milagre, esgueirando-me através do tremendo tumulto da guerra civil) num apartamento que pertencia a um conhecido fortuito meu e onde eu estava morando. Era um letão, um homem calado e pálido, de crânio cubóide, cabelos rentes e olhos de peixe morto. Tinha a profissão de professor de Latim, mas conseguiu depois tornar-se uma proeminente autoridade soviética. Naquele alojamento, o destino tinha reunido pessoas que mal se conheciam. Entre elas, estava outro primo de Lydia e irmão de Ardalion, Inocêncio, que, por este ou aquele motivo, foi executado por um pelotão de fuzilamento logo depois de nossa partida. (Falando com franqueza, tudo isso ficaria muito mais bem colocado no início do primeiro capítulo do que no início do terceiro.)

"Audaz e zombeteira, mas intimamente torturada / (Ó, minha alma, o teu archote nunca se acenderá?)!, Do pórtico do vosso Deus e de Seu pomar / para que partir para a Terra e para a noite?"

Meus, muito meus! Minhas experiências juvenis nos sons sem sentido que eu amava, hinos inspirados por minha amante tonta de cerveja e "Shvinburne", como Shvinburne era chamado nas províncias bálticas. . . Agora, uma coisa eu gostaria de saber: seria eu dotado naquele tempo de qualquer das chamadas tendências criminosas? Poderia minha adolescência, tão descorada e sem relevo em todas as aparências, ter segregado a possibilidade de produzir um delinqüente de gênio? Ou quem sabe se eu não estava apenas caminhando por aquele corredor comum de meus sonhos, gritando sempre de horror ao encontrar a sala vazia até que num dia inesquecível não a vi mais vazia? Na verdade, foi então que tudo se explicou e justificou — meu anseio de abrir aquela porta, os estranhos jogos a que me entregava, aquela sede de falsidade, aquele vício de laboriosa mentira que me tinha parecido sem finalidade até então. Hermann descobriu o seu *alter ego*. Isso aconteceu, como já tive a honra de informar-lhes, a nove de maio. Em julho, fui visitar Orlovius.

A decisão que eu havia tomado e que foi rapidamente executada, teve plena aprovação da parte dele, tanto mais que eu estava seguindo um velho conselho que ele me dera.

Uma semana depois, convidei-o para jantar. Prendeu a ponta do guardanapo de lado no colarinho. Enquanto lutava com a sopa, externou o seu desprazer com o rumo que tomavam os acontecimentos políticos. Lydia indagou com vivacidade se ia haver guerra e com quem. Ele olhou para ela por cima dos óculos (mais ou menos como o relance que o leitor teve dele no começo deste capítulo) e finalmente respondeu:

— É pesado de dizer, mas penso que a guerra está excluída. Quando eu era moço, imbuí-me da idéia de só esperar
o bom (quase transformava "bom" em "pum", tão engroladas eram as suas consoantes labiais). — Ainda tenho essa idéia. O essencial para mim é o otimismo.

— O que é muito conveniente na sua profissão — disse eu com um sorriso.

Ele baixou os olhos para mim e replicou cheio de seriedade:

— Mas é o pessimismo que nos dá clientes.

O fim do jantar foi inesperadamente coroado com o chá servido em copos. Por algum motivo inexplicável, Lydia julgava essa conclusão requintada e agradável. De qualquer maneira, Orlovius se mostrou satisfeito. Falando pesada e lugubremente de sua velha mãe, que morava em Dorpat, levantou o copo para mexer o resto do chá à maneira alemã — isto é, não com uma colher, mas por meio de um movimento circular do pulso — de modo a não desperdiçar o açúcar que ficara no fundo.

O acordo que eu assinei com a firma dele foi, da minha parte, uma ação curiosamente vaga e insignificante. Foi mais ou menos nessa época que me tornei tão deprimido, calado e distraído. Até minha mulher tão pouco observadora notou que havia alguma mudança em mim —a especialmente quanto à minha maneira de amar que se tornara uma morna rotina depois de toda aquela furiosa dissociação. Uma vez, no meio da noite, quando estávamos acordados na cama e o quarto parecia intoleravelmente abafado

apesar da janela escancarada, ela disse:

Você parece cansado de tanto trabalho, Herrnanu. Em agosto, iremos para uma praia.

— Ora, não é só o trabalho. É a vida na cidade que está ficando mortalmente intolerável para mim.

Ela não me podia ver o rosto no escuro. Um minuto depois, continuou:

— Veja, por exemplo, o caso de Tia Elisa... aquela tia minha que morava na França, em Pignan. Existe mesmo essa cidade, Pignan?

— Existe.

— Bem, ela não está mais lá! Mudou-se para Nice com o francês velho com que se casou. Eles têm uma granja por lá.

Ela bocejou.

— Meu chocolate está indo para o inferno, minha velhota. — disse eu e bocejei também.

— Ora, tudo vai acabar bem. — murmurou Lydia — Você só precisa é de um descanso.

— Preciso é de uma mudança de vida e não de um descanso. — disse eu com a aparência de um suspiro.

— Mudança de vida? — disse Lydia.

— Escute, você não gostaria de que fôssemos viver num cantinho quieto e cheio de sol? Não seria uma maravilha para você eu abandonar os negócios? Viver respeitavelmente de rendas. Que tal?

— Eu iria viver com você em qualquer lugar, Hermann. Ardalion poderia ir morar conosco e nós compraríamos um cachorro bem grande.

Uma pausa.

— Infelizmente, não podemos ir para lugar algum. Estou a bem dizer arruinado. Acho que a firma do chocolate vai ter de entrar em liquidação.

Um pedestre retardatário passou. Pam! De novo: pam! Estava com certeza batendo nos postes com a bengala.

— Uma adivinhação: minha primeira é esse som, minha segunda é uma exclamação, minha terceira será anteposta a mim quando eu não existir mais e meu conjunto é minha ruína.

A crepitação macia de um carro que passava.

— Não pode então adivinhar?

Mas a tola de minha mulher já estava dormindo. Fechei os olhos, virei-me para o meu lado e tentei dormir também. Não tive jeito. Do meio da escuridão, diretamente para mim, com o queixo esticado para a frente e os olhos fitos nos meus, Felix apareceu. Ao chegar perto, dissolveu-se e o que vi diante de mim foi apenas a longa estrada deserta pela qual ele viera. Em seguida, muito longe, apareceu uma forma, que era de homem e batia com um bastão em todos os troncos de árvores à beira da estrada. Aproximava-se cada vez mais e eu tentei divisar-lhe o rosto... E eis que com o queixo esticado para a frente e os olhos fitos nos meus... Mas tornou a se desvanecer no momento em que me alcançou ou, melhor, pareceu entrar em mim e passar, como se eu fosse uma sombra. Depois disso, só restou a estrada outra vez a estender-se cheia de expectativa. Um vulto reapareceu e era ele de novo.

Virei-me para o outro lado e durante algum tempo tudo pareceu escuro e tranqüilo, em trevas impenetráveis. Mas, pouco a pouco, uma estrada se tornou perceptível. Era a mesma estrada, mas virada ao contrário. De repente, apareceu diante do meu rosto, como se tivesse saído de dentro de mim, a cabeça de um homem de costas, com uma mochila amarrada aos ombros. O seu vulto foi diminuindo lentamente, afastava-se, afastava-se e dentro em pouco iria desaparecer... mas de súbito parou, olhou para trás e voltou pela estrada, de tal modo que seu rosto se tornou cada vez mis claro; e aquele rosto era o meu.

Virei-me de novo, dessa vez deitado de costas e então, como através de um vidro escuro, estendeu-se

acima de mim um céu de um azul escuro muito liso, uma faixa de céu entre as silhuetas das árvores que dos dois lados iam ficando lentamente para trás. Mas quando eu ficava com o rosto voltado para baixo, via correrem abaixo de mim os seixos e a lama de uma estrada rural, fiapos de feno caídos, um sulco aberto pelas rodas de um carro e no qual sê empoçara a água da chuva e nessa poça cuja superfície o vento encrespava, vi a imitação trêmula de meu rosto que, como notei com um choque, não tinha olhos.

— Sempre deixo os olhos para o fim. — disse Ardalion satisfeito.

Estendeu o braço segurando o retrato que com carvão começara a fazer de mim e inclinou a cabeça para um lado e para o outro. Aparecia com freqüência e era em geral na pequena varanda que fazíamos as sessões de pose. Eu tinha tempo de sobra: tinha-me ocorrido conceder a mim mesmo breves férias.

Lydia ficava também presente, com o corpo enroscado numa cadeira de vime e um livro nas mãos; uma ponta de cigarro meio apagada (ela nunca as esmagava até à morte) deixava escapar do cinzeiro com a impávida tenacidade da vida um filete vertical de fumaça. De vez em quando, uma leve aragem fazia-o cair e vacilar, mas em breve se recuperava e ficava tão reto e fino quanto dantes.

— Não acho nada parecido. — disse Lydia sem, entretanto, levantar os olhos do livro.

— Isso virá a seu tempo. — replicou Ardalion. — Vou desbastar um pouco o nariz e, então, ficará melhor. A luz está um pouco ruim esta tarde.

— Quem é que está ruim? — perguntou Lydia, levantando a cabeça e marcando com o dedo o trecho interrompido.

Vou interromper também essa passagem, porque ainda há outro pedaço de minha vida naquele verão digno dé sua atenção, leitor. Ao mesmo tempo que peço desculpas pela confusão e pelas variações de minha história, devo repetir que não sou eu que estou escrevendo mas minha memória que tem caprichos e regras próprias. Vejam-me então vagando de novo pela floresta que fica perto do lago de Ardalion. Dessa vez, vim sozinho e não de carro, mas de trem (até Koenigsdorf) e de ônibus (até o poste amarelo).

No mapa dos subúrbios que Ardalion deixou um dia em nossa varanda, são mostrados com muita clareza todos os aspectos da localidade. Vamos supor que eu esteja segurando esse mapa diante de mim; neste caso, a cidade de Berlim, que está fora do mapa, pode ser imaginada mais ou menos nas imediações de meu cotovelo esquerdo. No canto do sudoeste do mapa propriamente dito, estende-se para o norte, como um pedaço preto e branco de fita métrica, a linha ferroviária que, metafisicamente ao menos, corre de Berlim ao lado do punho da minha manga. Meu relógio-pulseira é a pequena vila de Koenigsdorf, além da qual a fita preta e branca muda de direção e segue para leste, onde há outro círculo (o último botão de meu colete): Eichenberg.

Não há, porém, necessidade ainda de ir tão longe: descemos em Koenigsdorf. Enquanto a estrada de ferro se volta para leste, a sua companheira, a estrada de rodagem, separa-se dela e continua no rumo norte sozinha, diretamente até a aldeia de Waldau (a unha de meu polegar esquerdo). Três vezes por dia, um ônibus faz a ligação entre Koenigsdorf e Waldau (dezessete quilômetros). É em Waldau, diga-se de passagem, que está a sede da empresa que vende os terrenos. Há um pavilhão pintado com cores alegres, uma bandeira de fantasia desfraldada ao vento e vários cartazes amarelos com setas. Um deles, por exemplo, aponta o balneário, mas balneário é coisa que não existe; vê-se apenas um remanso na margem do lago de Waldau. Outro cartaz aponta para o cassino, também inexistente, embora representado por alguma coisa que parece um tabernáculo e onde há um incipiente balcão de café. Pode ver-se outro cartaz que convida a pessoa para o “campo de esportes” e sem dúvida ali se encontra, recém-levantada, uma complicada armação para ginástica, que lembra uma forca e nunca é usada por ninguém, salvo algum garoto da aldeia que se balança de cabeça para baixo, mostrando os fundilhos remendados das calças. E em volta, para todos os lados, estão os lotes. Alguns estão quase vendidos e, aos domingos, vêem-se ali homens gordos de roupa de banho e óculos de aros grossos, atentamente empenhados em construir

bangalôs rudimentares. Aqui e ali, avistam-se rosas recém-plantadas ou, então, uma privada cor-de-rosa cercada de roseiras trepadeiras.

Não iremos, entretanto, até Waldau. Desceremos do ônibus no décimo quilômetro a partir de Koenigsdorf num ponto onde há um poste amarelo isolado do lado direito da estrada. No lado leste da estrada, o mapa mostra um vasto espaço todo pontilhado. Ë a floresta. Ali, bem no centro, fica o pequeno lago onde tomamos banho e em cuja margem oeste estão, estendidos em leque como cartas, doze lotes, dos quais só um foi vendido — o de Ardalion — se se pode realmente dizer que foi vendido.

Agora é que estamos chegando à parte interessante. Já mencionamos a estação de Eichenberg que vem depois de Koenigsdorf quando se viaja para leste. Chegou o momento de apresentar uma questão técnica: É possível a uma pessoa, partindo das proximidades do lago de Ardalion, chegar a Eichenberg a pé? A resposta é afirmativa. Deve-se ir até à margem sul do lago e então seguir na direção leste através da floresta. Depois de uma caminhada de quatro quilômetros sempre por dentro da floresta, chegamos a um caminho rústico que leva de um lado não importa aonde, a povoados que não interessam, ao passo que do outro nos conduz a Eichenberg.

Minha vida está toda estropiada e confusa, mas lá me vou eu fazendo palhaçadas, jogando com pequenas descrições de lugares, empregando às vezes o confortável pronome “nós”, piscando os olhos para o turista, para o dono de bangaló, para o amante da natureza, para a pitoresca mistura de verdes e azuis. Mas tenha paciência comigo, caro leitor. O passeio que vamos dar agora será um bom prêmio. Essas conversas com o leitor são sem dúvida muito bobas. Apartes de teatro. A vaia eloqüente: “Mais baixo! Vem gente aí...”

Aquele passeio. O ônibus me deixou diante do poste amarelo e continuou o seu caminho, livrando-me de três velhas com vestidos pretos de bolinhas, de um camarada com colete de veludo que levava uma foice dentro de um saco, de uma mocinha que carregava um enorme embrulho e de uni homem vestido de sobretudo apesar do calor e com uma grande bolsa de viagem que parecia bem pesada nos joelhos. Devia ser um veterinário.

Entre os eufórbios e a grama do campo, encontrei marcas de pneus. Eram dos pneus de meu carro que tinham batido e saltado ali várias vezes, durante os nossos passeios. Eu usava calções de golfe ou como os alemães lhes chamam, *knickerbackers* (com o “k” soando). Entrei na floresta. Parei no mesmo lugar onde eu e minha mulher tínhamos esperado Ardalion. Fumei ali um cigarro. Olhei para o pequeno novelo de fumaça que se estendia lentamente a meia altura, era dobrado por dedos fantasmais e se dissolvia. Senti um espasmo na garganta. Fui até ao lago e vi na areia os restos alaranjados e pretos do papel de um rolo de filmes (Lydia tinha tirado instantâneos nossos). Contornei o lago e, ao chegar ao lado sul, segui diretamente para leste através da cerrada floresta de pinheiros.

Ao fim de uma hora de caminhada, cheguei ao caminho rural. Entrei por ele e daí a mais uma hora cheguei a Eichenberg. Embarquei num trem vagaroso. Voltei para Berlim.

Várias vezes fiz esse passeio sem jamais encontrar vivalma na floresta. Penumbra e um profundo silêncio. A terra à beira do lago não se estava de modo algum vendendo. Aliás, todo o loteamento ia de mal a pior. Quando nós três costumávamos ir tomar banho no lago, a nossa solidão durante o dia inteiro era tão perfeita que se poderia, se quisesse, tomar banho em pêlo. Isso me recorda que uma vez, por ordem minha, a apavorada Lydia tirou o maiô de banho e, com muitos rubores lindos e risinhos nervosos, posou em amarelo claro e castanho (com as coxas roliças tão apertadas que mal podia ficar de pé) para o seu retrato diante de Ardalion, que de repente se aborreceu com alguma coisa, talvez com a sua falta de talento, parou de desenhar e saiu por ali à procura de cogumelos comestíveis.

Quanto ao meu retrato, trabalhou obstinadamente nele até agosto quando, tendo falhado com a honesta dureza do carvão, mudou para a mesquinha falta de caráter do pastel. Marquei por mim mesmo um certo

limite de tempo: a data em que ele devia terminar o trabalho. Afinal, sentiu-se o aroma de suco de pêra do verniz, o retrato foi emoldurado e Lydia deu a Ardalion vinte marcos alemães, metidos por delicadeza num envelope. Tivemos visitas naquela noite, entre as quais Orlovius e todos nós ali ficamos a olhar... o quê? O horror rosado de meu rosto. Não sei por que ele tinha dado às minhas faces, mortalmente pálidas, aquele tom de fruta. Por mais que se olhasse, não se podia ver nem sombra de semelhança! Como era profundamente ridículo, por exemplo, aquele ponto vermelho no canto do olho ou aquele relance de um canino sob o lábio franzido e ríspido! Tudo isso diante de um fundo ambicioso que sugeria árvores que poderiam ter sido figuras geométricas ou forcas...

Orlovius, em quem a miopia era uma forma de burrice, aproximou-se do retrato o mais possível, depois de haver levantado os óculos para a testa (por que os usava? Eram apenas um estorvo) e ficou ali parado com a boca entreaberta, arquejando levemente diante do quadro como se o quisesse devorar. "Estilo moderno", murmurou afinal com desgosto e passou ao quadro vizinho, que começou a examinar com a mesma atenção conscienciosa, embora não passasse de uma gravura comum encontrada em todas as casas de Berlim, *A Ilha dos Mortos*.

E agora, caro leitor, imaginemos um pequeno escritório no sexto andar de um edifício impessoal. A datilógrafa já tinha saído; eu estava sozinho. Na janela, aparecia um céu cheio de nuvens. Na parede, uma folhinha mostrava um grande nove preto que lembrava a língua de um touro: o nove de setembro. Na mesa, jaziam as preocupações do dia (sob a forma de cartas dos credores) e entre elas uma caixa de chocolate simbolicamente vazia com a mulher de lilás que não me fora fiel. Ninguém mais. Tirei a capa da máquina de escrever. Silêncio completo. Em certa página do meu caderninho de bolso (posteriormente destruído) havia um endereço escrito por alguém quase analfabeto. Olhando por aquele prisma trmulo, eu podia ver uma testa pálida curvada, um ouvido sujo, uma cabeça inclinada, uma violeta pendente de uma lapela e um dedo de unha negra comprimido sobre a minha lapiseira de prata.

Lembro-me de que saí desse torpor, tornei a guardar o caderninho no bolso, tirei as chaves e já ia fechar tudo e sair... Cheguei mesmo a sair mas parei no corredor com o coração a bater mais depressa... Não, era impossível sair... Voltei ao escritório e fiquei durante algum tempo à janela olhando para o edifício do outro lado. As lâmpadas defronte de mim já estavam acesas e brilhavam sobre livros de escrituração e um homem de preto que, com a mão nas costas, andava de um lado para outro, presumivelmente ditando alguma coisa para uma secretária que eu não podia ver. Aparecia de vez em quando e, em dado momento, parou diante da janela para pensar um pouco. Em seguida, virou-se e continuou ditando, ditando, ditando!

Inexorável! Acendi a luz, sentei-me e apertei as têmporas com as mãos. De repente, com uma fúria alucinada, o telefone se pôs a tocar; mas não passava de um engano.

Houve então mais uma vez silêncio, quebrado apenas pela batida leve da chuva que apressava o cair da noite.

4

“Caro Felix: Consegui trabalho para você. Em primeiro lugar, devemos ter um encontro frente a frente, um monólogo para acertar os ponteiros. Como tenho de ir a negócios à Saxônia, sugiro que se vá encontrar comigo em Tarnitz, que, segundo espero, não deve ser muito longe do lugar onde está atualmente. Mande dizer-me, sem demora, se meu plano lhe convém. Em caso afirmativo, eu lhe direi o dia, a hora e o lugar exato, além de mandar-lhe o dinheiro que possa custar a sua viagem. As muitas viagens que costumo fazer me impedem de ter uma residência fixa, de modo que será melhor mandar a sua resposta para a posta-restante de... (segue-se o endereço de uma agência postal de Berlim), com o nome “Ardalion” no envelope. Por enquanto, adeus. Espero as suas notícias”. (Não havia assinatura.)

Aqui está diante de mim a carta que finalmente escrevi naquele 9 de setembro de 1930. Não posso mais saber se empreguei “monólogo” por lapso ou pilhéria. A carta está batida num papel azul muito bom que tem como filigrana o desenho de uma fragata. Mas está agora lamentavelmente dobrada e com as dobras e cantos sujos, havendo ainda talvez vagas marcas dos dedos dele. Parece, portanto, que eu fui o destinatário e não o remetente. Ora, isso bem podia acontecer com o tempo, pois não mudamos de lugar, ele e eu?

Tenho em meu poder mais duas cartas escritas em papel semelhante, mas todas as *respostas* foram destruidas. Se eu ainda as tivesse — se tivesse, por exemplo, aquela resposta idiota que, com uma displicência lindamente oportuna, mostrei a Orlovius (e depois destruí com o resto), seria possível agora adotar uma forma de narração epistolar. Trata-se de uma forma consagrada pelo tempo e com muitos êxitos no passado. De X a Y: “Meu caro Y” e antes disso encontra-se a data com toda a certeza. As cartas vão e vêm — exatamente como o vôo pam-pum de bolas por sobre uma rede. O leitor dentro em pouco deixa de dar qualquer atenção às datas. E, na verdade, que importância tem para ele que uma carta tenha sido escrita a 9 ou a 16 de setembro? As datas são, porém, necessárias para manter a ilusão.

E assim prosseguem as coisas, X escreve para Y e Y escreve para X em páginas e mais páginas. Às vezes, aparece uma pessoa de fora, digamos Z, que intervém no caso e faz sua pequena contribuição à correspondência, mas só procede assim com o intuito de esclarecer o leitor (sem olhar para ele durante todo o tempo a não ser fortuitamente) sobre algum fato que, por motivos de plausibilidade, etc., nem X, nem Y poderiam ter explicado satisfatoriamente.

Por outro lado, escrevem com muita circunspeção. Todos os períodos que começam com a frase: “lembra-se daquela ocasião em que” (a que se seguem recordações minuciosas) figuram no livro, não com a finalidade de refrescar a memória de Y, mas com a de dar ao leitor a referência necessária — de modo que, em conjunto, o efeito produzido é um pouco estranho, sendo aquelas datas cuidadosamente inscritas e perfeitamente desnecessárias, particularmente engraçadas, como já disse. E quando afinal Z irrompe subitamente com uma carta para o seu correspondente pessoal (desde que tais romances fazem supor um mundo formado de correspondentes) falando da morte de X ou de Y ou, então, da feliz união dos dois, o leitor se vê na contingência de preferir a tudo isso a mais ordinária carta de uma notificação de impostos. Em regra, eu me destaco pelo meu excepcional senso de humor, que acompanha em geral uma boa imaginação; infeliz da fantasia desacompanhada de espírito.

Um momento. Eu estava copiando aquela carta e eis que ela desapareceu não sei onde.

Posso continuar. A carta havia escorregado para baixo da mesa.

Uma semana depois, a resposta chegou. Já tinha ido à agência do correio cinco vezes e meus nervos estavam à flor da pele. Felix me informava que aceitava gratamente a minha sugestão. Como acontece comumente com as pessoas sem instrução, o tom da carta dele estava em completo desacordo com o de sua conversação habitual. A voz epistolar de Felix tinha um trêmulo falsete com lapsos de eloqüente

rouquidão ao passo que, na vida real, ele tinha uma voz de barítono satisfeito a descambar para um baixo didático.

Tornei a escrever-lhe, juntando dessa vez uma nota de dez marcos e pedindo que ele se encontrasse comigo às cinco horas da tarde do dia 1. de outubro perto da estátua eqüestre de bronze ao fim do bulevar que começa à esquerda da praça da estação da estrada de ferro em Tarnitz. Não me lembro nem da identidade daquele cavalheiro de bronze (algum vulgar e medíocre *Herzog*, segundo creio), nem do nome do bulevar, mas um dia, atravessando a Saxônia no carro de um conhecido comercial, tive de passar duas horas em Tarnitz, enquanto meu companheiro tentava dar um complicado telefonema. Como sempre possuí uma memória de tipo fotográfico, focalizei e fixei aquela rua, aquela estátua e outros detalhes. Era, na verdade, uma foto bem pequena, embora, se eu soubesse algum meio de ampliá-la, seria possível distinguir até as tabuletas das lojas, pois essa minha objetiva é de admirável qualidade.

Minha carta de 16 de setembro é escrita a mão. Redigi-a na agência do correio, tão emocionado de ter recebido uma resposta à minha carta de “9 do corrente” que não tive paciência de esperar até chegar a uma máquina de escrever. Além disso, não tinha qualquer motivo especial para sentir timidez diante de qualquer de minhas várias mãos, pois sabia que acabaria sendo o destinatário. Depois de botar a carta no correio, senti o que deve sentir uma folha roxa de borda grossa e com veias vermelhas no seu longo esvoaçar do galho até ao regato.

Alguns dias antes do 1° de outubro, aconteceu-me dar um passeio com minha mulher pelo Tiergarten. Paramos ali numa ponte para pedestres, com os cotovelos no peito. Embaixo, na superfície tranqüila da água admiramos a cópia exata (deixando de lado evidentemente o modelo) da tapeçaria outonal da folhagem de muitos matizes do parque, o azul de vidro do céu e os contornos escuros do parapeito e dos nossos rostos inclinados. Quando uma folha caía lentamente, esvoaçava para o alto ao encontro dela, subindo das profundezas sombrias da água, a sua inevitável imagem. O encontro das duas folhas era silencioso. A folha caía rodopiando e, rodopiando, subia para ela pressurosamente o seu reflexo, exato, belo e letal. Não conseguia afastar os olhos daqueles inevitáveis encontros.

— Vamos — disse Lydia e deu um suspiro. — Outono, outono. — disse ela, ao fim de algum tempo. — Outono. Sim, já é outono.

Ele já estava usando o seu casaco de pele malhada de leopardo. Fiquei um pouco para trás e espetei folhas caídas com a ponta da bengala.

— Que beleza deve estar a Rússia agora. — disse ela.

(Declarações semelhantes partiam dela no começo da primavera e nos belos dias de inverno: só o verão nenhuma influência exercia sobre a imaginação dela).

— Não há felicidade na terra... Há, porém, paz e liberdade. Um destino invejável por que há muito anseio. Escravo exausto.

— Vamos, escravo exausto. Temos de jantar mais cedo hoje.

— ... penso há muito em fugir... Você certamente se iria aborrecer, Lydia... sem Berlim, sem as tolices de Ardalion, não era mesmo?

— Muito ao contrário. Estou ansiosa também para ir para algum lugar... Sol, mar... Uma boa vida confortável. Não posso compreender por que você o critica assim.

— ... É tempo, querida, é tempo. O coração reclama repouso... Oh, não, não o estou criticando. Por falar nisso, que é que vamos fazer com aquele monstruoso retrato?... Os dias passam e.

— Veja, Hermann, um grupo a cavalo. Sou capaz de apostar que aquela mulher se julga uma beleza. Vamos, mais depressa. Você está arrastando os pés como um menino amuado. Se quer saber da verdade, eu gosto muito dele. Há muito quero dar a Ardalion um bom dinheiro para uma viagem à Itália.

— ... Um destino invejável ... por que há muito anseio. .. Hoje em dia, a Itália não vale nada para um

mau pintor. Isso poderia ter acontecido outrora, há muito tempo... Penso há muito em fugir...

— Parece que está dormindo, Hermann. Vamos mais depressa.

Vou ser agora muito franco. Eu não experimentava qualquer desejo especial de repouso. Mas isso vinha sendo o assunto principal entre minha mulher e eu. Sempre que estávamos sozinhos, eu encaminhava a conversa com insensível obstinação para "a mansão de puro prazer" do poema de Puchkine.

Enquanto isso, contava com impaciência os dias. Tinha adiado o encontro para 19 de outubro, porque desejava assegurar-me uma chance de mudar de idéia. Não posso deixar de pensar que se tivesse mudado de idéia e não fosse a Tarnitz, Felix ainda estaria por lá rondando em torno do duque de bronze ou descansando num banco próximo a desenhar com o seu bastão da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, os arco-íris terrestres desenhados por todo o homem que tem um bastão e tempo de folga (nossa eterna sujeição ao círculo em que estamos todos aprisionados!). Assim, ele estaria sentado até hoje e eu continuaria a lembrar-me dele com selvagem angústia e paixão; um dente que dói e não se pode arrancar; uma mulher que não se pode possuir; um lugar que, em vista da topografia peculiar dos pesadelos, se mantém angustiosamente fora do nosso alcance.

Na véspera de minha partida, Ardalion e Lydia estavam jogando paciência enquanto eu caminhava pelo apartamento e me inspecionava em todos os espelhos. Naquela época, eu ainda estava em muito boas relações com os espelhos. Na quinzena anterior, tinha deixado crescer o bigode. Isso alterava a minha cara para pior. Acima da boca descorada, eriçava-se a mancha castanho-avermelhada com uma pequena falha obscena no meio. Eu tinha a sensação de que o bigode estava grudado e às vezes me parecia que um animaizinho cheio de cerdas tinha pousado em meu lábio superior. À noite, quase dormindo, levava as mãos ao rosto e os dedos não reconheciam o bigode. Como estava dizendo, eu passeava pela casa e fumava. De todos os espelhos da casa me contemplava, com olhos apreensivos e graves, um homem artificial e feito às pressas. Ardalion, de camisa azul e com uma falsa gravata escocesa, batia cartas na mesa uma por uma, como um jogador de taverna. Lydia estava sentada à mesa de lado, de pernas cruzadas, com a saia acima da linha das meias e soltava para cima a fumaça de seu cigarro, com o lábio inferior esticado e os olhos fixos nas cartas em cima da mesa. A noite era escura e agitada. De cinco em cinco segundos, aflorava a superfície dos telhados o clarão pálido da Torre de Rádio, uma contração luminosa, a loucura mansa de um holofote giratório. Pela estreita janela aberta do banheiro, entrava a voz pastosa de um locutor de rádio. Na sala de jantar, as lâmpadas iluminavam o meu horrível retrato. Ardalion de camisa azul batia as cartas. Lydia estava sentada com os cotovelos na mesa. Do cinzeiro a fumaça subia. Fui para a varanda.

— Feche a porta, senão vai haver gritou Lydia da sala de jantar. Um vento forte fazia as estrelas piscarem e lucilarem.

— Para onde vai o nosso belo? — perguntou Ardalion sem se dirigir a nenhum de nós.

— A Dresde — respondeu Lydia.

Tinham passado a jogar *durachki*, os idiotas.

— Lembranças minhas à Sistina — disse Ardalion. — Não, acho que isso eu não posso jogar. Vamos ver. Tem de ser assim.

— Seria bom que ele fosse logo para a cama, cansado como está — disse Lydia. — Escute aqui, você não tem o direito de olhar as cartas do baralho. É desonesto.

— Não tive intenção — disse Ardalion. — Não se zangue, gatinha. E ele vai demorar muito?

— Outra vez, Ardy? Assim, não pode ser.

Continuaram assim durante muito tempo, ora falando das cartas, ora falando de mim, como se eu não estivesse na sala, como se eu fosse uma sombra, um fantasma, uma pessoa muda. Esse hábito deles de

fazer pilhérias, que até então sempre me deixara indiferente, parecia-me nesse momento repleto de sentido, como se de fato o meu reflexo é que estivesse presente, com meu verdadeiro corpo bem longe dali.

Desembarquei em Tarnitz no dia seguinte à tarde. Levava uma maleta que me dificultava os movimentos, pois pertenço a essa espécie de homens que detestam carregar alguma coisa. O que me agrada é exibir luvas caras, abrindo os dedos e balançando livremente os braços, enquanto caminho vivamente e viro para fora as pontas rebrilhantes dos pés belamente calçados, que são pequenos para o meu tamanho e são muito elegantes com as polainas cinzentas porque, do mesmo modo que as luvas, as polainas dão a um homem uma elegância madura semelhante ao *cachet* especial dos artigos de viagem de classe.

Gosto das lojas onde se vendem malas que cheiram bem e estalam, com a virgindade do couro sob o invólucro protetor. Mas estou divagando, divagando. . . talvez eu queira mesmo divagar. .. Mas deixemos isso para lá e vamos continuar. Onde estava eu? Sim, resolvi deixar minha mala no hotel. Que hotel? Atravessei a praça, correndo os olhos em torno, não só a procura de um hotel, mas também num esforço para lembrar-me do lugar, pois já havia passado por ali uma vez e me lembrava daquele bulevar e da agência do correio. Mas não tive tempo de pôr em ação a memória. De repente, a minha visão foi tomada pela tabuleta de um hotel, que tinha à porta dois loureiros em vasos verdes mas essa sugestão de luxo se revelou uma decepção. Logo que se entrava, o mau cheiro que vinha da cozinha estupidificava a gente. Dois idiotas hirsutos tomavam cerveja no bar e um velho garçom, agachado e balançando a ponta do guardanapo debaixo do braço, fazia rolar no chão um cachorro gordo e de barriga branca, que também balançava o rabo.

Pedi um quarto (acrescentando que meu irmão poderia passar a noite comigo) e fui levado a um quarto de bom tamanho com duas camas e um jarro de água choca numa mesa redonda, como numa farmácia. Depois que o garçom saiu, fiquei ali mais ou menos sozinho com um zumbido nos ouvidos e tomado por uma sensação de estranha surpresa. Meu sósia já devia estar na mesma cidade que eu; talvez até já estivesse esperando; por conseguinte, eu era representado por duas pessoas. Se não fosse o meu bigode e as minhas roupas, o pessoal do hotel poderia... Mas talvez (continuei a saltitar de pensamento em pensamento) as feições dele se tivessem alterado e não fossem mais como as minhas, tendo eu, portanto, vindo em vão. “Oh, sim Deus!” disse eu com energia, mas sem compreender ao certo por que falava assim, pois todo o sentido de minha vida passara a consistir no fato de que eu possuía um reflexo vivo de mim mesmo. Por que, então, mencionava eu o nome de um Deus inexistente e me passava um instante pelo espírito a louca esperança de que esse reflexo estivesse desfigurado?

Fui até à janela e olhei para fora: vi lá embaixo um pátio sombrio e um tártaro de costas arredondadas e com um pequeno gorro bordado à cabeça que mostrava um tapete azul a uma mulher rechonchuda e descalça. Ora, eu conhecia aquela mulher e reconheci também o tártaro e o trecho de mato num canto do pátio, aquele redemoinho de poeira, a branda pressão do vento do Cáspio e o céu pálido de tanto olhar fábricas de conserva de peixe.

Nesse momento, bateram na porta e uma camareira entrou com o travesseiro a mais e o vaso noturno mais limpo que eu tinha pedido. Quando voltei para a janela, não foi mais um tártaro que vi ali mas um mascate local que vendia suspensórios, ao mesmo tempo que a mulher desaparecera. Mas, enquanto eu estava ali, recomeçou o processo de fusão, de construção, de formação de uma recordação definida. Voltaram a aparecer, crescendo e aglomerando-se, os matos do canto do pátio e de novo a ruiva Christina Forsmann, a quem eu conhecera carnalmente em 1915, tocou no tapete e a areia voltou a subir no ar. Não pude descobrir qual era o núcleo em torno de que todas essas coisas se formavam, nem qual era o germe, a fonte — de repente, olhei para o jarro de água e disse “quente” — como no jogo em que se procuram

objetos escondidos. É muito possível que eu tivesse afinal encontrado a insignificância que, inconscientemente notada por mim, teria posto imediatamente em funcionamento o mecanismo da memória (ou, então, não encontraria coisa alguma e a explicação simples e nada literária seria o fato de que tudo num quarto de hotel provinciano na Alemanha, até a vista, lembra de uma maneira vaga e feia alguma coisa vista na Rússia eras antes) se não me tivesse lembrado do encontro que tinha marcado. Isso me fez calçar as luvas e sair às pressas.

Desci o bulevar e passei pela agência do correio. Um vento brutal estava soprando e perseguindo folhas — corram, aleijadas! — de um lado da rua para outro. Apesar de minha impaciência, eu era tão observador como sempre, notando as caras e as calças dos transeuntes, os bondes que pareciam de brinquedo comparados com os de Berlim, as lojas, uma enorme cartola pintada numa parede cuja pintura se descascava, as tabuletas das lojas, o nome de um vendedor de peixe, Carl Spiess, que me lembrou um Carl Spiess que eu havia conhecido naquela aldeia do Volga de meu passado e que também vendia peixes grelhados.

Por fim, chegando ao fim da rua, vi o cavalo de bronze que empinava as patas dianteiras e usava a cauda como um ponto de apoio, como um pica-pau. Se o duque montado nele tivesse estendido o braço com mais energia, o monumento à luz mortiça da tarde poderia passar pelo de Pedro, o Grande, na cidade por ele fundada. Num dos bancos, um velho estava comendo uvas de um saco de papel; em outro banco, estavam sentadas duas senhoras idosas; uma velha inválida e enorme reclinada numa cadeira de rodas ouvia a conversa das duas com os olhos ansiosos. Duas ou três vezes dei a volta à estátua, observando ao passar a cobra a contorcer-se sob o casco traseiro do cavalo, a inscrição em latim e a bota de montaria com a estrela escura de uma espora. Desculpem, mas não havia cobra de espécie alguma; era apenas minha fantasia que transferia características do Czar Pedro, cuja estátua, aliás, está com botas de cano baixo.

Sentei-me então num banco vazio (havia meia dúzia ao todo) e olhei para o meu relógio. Passavam três minutos das cinco. Pardais saltitavam na grama. Num canteiro ridiculamente curvo, cresciam as flores mais sórdidas do mundo, as margaridas de S. Miguel. Passaram dez minutos. Não, minha agitação se recusava a ficar sentada. Além disso, eu estava sem cigarros e ansioso para fumar.

Entrei numa rua transversal, passando por uma igreja protestante que afetava um ar de antiguidade, e empurrei a porta de um varejo de cigarros. A campainha automática continuou a tocar depois de minha entrada pois eu não havia fechado bem a porta.

— Quer fazer o favor? — disse a mulher de óculos que estava do outro lado do balcão. Recuei mais que depressa e fechei a porta. Logo acima dela estava um dos quadros de natureza morta de Ardalion: um cachimbo sobre um pano verde e duas rosas.

— Como conseguiu isso? — perguntei rindo.

Ela a princípio não compreendeu, mas por fim respondeu:

— Foi minha sobrinha que pintou... Minha sobrinha que morreu há pouco tempo.

Com os diabos! (pensei eu). Já não tinha visto alguma coisa muito semelhante, talvez idêntica, entre os quadros de Ardalion? Bem, com todos os diabos!

— Ah, compreeendo — disse eu em voz alta. — A senhora tem aí...

Disse o nome da marca que costumo fumar, paguei os cigarros e saí.

Cinco e vinte.

Sem coragem de voltar ao lugar do encontro (dando, portanto, ao destino uma chance de alterar o seu programa) e ainda sem sentir nada, nem aborrecimento, nem satisfação, caminhei por muito tempo pela rua transversal que me afastava da estátua e quase a cada passo parava a fim de acender o cigarro, mas o vento teimava em me apagar o isqueiro até que me refugiei num portal e botei o pé-de-vento para correr

(que expressão!), depois do que, fiquei vendo duas meninas que jogavam gude. Cada uma delas rolava por sua vez as bolas iridescentes, ora curvando-se para impulsioná-las com o polegar, ora prendendo-as entre os pés para soltá-las com um salto, tudo isso a fim de fazer as bolas caírem num pequeno buraco cavado no chão sob uma bétula de tronco duplo. Enquanto estava ali olhando aquele jogo concentrado, silencioso e insignificante, comecei a pensar que Felix não podia aparecer pela simples razão de que era um produto de minha imaginação que ansiava por máscaras, reflexos e repetições e, portanto, a minha presença naquela cidadezinha remota era absurda e até monstruosa.

Lembro-me bem daquela cidadezinha e sinto-me estranhamente perplexo. Devo continuar a dar exemplos dos aspectos da mesma que me faziam lembrar de uma forma horrivelmente desagradável coisas que eu tinha visto em algum lugar havia muito tempo? Chega até a parecer-me que aquela cidade era construída de certas partículas refugadas de meu passado, porque descobri ali coisas que me eram notável e fantasticamente conhecidas: uma casa baixa azul-clara, que era a cópia exata de uma que eu tinha visto num subúrbio de S. Petersburgo; uma loja de roupas usadas, onde havia ternos que tinham sido de conhecidos meus mortos; um lampião de rua que tinha o mesmo número (gosto sempre de reparar os números dos postes de iluminação) do que havia diante da casa em Moscou em que fui inquilino; e quase a mesma bétula sem folhas com o mesmo tronco em forquilha num espartilho de ferro (ah, foi isso o que me fez olhar para o número do poste). Poderia, se quisesse, dar muitos outros exemplos dessa espécie, alguns dos quais são tão sutis, tão — como direi? — abstratamente pessoais que se tornam ininteligíveis para o leitor, a quem mimo e faço a vontade como uma babá dedicada. Por outro lado, não tenho absoluta certeza da excepcionalidade dos fenômenos mencionados acima. Qualquer homem de olhos vivos conhece bem essas passagens contadas de novo da sua vida passada: combinações de detalhes falsamente inocentes, que sabem revoltantemente a plágio. Vamos deixá-las com a consciência do destino e voltar, com o coração pequeno e uma torva relutância, ao monumento do fim da rua.

O velho tinha acabado as suas uvas e se fora embora. A mulher, gravemente atacada de hidropisia, fora levada na sua cadeira de rodas. Não havia ninguém por ali, salvo um homem, que estava sentado no mesmo banco em que eu me sentara pouco antes. Curvado um pouco para a frente e com os joelhos abertos, estava jogando migalhas de pão para os pardais. O bastão dele, que estava descuidadamente encostado ao banco perto do seu quadril esquerdo, entrou lentamente em movimento no momento em que lhe notei a presença. Começou a escorregar e caiu com um baque no saibro. Os pardais levantaram vôo, descreveram uma curva e pousaram nos arbustos circundantes. Percebi que o homem se havia voltado para mim.

Tem razão, meu inteligente leitor.

5

Com os olhos fixos no chão, apertei a mão direita dele com a minha mão esquerda. Ao mesmo tempo, apanhei o bastão caído e me sentei no banco ao lado dele.

— Chegou atrasado — disse eu sem olhar para ele.

O homem riu. Ainda sem olhá-lo, desabotoei o sobretudo, tirei o chapéu e passei a mão pela cabeça. Sentia o corpo todo quente. O vento havia morrido no hospício.

— Reconheci-o imediatamente — disse Felix com um ar lisonjeiro e tolamente conspirador.

Olhei então para o bastão que tinha nas mãos. Era forte e velho, com a madeira de tília talhada num lugar onde se via cuidadosamente gravado o nome do dono: "Felix de tal." Abaixo do nome, vinha a data e por fim o nome da aldeia dele. Deixei o bastão em cima do banco e passou-me por um instante pela cabeça a idéia de que o sujeito fizera a viagem apé.

Afinal, criando coragem, voltei-me para ela. Apesar disso, não foi imediatamente que lhe olhei o rosto. Comecei pelos pés e fui subindo lentamente, como acontece no cinema quando o *cameraman* quer tantalizar o público. Primeiro, vi os sapatões empoeirados, as meias grossas sujas à altura dos tornozelos, depois as calças azuis lustrosas (as de veludo deviam estar imprestáveis), depois a mão que segurava um pedaço de pão seco e o paletó azul sobre um suéter cinza-escuro. Ainda mais acima, o colarinho mole que eu já conhecia, embora relativamente limpo. Parei aí. Devia deixá-lo sem cabeça ou continuar o reconhecimento? Protegi-me com a mão à minha frente e olhei-lhe o rosto por entre os dedos.

Por um momento, tive a impressão de que tudo tinha sido uma ilusão ou, melhor, uma alucinação. Aquele idiota nunca poderia ser meu sósia, com aquelas sobrancelhas arqueadas, aquele olhar de soslaio e cheio de expectativa, aquela cara que não sabia a expressão que devia mostrar e, por isso, arqueava as sobrancelhas para não errar. Como disse, ele me apareceu por um momento como qualquer outro homem. Mas nesse momento, refeitos do susto, os pardais voltaram. Um deles saltitou muito perto e isso desviou a atenção do homem. As suas feições voltaram à posição exata e eu vi mais uma vez a maravilha que me havia empolgado cinco meses antes.

O homem jogou um punhado de migalhas para os pardais. O que estava mais perto deu uma bicada atarantada e a migalha lhe caiu do bico, sendo imediatamente colhida por outro pardal, que saiu voando imediatamente. Felix tornou a voltar-se para mim com o seu servilismo cheio de expectativa e bajulação.

— Este aqui não teve nada — disse eu apontando um pardalzinho que estava um pouco afastado e batia o bico desesperadamente.

— É muito novinho — disse Felix. — Veja, quase não tem rabo ainda. Gosto muito de passarinhos — acrescentou ele com um riso nauseante.

— Esteve na guerra? — perguntei e tive de tossir várias vezes para limpar a garganta pois minha voz estava rouca.

— Estive — respondeu ele. — Dois anos. Por quê?

— Por nada. Teve muito medo de morrer?

Ele piscou o olho e respondeu com evasiva obscuridade:

— Todo o rato tem um buraco, mas não é todo o rato que sai para fora.

Em alemão, a frase rimava e eu já havia percebido a tendência dele a dizer provérbios insípidos. Era completamente inútil dar tratos à bola para saber qual era realmente a idéia que ele queria exprimir.

— Acabou. Nada mais para vocês — disse ele aos pardais. — Gosto também de esquilos (piscou de novo os olhos). — É bom quando uma floresta está cheia de esquilos. Gosto deles porque são contra os proprietários de terras. E as toupeiras também.

— E os pardais? — perguntei com muita delicadeza.

— São também “contra”, como diz?

— O pardal é um mendigo entre os pássaros, um verdadeiro mendigo de rua. Um mendigo — repetiu algumas vezes, apoiado no bastão com as duas mãos e balançando um pouco o corpo.

Era evidente que ele se considerava um argumentador extraordinariamente astuto. Não, ele não era apenas um idiota, mas um idiota do tipo melancólico. Até o sorriso dele era triste e enjoava só de se olhar. Não obstante, eu o olhava avidamente. Estava muito interessado em observar como nossa notável semelhança era desfeita pelos seus movimentos faciais. Se ele chegasse à velhice, pensei, os risos e as caretas acabariam por fazer uma erosão completa em nossa semelhança que se mostrava tão perfeita com a cara dele em repouso.

Hermann (em tom de pilhéria):

— Estou vendo que é um filósofo...

Isso pareceu ofendê-lo um pouco.

— A filosofia é uma invenção dos ricos — objetou com profunda convicção. — E tudo mais foi inventado também:
religião, poesia... O donzela! Como sofre por ti meu pobre peito... Não acredito no amor. Agora, a amizade é coisa muito diferente. A amizade e a música.

— Vou-lhe dizer uma coisa — continuou ele, deixando o bastão de lado e falando comigo com algum calor. — Eu gostaria de ter um amigo que estivesse pronto sempre a dividir o seu pão comigo e que me legasse um pedaço de terra e uma casinha. Sim, eu gostaria de ter um amigo de verdade. Trabalharia para ele como jardineiro e, depois, o jardim passaria a ser meu e eu sempre recordaria meu camarada morto com lágrimas de gratidão. Tocaríamos violino juntos ou, então, ele tocaria flauta e eu, bandolim. Quanto a mulheres... pode dizer o nome de uma só que não tenha enganado o marido?

— Tem toda a razão! Toda a razão! É um prazer ouvi-lo falar. Escute, passou pela escola?

— Muito pouco tempo. Que é que se pode aprender na escola? Nada. Se o sujeito é inteligente, que adiantam as lições? O que é importante é a natureza. A política, por exemplo, não me atrai. E, de modo geral, o mundo, como bem sabe, é sujeira só!

— Uma conclusão perfeitamente lógica — disse eu.
— Sim, a sua lógica é inatacável. Surpreendente mesmo.

Agora, já que é tão inteligente, devolva minha lapiseira e ande depressa.

Isso fez o homem levantar o corpo e colocou-o no estado de espírito que eu queria.

— Esqueceu-a no chão — murmurou ele, atônito. — E como eu não sabia se voltaria a vê-lo...

— Você roubou e vendeu a lapiseira — exclamei, chegando a bater os pés no chão.

A reação dele foi notável. Em primeiro lugar, sacudiu a cabeça negando o furto. Mas logo depois, fez um gesto de assentimento, confessando a transação. Creio que levava, colhido dentro dele, todo o buquê da imbecilidade humana.

— Com os diabos! — exclamei. — Seja mais circunspecto da próxima vez. Bem, o que passou, passou. Fume um cigarro, vamos!

Ele se descontraiu e ficou radiante quando viu que minha raiva tinha passado. Começou então a manifestar gratidão.

— Oh, obrigado, muito obrigado! Agora é que eu vejo mesmo como somos parecidos! Não chega até a parecer que meu pai prevaricou com sua mãe?

E riu lisonjeiramente, muito contente com a sua pilhéria.

— Vamos tratar de negócios — disse eu, afetando de repente uma rude seriedade. — Não o chamei até aqui para os prazeres etéreos da conversa inconseqüente. Falei na minha carta da ajuda que lhe vou dar, do trabalho que arranjei para você. Em primeiro lugar, porém, quero fazer-lhe uma pergunta. A sua

resposta deve ser sincera e exata. Quem você acha que eu sou?

Felix me examinou. Depois, afastou-se um pouco para o lado e deu de ombros.

— Não é um enigma que lhe estou apresentando — continuei pacientemente. — Compreendo perfeitamente que você não pode saber a minha identidade. De qualquer maneira, vamos afastar categoricamente a hipótese que você espirituosamente aventou. Nosso sangue não é o mesmo, Felix. Não, meu caro, não é o mesmo. Nasci a mais de mil quilômetros do lugar onde você nasceu e a honra de meus pais, e, como espero, a de seus pais, está ilibada. Você é filho único. Eu também sou. Não pode haver, portanto, nem para mim, nem para você aquela misteriosa criatura: um irmão há muito perdido, roubado pelos ciganos. Não há laços que nos unam.

Não tenho obrigações para com você, note bem isso, não tenho obrigações de espécie alguma. Se pretendo ajudá-lo, assim procedo por livre e espontânea vontade. Ponha isso na cabeça. Agora, pergunto-lhe de novo: quem é que você supõe que eu seja? Que opinião faz de mim? Não pode deixar de ter formado alguma espécie de opinião, não é mesmo?

— Talvez seja um ator — disse Felix sem muita certeza.

— Se o compreendo bem, meu amigo, isso quer dizer que em nosso primeiro encontro você pensou: "Ë provavelmente um desses camaradas de teatro, o tipo extrovertido, cheio de idéias engraçadas e de boas roupas. Talvez seja uma celebridade." Estou certo?

Felix olhou para o bico do sapato com que estava alisando o saibro e seu rosto assumiu uma expressão de alguma tensão.

— Não pensei coisa alguma — disse Felix com alguma impertinência.— Vi apenas que estava com alguma curiosidade a meu respeito, *etc*. Os atores ganham bem?

Uma nota rápida: A idéia que ele me deu pareceu sutil; a direção que tomava encontrava lugar na parte principal do meu plano.

— Adivinhou! — exclamei. — Claro que adivinhou! Sou de fato um ator, um ator de cinema, para sermos exatos. É isso mesmo! Você falou bem, esplendidamente mesmo! Que mais pode você dizer sobre mim?

Notei que a essa altura a animação do homem caíra. Minha profissão parecia tê-lo desapontado. Ficou sentado pensativamente e de testa franzida com o cigarro fumado pela metade entre o polegar e o indicador. De repente, levantou a cabeça e piscou os olhos.

— E que espécie de trabalho quer oferecer-me? — perguntou sem a sua insinuante suavidade anterior.

— Calma, calma. Tudo no seu devido tempo. Perguntei-lhe o que era mais que pensava de mim. Faça o favor de responder.

— Ora... Sei que gosta de viajar. Nada mais...

Nesse meio tempo, a noite se aproximava; os pardais havia muito tinham desaparecido; o monumento se mostrava mais escuro e parecia ter aumentado de tamanho. De trás de uma árvore negra surgiu em silêncio uma lua triste e gorda. Uma nuvem lançou uma máscara sobre ela ao passar, só deixando visível o queixo redondo.

— Bem, Felix, isto aqui está ficando escuro e triste. Aposto que está com fome. Vamos procurar algum lugar onde se possa comer e continuar a conversa tomando uma cerveja. Está de acordo?

— Claro que estou — disse Felix com uma voz um pouco mais animada e então acrescentou sentenciosamente:

— Barriga vazia não tem ouvidos.

(Estou traduzindo os adágios de Felix; em alemão, todos eles rimavam).

Levantamo-nos e nos dirigimos para as luzes amarelas do bulevar. Com o cair da noite, eu mal tinha

consciência de nossa semelhança. Felix se arrastava a meu lado, parecendo absorto nos seus pensamentos e o seu andar era tão apático quanto ele.

— É a primeira vez que vem a Tarnitz? — perguntei.

— É, sim — respondeu ele. — As cidades não me interessam muito. Eu e os que são como eu achamos as cidades cansativas.

A tabuleta de uma taverna. Via-se na vitrina um barril sob a guarda de duas figuras barbadas de terracota. Tanto fazia ali como qualquer outro lugar. Entramos e escolhemos uma mesa num canto nos fundos. Enquanto tirava as luvas, corri pela sala os olhos atentos. Havia apenas três pessoas e estas não nos davam a menor atenção. O garçom apareceu. Era um homenzinho pálido e de *pince-nez*. Não era a primeira vez que eu via um garçom de *pince-nez*, mas não me lembrava de quando e onde isso acontecera. Enquanto esperava os nossos pedidos, olhou para mim e depois para Fe lix Naturalmente, graças ao meu bigode, a nossa semelhança não saltava aos olhos. De fato, eu deixara o bigode crescer com o objetivo especial de não chamar demais a atenção quando estivesse em companhia de Felix. Se não me engano, há em Pascal um sábio pensamento: duas pessoas que se parecem não despertam o menor interesse quando são vistas separadamente, mas criam um verdadeiro rebuliço quando aparecem juntas. Nunca li Pascal e não me lembro de onde fui arrancar essa citação. Bem, na minha mocidade, eu me dava muito bem com esses truques! Infelizmente, não era eu o único a fazer uso desta ou daquela máxima de algibeira. Em S. Petersburgo, uma vez, numa reunião, eu declarei: “Turguenev diz que há sentimentos que só se podem exprimir por intermédio da música.” Alguns minutos depois, apareceu outro convidado que, no meio da conversa, proferiu a mesma frase, tirada do programa de um concerto durante o qual eu o tinha visto dirigir-se para a caixa do teatro. É claro que foi ele que ficou em má situação e não eu. Apesar disso,. o fato me produziu tremendo mal-estar (embora eu o tivesse atenuado um pouco perguntando maliciosamente ao homem se gostara da grande Viabranova) e o resultado foi que eu resolvi cortar toda e qualquer exibição de cultura. Tudo isso é uma digressão e não uma evasão. Insisto em afirmar que não é uma evasão, porque nada temo e vou contar tudo. Deve-se reconhecer que exerço admirável controle não só sobre a minha pessoa mas também sobre a minha maneira de escrever. Não sei mais quantos romances escrevi na minha mocidade — tranqüila e casualmente, sem a menor intenção de publicá-los. Cabe aqui outra declaração: diz Swift que um manuscrito publicado pode ser comparado a uma prostituta. Aconteceu um dia (na Rússia) que eu dei a Lydia um original meu para ler, dizendo que se tratava da obra de um amigo. Ela o achou horrível e não chegou ao fim. Até hoje, minha caligrafia é quase desconhecida dela. Tenho exatamente vinte e cinco espécies de caligrafia, sendo a melhor (isto é a que eu uso com mais facilidade) a seguinte: uma letra *ronde* e miúda com uma simpática rotundidade nas suas curvas, de modo que cada palavra dá a impressão de um bolo de fantasia recém-saído do forno; depois, há um rápido cursivo, agressivo e rude, que parece as garatujas de um corcunda apressado, sem escassez de abreviaturas; depois, uma caligrafia de suicida em que cada palavra é um laço de corda e cada vírgula um gatilho; vem então a que eu aprecio mais: grande, legível, firme e absolutamente impessoal; assim poderia escrever a mão impessoal no punho sobre-humano que a gente vê desenhada em cartazes e em compêndios de Física. Foi nessa caligrafia que comecei a escrever o livro agora oferecido ao leitor. Em breve, porém, minha pena perdeu o juízo: este livro é escrito nas minhas vinte e cinco caligrafias misturadas, de tal modo que o linotipista ou a datilógrafa, que desconheço, ou então a pessoa definida que escolhi, o escritor russo a quem será mandado o meu original quando chegar a ocasião, poderão pensar que várias pessoas participaram da feitura de meu livro. E também extremamente provável que algum malicioso e pequeno perito de cara de rato descubra nessa orgia cacográfica um sinal indiscutível de anormalidade física. Tanto melhor.

Pronto... Agora, já o mencionei, a você, meu primeiro leitor, a você, o conhecido autor de romances

psicológicos. Tenho-os lido e os achei muito artificiais embora bem construídos. Que sentirá você, escritor-leitor, quando atacar minha história? Prazer? Inveja? Ou mesmo... quem sabe? você pode aproveitar o meu indefinido afastamento para usar como seu o que eu escrevi... como o fruto de sua hábil... sim, posso conceder-lhe isso... de sua hábil e experimentada imaginação, deixando-me fora de tudo. Não seria difícil para mim tomar providências antecipadas contra tal imprudência. Se chegarei a tomá-las é outra questão. Não é bem possível que eu ache um tanto lisonjeiro que você roube o que é de minha propriedade? O roubo é o melhor elogio que se pode talvez fazer a alguma coisa. E sabe qual é a parte mais divertida? Presumo que, depois de ter decidido efetuar o agradável roubo, você suprimirá as linhas comprometedoras, exatamente as linhas que escrevo agora, e, além disso, alterará alguns trechos para que fiquem mais ao seu gosto (o que é um pensamento menos agradável), do mesmo modo que um ladrão de automóveis dá nova pintura ao carro que roubou. A esse respeito, vou permitir-me contar um pequeno caso, que é decerto o mais engraçado que eu conheço.

Há cerca de dez anos, isto é, mais ou menos a 10 de março de 1931 — meio ano passara, como uma queda em sonho ou como um fio corrido nas meias do tempo — uma pessoa ou algumas pessoas que passavam pela estrada ou através da floresta — creio que isso será estabelecido no seu devido lugar — correram os olhos para o lado e tomaram ilegalmente posse de um carrinho azul de tal marca e tantos cavalos — deixo de lado os detalhes técnicos. E, com isso, na verdade, acabou a história.

Não pretendo afirmar que esse caso tenha um interesse universal. A sua intenção não é absolutamente evidente. Eu mesmo quase morri de riso apenas porque sabia de tudo. Posso acrescentar que ninguém me contou o caso, nem o li nos jornais. O que fiz realmente foi deduzi-lo por meio de um raciocínio cerrado a partir do simples fato do desaparecimento do carro, um fato interpretado pelos jornais de maneira inteiramente errada. Marcha à ré de novo, tempo!

— Sabe dirigir?

Foi essa, lembro-me bem, a pergunta que primeiro fiz a Felix quando o garçom, deixando de notar alguma coisa de especial a respeito de nós dois, colocou diante de mim uma limonada e diante de Felix uma caneca de chope, em cuja abundante espuma meu vago sósia mergulhou ansiosamente o lábio superior.

— Como? — perguntou ele com um beatífico resmungo.

— Perguntei se você sabe dirigir um carro.

— Como é que não sei? Fiz uma vez camaradagem com um chofer que trabalhava num quartel perto de minha aldeia. Um belo dia, passamos por cima de uma porca no meio da estrada. Ih! Como a bicha guinchou!

O garçom nos levou uma espécie de picadinho nadando no molho e um purê de batatas, também com muito molho. Onde era que eu já tinha visto um *pince-nez* no nariz de um garçom? Ah... agora me lembro (só agora quando estou escrevendo isto) num restaurante russo bem ruinzinho em Berlim. E o outro garçom era bem parecido com este — com a mesma espécie de cabelos de palha suja, mas mais bem-nascido.

— E isso então, Felix. Já comemos e bebemos; agora, vamos conversar. Você fez certas suposições a meu respeito e todas foram corretas. Agora, antes de entrarmos a fundo no negócio que nos interessa, quero esboçar para seu governo um quadro geral de minha personalidade e de minha vida. Não tardará que você compreenda por que isso é urgente. Para começar...

Tomei um gole e continuei:

— Para começar, nasci numa família rica. Tínhamos uma casa e um jardim... Ah, que jardim, Felix! Imagine não apenas roseiras, mas verdadeiros roseirais, rosas de todas as espécies e cada variedade com o seu nome num quadrinho. Talvez você não saiba, mas as rosas recebem nomes tão retumbantes quanto

os cavalos de corridas. Além das rosas, viçavam em nosso jardim muitas outras flores e quando, de manhã, tudo ficava salpicado de orvalho, o espetáculo, Felix, era um verdadeiro sonho. Nos meus tempos de criança, gostava de cuidar do jardim e sabia bem cumprir a minha tarefa. Tinha um pequeno regador e um enxadão, Felix, e enquanto meus pais me olhavam com terna emoção sentados à sombra de uma velha cerejeira plantada por meu avô, eu não descansava (imagine esse quadro, imagine só), me empenhava em tirar das roseiras e esmagar as lagartas que pareciam gravetos. Tínhamos muitos animais no sítio, como, por exemplo, coelhos, o mais oval de todos os animais, se entende o que eu quero dizer, e perus coléricos com carúnculas carbunculadas (eu fazia um som gorgolej ante), cabritinhos lindos e muitos outros.

"Depois, meus pais perderam todo o seu dinheiro e morreram. O belo jardim desapareceu. Só agora a felicidade parece ter vindo outra vez ao meu encontro. Consegui ultimamente adquirir um terreno à beira de um lago e vai haver ali um novo jardim ainda mais belo que o primeiro. Minha infância viçosa foi inteiramente impregnada desses frutos e dessas flores, ao mesmo tempo que a floresta vizinha, enorme e densa, lançava sobre minha alma a sombra da melancolia romântica.

"Sempre fui um solitário, Felix, e ainda sou. Mulheres... Não é preciso falar dessas criaturas inconstantes e lascivas. Tenho viajado muito. Com você, gosto de sair pelo mundo com uma mochila pendurada dos ombros, embora, sem dúvida, haja algumas razões (que de um modo geral condeno) que tornam minhas viagens mais agradáveis que as suas. É realmente uma coisa impressionante... Já pensou na situação seguinte? — Por que dois homens igualmente pobres não vivem da mesma maneira? Por exemplo, um como você leva franca e desesperançadamente uma existência de mendigo, enquanto outro, ainda que pobre do mesmo jeito, tem um estilo de-vida inteiramente diferente, sendo um camarada despreocupado que come bem e vive entre os ricos satisfeitos...

"Por que acontece isso? Porque os dois pertencem a classes diferentes, Felix. E, por falar em classes, vamos imaginar um homem que viaja em segunda classe sem passagem e outro que viaja em primeira, também sem passagem. X senta-se num banco duro e o Sr. Y ocupa uma poltrona acolchoada. Ambos, porém, têm as carteiras vazias ou, para falar com mais exatidão, o Sr. Y tem uma carteira para mostrar embora vazia ao passo que X nem isso tem e nada pode mostrar senão os forros vazios dos bolsos.

"Falando dessa maneira, procuro apenas fazer você compreender a diferença entre nós. Eu sou um ator e vivo quase sempre no ar, mas tenho sempre esperanças elasticamente projetadas para o futuro; essas esperanças podem ser esticadas indefinidamente sem perigo de que estourem. Você não tem nem direito à esperança e ficaria para sempre um pobre se não tivesse ocorrido um milagre. Esse milagre foi o meu encontro com você.

"Não há nada no mundo que não se possa explorar, Felix Digo-lhe mais: não há nada no mundo que não se possa explorar por muito tempo e com muito êxito. Talvez nos seus sonhos mais ambiciosos você tenha visto uma quantia com dois algarismos como a meta de suas ambições. Agora, porém, esse sonho não só se torna realidade, mas também é valorizado a ponto de ganhar três algarismos. Não é muito fácil para a sua imaginação apreender isso, como não o seria para um homem que só contasse até dez sentir que se aproximava de um infinito quase inimaginável, não é mesmo? Mas estamos dobrando agora a esquina desse infinito e uma centena lança a sua luz sobre você. E atrás dela, outra. Quem sabe, Felix, talvez outro algarismo esteja amadurecendo. Bem sei que isso faz tontear a cabeça, bater o coração e vibrarem os nervos mas, apesar de tudo, pode ser verdade. Escute aqui, você está tão habituado ao seu miserável destino que tenho minhas dúvidas de que me esteja entendendo. O que eu digo pode parecer-lhe confuso e estranho. O que vem depois parecerá ainda mais confuso e estranho.

Falei durante muito tempo nesse tom. Felix continuava a olhar-me com desconfiança. Era bem provável que se tivesse convencido pouco a pouco de que eu me estava divertindo à custa dele. Os indivíduos de seu tipo só mostram boa vontade até certo ponto. Quando lhes surge na cabeça a hipótese

de que estão sendo embrulhados, toda a boa vontade deles se dissipa, os olhos se vidram e eles entram profundamente num estado de sólida paixão.

Eu falava obscuramente, mas minha intenção não era enfurecê-lo. Ao contrário, eu desejava ganhar-lhe a boa vontade; queria causar-lhe perplexidade mas, ao mesmo tempo, atraí-lo; numa palavra, queria transmitir-lhe vaga mas convincentemente a imagem de um homem da natureza dele e com as suas inclinações. Minha fantasia se desgarrou, porém, e de maneira bem desagradável, com o pesado espírito brincalhão de uma senhora idosa mas sorridente que tivesse bebido um pouco demais.

Quando notei a impressão que estava fazendo, parei durante um minuto, um pouco pesaroso de tê-lo amedrontado, mas, logo no mesmo instante, senti como era doce fazer um ouvinte nosso sentir-se inteiramente desassossegado. Sorri, portanto, e continuei assim:

Você tem de me perdoar toda essa conversa, Felix, mas acontece que raramente tenho oportunidade de levar a alma assim de passeio comigo. Por outro lado, tenho muita pressa em apresentar-me em todos os aspectos porque desejo dar-lhe uma exaustiva descrição do homem com quem você terá de trabalhar, tanto mais quanto o trabalho em questão será diretamente relacionado com a semelhança existente entre nós. Diga-me uma coisa, sabe por acaso o que seja um ator substituto?

Felix abanou a cabeça, com o lábio inferior caído. Eu tinha observado havia muito que ele respirava de preferência pela boca por ter o nariz entupido ou fosse lá por que fosse.

— Desde que não sabe vou-lhe explicar. Imagine que o gerente de uma companhia de cinema. . . Você já foi ao cinema, não é mesmo?

— Bem, já...

— Ótimo. Imagine então que um gerente ou diretor... Mas, perdão, parece que você quer dizer alguma coisa..

— Bem, não vou muito ao cinema. Quando quero gastar dinheiro, tenho sempre coisas mais agradáveis para fazer do que ver filmes.

— Concordo plenamente com você, mas há pessoas que pensam de outro modo. Do contrário, não haveria uma profissão como a minha, não acha? Como eu estava dizendo, um diretor me ofereceu, mediante uma pequena remuneração... uma coisa assim da ordem de dez mil dólares, uma bagatela sem dúvida, mas os preços estão atualmente baixos, é preciso reconhecer... para atuar num filme que tem como herói um músico. Isso me convém muito desde que na vida real eu também gosto de música e posso tocar vários instrumentos. Às vezes, nas noites de verão, leva o meu violino para o bosque mais próximo.. . Mas, voltando ao assunto, Felix, um ator substituto é uma pessoa que pode, num caso de emergência, tomar o lugar de um ator determinado.

“O ator representa o seu papel e a câmara o fotografa. Mas resta uma cena insignificante a ser filmada. Por exemplo, o ator tem de passar num certo lugar com o seu carro. Mas não pode fazer isso porque está de cama com um resfriado fortíssimo. Não se pode perder tempo e então o seu sósia toma o lugar dele e passa calmamente no carro (é uma coisa esplêndida que você saiba lidar com carros) e, quando o filme é afinal exibido, nenhum dos espectadores nota a substituição. Quanto maior é a semelhança, mais alto é o preço. Há até companhias especiais que se dedicam a fornecer atores-fantasmas aos astros do cinema. A vida de um desses fantasmas é muito boa, porque ele ganha um ordenado fixo e só tem de trabalhar de vez em quando e, ainda assim, o trabalho nada tem de pesado. Ë só vestir exatamente as mesmas roupas do herói e passar num belo carro, em vez do herói, nada mais que isso! Naturalmente, um ator substituto não deve andar falando do seu emprego. Seria grande o escândalo se algum jornalista soubesse do truque e o público tomasse conhecimento de que parte do papel do herói foi uma farsa. Compreende agora por que fiquei satisfeito quando descobri que você era uma cópia exata de mim mesmo? Foi sempre esse um dos meus maiores sonhos. Basta você pensar no que isso representa

para mim, especialmente agora que a filmagem já começou e eu, um homem de saúde frágil, fui escolhido para o papel principal. Se me acontecer alguma coisa, você será chamado e irá...”

— Ninguém vai-me chamar e eu não irei para lugar nenhum — disse Felix, interrompendo-me.

— Por que está dizendo isso? — perguntei com uma nota de delicada censura.

— Porque — disse Felix — faz muito mal em enganar um homem pobre. A princípio, acreditei em você. Pensei que me fosse oferecer algum trabalho honesto. Fiz uma caminhada longa e dura para chegar até aqui. Veja só como estão as solas de meus sapatos. . . e agora em vez de trabalho, isso. . . Não, é coisa que não me serve.

— Creio que há um pequeno mal-entendido — disse eu, em voz suave. — O que lhe estou oferecendo nada tem de degradante, nem de complicado. Podemos assinar um acordo. Você receberá de mim cem marcos por mês. Insisto em dizer que o trabalho é ridiculamente fácil, simples brincadeira de criança... você sabe como as crianças gostam de se vestir para fingir que são soldados, fantasmas ou aviadores. Pense apenas no seguinte: você receberá um salário mensal de cem marcos só para vestir muito raramente, talvez uma vez por ano apenas, exatamente as mesmas roupas que eu estiver usando no momento. Sabe agora o que você tem de fazer? Vamos marcar uma data para nos encontrarmos e ensaiar uma cena rápida, só para você ver como é...

— Não entendo nada dessas coisas e não quero entender — replicou Felix com alguma rudeza. — Mas vou-lhe dizer uma coisa. Minha tia tinha um filho que trabalhava nas feiras como artista. Bebia e gostava muito de mulheres. Minha tia muito se amargurou com ele até o dia em que ele quebrou a cabeça, graças a Deus, quando errou o trapézio que se balançava e as mãos de sua mulher. Todos esses cinemas e circos...

Continuou ele realmente a dizer tais coisas? Estou seguindo fielmente o caminho que me aponta a memória ou talvez minha pena tenha misturado tudo, trocando os pés e af astando-se numa dança perversa? Há um toque acentuadamente literário nessa nossa conversa, que lembra aquelas conversas atormentadas nas tavernas em que Dostoievski era mestre. Um pouco mais desse toque e ouviríamos aquele sussurro sibilante da falsa humildade, aquela respiração presa, aquelas repetições de advérbios mágicos e então tudo mais se seguiria, o acompanhamento místico tão caro àquele famoso autor de romances russos sensacionais.

Tudo isso de certo modo me atormenta; isto é, não apenas me atormenta mas me perturba completamente o espírito e posso até dizer que me é fatal — o pensamento de que eu tenho sido por demais convencido do poder de minha pena — estão reconhecendo as modulações dessa frase? Quanto a mim, parece que me lembro admiravelmente daquela conversa, com todas as suas insinuações, e *vsyu podnogotnuyu*, “toda a subunguealidade”, o segredo debaixo das unhas (para usar o jargão da câmara de tortura onde as unhas são arrancadas e um termo favorito — marcado pelo grifo — de nosso técnico nacional em febre psíquica e nas aberrações do respeito próprio do homem). Lembro-me na verdade daquela conversa, mas sou incapaz de reproduzi-la exatamente. Alguma coisa me estorva, quente, abominável e inteiramente intolerável, da qual não me posso livrar porque é tão viscosa como uma folha de papel de pegar moscas em que se pisou nu dentro de um quarto escuro. O pior ainda é que não se pode encontrar a luz.

Não, a nossa conversa não foi como está reproduzida aqui; quer dizer, as *palavras* talvez fossem exatamente essas (de novo a breve pausa), mas não consegui ou não tive coragem de reproduzir os ruídos especiais que as acompanharam; ocorreram desvanecimentos ou coágulos de som; depois, de novo, o sussurro, o murmúrio e, de repente, uma voz rígida que dizia claramente: “Vamos, Felix, outro copo”.

A pintura marrom e floral das paredes, uma inscrição que dizia com impertinência que a casa não era responsável pelos objetos perdidos; os cartões redondos onde eram colocadas as canecas de chope (um

deles com uma conta escrita às pressas a lápis) e o bar distante a cujo balcão um homem bebia, com as pernas torcidas numa espiral escura e cercado de fumaça — todas essas coisas eram notas de comentários ao que dizíamos, tão sem sentido, porém, quanto as que se encontravam nas margens dos livros sem valor de Lydia.

Se os três homens que estavam sentados ao lado da janela com a cortina vermelha longe de nós se voltassem e nos olhassem, aqueles três beberrões calados e casmurros teriam visto: o irmão afortunado e o irmão sem sorte, um com o bigodinho e os cabelos bem penteados, o outro, de barba feita mas de cabelos grandes (unia pequena juba fantasmal lhe caía pelo cangote magro); um diante do outro, mas sentados da mesma maneira, com os cotovelos na mesa e os punhos nas maçãs do rosto. Assim é que éramos refletidos pelo espelho enevoado e, segundo todas as aparências, doente, com uma obliquidade aberrante e um toque de loucura. Era um espelho que decerto se quebraria imediatamente se por acaso refletisse uma só cara humana genuína.

Assim estávamos sentados enquanto eu prosseguia com a minha persuasiva lengalenga. Falo mal e a oração que pareço reproduzir palavra por palavra não fluía com o ágil deslizar que tem no papel. De fato, não é realmente possível transcrever a minha fala incoerente, aquele atropelo e emaranhamento de palavras, o abandono das cláusulas subordinadas que perderam as principais e se desgarraram e toda a tagarelice supérflua que dá às palavras um ponto de apoio e um esconderijo. Mas meu espírito agia tão ritmicamente que seguia a sua caça com passo tão firme que a impressão que agora me deixa o rumo de minhas palavras não é absolutamente emaranhada ou confusa. Entretanto, meu objetivo ainda estava fora do meu alcance. A resistência do homem, natural numa pessoa de limitada inteligência e humor timorato, tinha de ser quebrada fosse como fosse. A límpida naturalidade do tempo me seduzia tanto que eu desprezei a probabilidade de que o mesmo fosse desagradável para ele ou até o amedrontasse tão naturalmente como tinha encantado a minha fantasia.

Não quero dizer com isso que eu jamais tenha tido a menor ligação com a tela ou com o palco; na realidade, a única vez que eu representei foi há cerca de vinte anos, numa pequena festa de amadores na fazenda do nosso proprietário (de que meu pai era administrador). Eu tinha de dizer apenas algumas palavras: “O príncipe me mandou dizer que chegaria aqui dentro em pouco. Ah! Aí vem ele.” Mas em vez disso, cheio de estranho prazer e todo trêmulo de alegria, eu disse o seguinte: “O príncipe não pode vir; cortou o pescoço com uma navalha.” Enquanto eu falava, o homem que fazia o papel de príncipe já estava chegando, com um sorriso radiante no rosto muito bem pintado, e houve um momento de emoção geral. O mundo inteiro ficou em suspenso — e até hoje me lembro de como aspirei profundamente o divino ozônio de monstruosas tempestades e catástrofes. Mas, embora eu nunca tenha sido um ator no sentido exato da palavra, sempre levei comigo na vida real um pequeno teatro desmontável e já apareci em mais de um papel com uma atuação sempre magnífica; e se acham que o nome do meu ponto era Gain — com G maiúsculo e não C — estão tremendamente enganados. Nem tudo é tão simples assim, meus caros senhores.

No caso da minha conversa com Felix, porém, meu desempenho acabou sendo apenas uma perda de tempo, porque compreendi que se continuasse naquele monólogo a respeito de cinema, ele se levantaria e sairia, devolvendo os dez marcos que eu lhe tinha mandado (não, pensando bem creio que ele não os teria devolvido — não, nunca!). A pesada palavra em alemão que significa “dinheiro” (dinheiro em alemão é ouro, em francês, prata, em russo, cobre) era pronunciada por ele com extraordinária reverência a qual, curiosamente, poderia transformar-se em brutal cupidez. Mas ele teria certamente saído, com um ar de quem foi insultado!

Para ser perfeitamente franco, não compreendo por que tudo relacionado com o teatro ou o cinema lhe parecia tão completamente atroz; estranho, alheio — sim, mas... atroz? Tentemos explicar o fato com

o atraso do plebeu alemão. O camponês alemão é antiquado e pudico; tentem apenas um dia atravessar uma aldeia apenas com calções de banho. Já tentei e sei o que acontece; os homens ficam imóveis de choque, as mulheres dão risadas, escondendo os rostos, como as criadas nas comédias antigas.

Fiquei calado. Felix estava também calado, traçando linhas na mesa com o dedo. Ele tinha provavelmente esperado que eu lhe oferecesse um lugar de jardineiro ou de motorista e se mostrava decepcionado e aborrecido. Chamei o garçom e paguei. Mais uma vez andamos pelas ruas. Era uma noite fria e desolada. Entre nuvenzinhas enroladas como astracã, uma lua brilhante e plana aparecia e sumia.

— Escute, Felix. Nossa conversa ainda não acabou. Não podemos deixá-la assim. Tomei um quarto num hotel; venha, você passará a noite comigo.

Ele aceitou como uma coisa que lhe era devida. Por mais lenta que fosse a sua inteligência, compreendia que eu precisava dele e que não seria conveniente cortar as nossas relações sem ter chegado a alguma coisa definida. Tornamos a passar pela duplicata do Cavaleiro de Bronze. Não vimos ninguém no bulevar. Não havia uma só luz nas casas; se tivesse notado uma única janela acesa, eu teria imaginado que alguém se enforcara ali e deixara a lâmpada ligada — tão excepcional e inesperada teria parecido uma luz. Chegamos ao hotel em silêncio. Um sonâmbulo sem colarinho nos abriu a porta. Depois de entrar no quarto, tive de novo a sensação de coisa muito conhecida; mas outros assuntos me empenhavam a cabeça.

— Sente-se.

Ele se sentou com os punhos nos joelhos e a boca entreaberta. Tirei o casaco e, metendo as mãos nos bolsos das calças e fazendo tilintar o troco que havia neles, comecei a caminhar de um lado para outro. Eu usava, por falar nisso, uma gravata lilás com pintas pretas, cujas pontas voavam sempre que eu rodava nos calcanhares. Durante algum tempo, tudo continuou assim: silêncio, meus passos, o vento do meu movimento.

De repente, Felix, como se tivesse sido morto com um tiro, deixou cair a cabeça e começou a desamarrar os sapatos. Olhei para o pescoço desprotegido dele, para a expressão ansiosa de sua primeira vértebra e tive uma sensação estranha ao pensar que ia dormir com meu sósia no mesmo quarto, quase sob o mesmo cobertor, porque as duas camas estavam ao lado uma da outra, bem perto. Veio-me então também com um choque a terrível idéia de que a carne dele podia estar manchada pelas pintas escarlates de uma doença de pele ou por alguma grosseira tatuagem. Eu exigia do corpo dele um mínimo de semelhança com o meu; quanto ao seu rosto, não havia problemas.

— Isso mesmo, tire a roupa — disse eu caminhando e mudando de direção.

Ele levantou a cabeça com um sapato informe na mão.

— Faz muito tempo que eu nãó durmo numa cama — disse ele com um sorriso (não mostre as gengivas, idiota). — Numa cama de verdade.

— Tire tudo — disse eu com impaciência. — Você com certeza está sujo e empoeirado. Vou-lhe dar uma camisa para dormir. Mas primeiro se lave.

Rindo e resmungando, talvez um pouco tímido diante de mim, tirou toda a roupa e tratou de lavar os sovacos na pia do lavatório que parecia um armário. Lancei-lhe olhares, examinando ansiosamente aquele homem inteiramente nu. As costas eram quase tão musculosas quanto as minhas, com um cóccix mais rosado e nádegas mais feias. Quando ele se virou, não pude deixar de franzir a cara diante do grande botão do seu umbigo — mas a verdade é que o meu também não é uma beleza. Duvido muito de que ele tenha algum dia na vida lavado as suas partes: pareciam bem plausíveis em relação ao comum dessas coisas mas não eram convite a uma inspeção mais detida. As unhas dos pés eram muito menos abomináveis do que eu tinha esperado. Ele era magro e branco, muito mais branco no corpo do que no rosto, dando assim a impressão de que era o meu rosto, ainda conservando o queimado do verão, que

estava ligado ao seu tronco pálido. Podia-se até ver a linha em volta do pescoço à qual a cabeça tinha aderido. Tive um agudo prazer com essa inspeção, que me deixou tranqüilo. Não havia marcas especiais que o estigmatizassem.

Quando, depois de vestir a camisa limpa que eu tirara de minha maleta, ele se estendeu na cama. sentei-me aos seus pés e encarei-o com um sorriso francamente zombeteiro. Não sei o que ele estava pensando, mas aquela limpeza fora normal o havia amolecido e numa vergonhosa efusão de alguma coisa que, apesar de toda a sua repulsiva sentimentalidade, não deixava de ser um gesto de ternura, ele me bateu na mão e disse — traduzo literalmente: “Você é um bom sujeito.”

Sem descerrar os dentes, tive arrepios de frio. Creio oue depois a minha expressão lhe pareceu estranha, pois suas sobrancelhas se arquearam e ele levantou a cabeca. Sem poder mais coiter minha alegria, meti-lhe um cigarro na boca. O homem quase se engasgou.

— Você é um idiota! — exclamei. — Não compreendeu mesmo que se eu o fiz vir até aqui foi para tratar de um assunto importante, terrivelmente importante?

Tirando do bolso uma nota de mil marcos e ainda a tremer de riso, exibi-a diante do imbecil.

— Para mim isso? — perguntou ele, deixando cair o cigarro aceso. Era como se os seus dedos se tivessem involuntariamente aberto para arrebatar-me a nota.

Você vai queimar o lençol — disse eu, rindo cada vez mais. — Ou então queimar seu precioso couro. Estou vendo que parece emocionado. Sim, esse dinheiro será seu e poderá até recebê-lo adiantado se concordar com o que eu vou sugerir. Não sei como foi que você não percebeu que só falei sobre cinema para experimentá-lo e que eu não sou ator coisa nenhuma, mas um homem de negócios esperto e duro. Em resumo, a coisa é a seguinte: Pretendo efetuar uma pequena operação e há uma leve possibilidade de que me agarrem depois. Acontece, porém, que todas as suspeitas serão dissipadas quando houver a prova decisiva de que na hora exata em que a dita operação se realizou, eu estava bem longe do local.

— Roubo? — Perguntou Felix com uma estranha satisfação a aparecer-lhe no rosto.

— Estou vendo que não é tão tolo quanto eu pensava — continuei, baixando a voz até um quase imperceptível murmúrio. — E evidente que você desde o princípio desconfiou de que se tratava de alguma coisa suspeita e agora está todo contente de que não se tivesse enganado, como é natural a qualquer pessoa que vê as suas previsões confirmadas. Nós ambos temos um fraco por objetos de prata... Foi isso o que você pensou, não foi? Ou talvez o que realmente lhe tenha dado satisfação seja o fato de que eu não sou afinal de contas um homem que quer enganá-lo, um sonhador não muito certo da cabeça, mas um homem que está falando a sério, não é mesmo?

— Roubo? Assalto? — perguntou Felix com os olhos rebrilhantes.

— De qualquer maneira, vai ser um ato ilegal. Será no devido tempo inteirado dos detalhes. Antes disso, vou-lhe explicar o que eu quero que você faça. Eu tenho um carro. Vestido com roupas minhas, você tomará esse carro e o guiará por uma certa estrada. Apenas isso. Receberá mil marcos. ou, se prefere, duzentos e cinqüenta dólares... por esse simples passeio.

— Mil marcos? — repetiu ele, desprezando o valor da moeda estrangeira. — E quando é que me vai dar esse dinheiro?

— Tudo vai acontecer naturalmente, meu amigo. Quando vestir meu sobretudo, encontrará nele a carteira e, dentro da carteira, o dinheiro.

— Que terei de fazer depois disso?

— Já lhe disse. Sair para um passeio, enquanto eu desaparecerei. Você será Visto e confundido comigo. Voltará então.., e eu estarei de volta também depois de ter cumprido o meu objetivo. Quer que eu seja mais exato? Muito bem. A uma certa hora, você atravessará no carro uma aldeia, onde minha cara é bem conhecida. Não falará com ninguém, pois tudo isso não vai durar mais que alguns minutos. Mas eu

lhe pagarei muito bem esses minutos, pois eles me darão a maravilhosa Oportunidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

— Você será preso com o produto do roubo e então a polícia sairá atrás de mim. Tudo será apurado no julgamento e você dará com a língua nos dentes.

Ri de novo e disse:

— Sabe de uma coisa, parceiro? Até que gostei da facilidade com que você aceitou a idéia de que eu sou um marginal.

Ele replicou dizendo que não gostava de cadeia, O xadrez minava a mocidade das pessoas e que nada havia no mundo que se comparasse à liberdade e ao canto dos passarinhos. Falava com voz um pouco pastosa mas sem a menor sombra de má vontade. Ao fim de algum tempo, pôs-se a pensar, com o cotovelo apoiado no travesseiro. O quarto estava impregnado de cheiros e de silêncio. A cama dele era separada da minha apenas dois passos ou um pulo. Bocejei e, sem tirar a roupa, estendi-me à maneira russa por cima (não por baixo) do edredom. Sentia-me arranhado por uma pequena idéia estranha: durante a noite, Felix poderia matar-me e roubar-me. Esticando o pé para fora e para o lado, arranhando depois a parede com os sapatos, consegui alcançar o interruptor. O pé escorregou. Fiz força de novo e com o calcanhar apaguei a luz.

— E se tudo isso for mentira? — perguntou ele na sua voz monótona. — Posso não acreditar em você, não posso?

Não me movi.

— Tudo mentira — repetiu ele um momento depois.

Continuei imóvel e, nesse momento, comecei a respirar com o ritmo desapaixonado do sono.

Ele escutou, disso eu tive certeza. Escutei a escuta dele. Escutei-o escutar que eu escutava. Alguma coisa se partiu. Notei que não estava absolutamente pensando no que eu pensava que estava pensando. Tentei surpreender a minha consciência a tropeçar, mas me perdi num labirinto.

Sonhei um sonho horrível, um tríplice Efialtes. Primeiro, havia um cachorrinho, que não era simplesmente um cachorrinho; era um falso cachorrinho, minúsculo e com os olhos miúdos de uma larva de besouro. Era todo branco e frio. Carne? Não, não havia carne mas alguma coisa parecida com graxa ou geléia ou talvez com a gordura de um verme branco, mostrando ainda uma espécie de superfície sulcada que lembrava um cordeiro pascoal russo de manteiga, numa imitação revoltante. Era uma criatura de sangue frio que a natureza havia moldado na imagem de um cachorrinho, com rabo e patas, tudo como devia ser. Se a coisa continuasse à minha frente, eu não poderia evitá-la. E quando aquilo tocou em mim, senti como que um choque elétrico.

Acordei. No lençol da cama ao lado da minha, estava todo encolhido como uma larva desmaiada o mesmo temível pseudocachorinho... Gemi de desgosto e abri os olhos. Em torno de mim, flutuavam as sombras. A cama ao lado estava vazia salvo pelas largas folhas de bardanha que a umidade faz nascer nas camas. Podiam ver-se nessas folhas manchas reveladoras de natureza viscosa. Olhei de mais perto e ali estava, grudado a um tronco gordo, pequeno e de uma brancura de sebo, com os olhinhos pretos... mas aí, afinal, acordei de vez.

Nós tínhamos esquecido de baixar as cortinas. Meu relógio de pulso tinha parado. Podiam ser cinco horas ou cinco e meia. Felix dormia embrulhado no edredom, virado de costas para mim. Só a coroa escura da cabeça dele era visível. Tinha sido um despertar fantástico numa manhã fantástica. Pensando na conversa que tínhamos tido, lembrei-me de que não conseguira convencê-lo e uma nova idéia bem mais interessante começou a empolgar-me.

Oh, leitor amigo, sentia-me novo como uma criança depois do meu cochilo; tinha a alma lavada; eu estava de fato no meu trigésimo sexto ano e o que me restava generosamente de vida podia ser dedicado a

coisa melhor do que a um vil desconhecido... Era realmente uma idéia fascinante: seguir o conselho do destino e naquele mesmo instante deixar aquele quarto, desaparecer para sempre, esquecer e poupar meu pobre sósia... E talvez ele não fosse absolutamente parecido comigo. Eu podia ver-lhe apenas o alto da cabeça e ele estava ferrado no sono, de costas para mim. Como um adolescente, depois de ceder mais uma vez a um vício solitário e vergonhoso, diz a si mesmo com energia e clareza excepcionais: “Isso acabou de vez; de agora em diante, minha vida será pura e eu conhecerei o encantamento da pureza”, eu, depois de dizer tudo, de ter vivido com antecipação e de ter tido sofrimento e prazer de sobra, estava naquele momento vivamente ansioso por afastar-me da tentação para sempre.

Tudo parecia muito simples. Naquela outra cama, dormia um vagabundo a quem eu por acaso acolhera; os seus pobres sapatos empoeirados estavam no chão com as pontas voltadas para dentro. O seu fiel bastão tinha sido colocado atravessado no assento da cadeira onde estavam as roupas dele dobradas com um cuidado bem proletário. Que diabo estava eu fazendo naquele quarto de hotel de província? Que motivo havia para ali ficar? E aquele seco e pesado cheiro de um estranho, aquele céu coalhado que se via pela janela, a grande mosca negra pousada no jarro de água... tudo me dizia: levanta-te e sai.

Uma escura mancha de lama pedregosa perto do interruptor lembrou-me um dia de primavera em Praga. Ora, eu podia limpar aquilo sem deixar o menor vestígio, nenhum mesmo! Estava ansioso pelo banho quente que tomaria em minha bela casa, embora corrigisse de má vontade a antecipaçãc com o pensamento de que Ardalion usara provavelmente a banheira, como a bondosa prima dele já o deixara fazer, segundo eu suspeitava, uma ou duas vezes em minha ausência.

Baixei os pés para um canto levantado do tapête: penteei os cabelos para trás a partir das têmporas com um pente portátil de tartaruga genuína, não a suja imitação que eu vira aquele vagabundo usar; sem fazer o menor barulho, atravessei o quarto para pegar o sobretudo e o chapéu; apanhei minha maleta e saí, fechando a porta em silêncio. Creio até que, por acaso, relanceei o olhar para o rosto do meu sósia que dormia. Eu teria saído de qualquer maneira, mas não tive a menor vontade de não fazer isso, do mesmo modo que o adolescente mencionado acima não se digna, ao amanhecer, de olhar para a fotografia que adorou na cama.

Dentro de uma leve névoa de torpor, desci as escadas, limpei os sapatos com uma toalha no lavatório, tornei a pentear os cabelos, paguei o quarto e, seguido pelo olhar sonolento do porteiro da noite, saí pela rua. Meia hora depois, estava sentado numa classe de estrada de ferro. Gases com gosto de conhaque viajavam comigo e nos cantos de minha boca persistiam os vestígios salgados de uma omelete simples mas deliciosa que eu havia comido às pressas no restaurante da estação. Assim, numa baixa nota esofágica, termina este capítulo vago.

6

A inexistência de Deus é fácil de provar. É impossível aceitar, por exemplo, que um Jeová sério, onisciente e onipotente, pudesse gastar o tempo de maneira tão vazia a brincar com bonequinhos e — o que é ainda mais incongruente — restringisse o seu jogo às leis tremendamente banais da mecânica, da química e da matemática e nunca — notem bem, nunca! — mostrasse o rosto, limitando-se a espiadas sub-reptícias e circunlóquios e os furtivos sussurros (revelações, pois sim!...) de verdades controvertidas por trás das costas de algum gentil nervoso.

Presumo que todo esse caso de divindade seja uma grande impostura, da qual os sacerdotes certamente não têm culpa, pois são vítimas dela. A idéia de Deus foi inventada na madrugada da história por algum tratante genial. Essa idéia tem muito de humano, para que se possa admitir a sua origem celestial. Não quero dizer com isso que seja fruto da ignorância crassa. O tratante de que falo era bem versado em assuntos celestes e eu não sei ao certo qual é a variante melhor do céu: o deslumbramento de anjos de olhos de argos batendo as asas ou aquele espelho curvo em que para um professor de Física autocomplacente se encolhe, ficando cada vez menor. Há ainda outro motivo pelo qual não posso, nem quero, acreditar em Deus. O conto de fadas a respeito dele não é realmente meu, pertencendo aos outros, a todos os homens; está impregnado dos eflúvios malcheirosos de milhões de outras almas que se moveram um pouco sob o sol e então estouraram; está eivado de temores primordiais ressoa nele um coro confuso de inúmeras vozes que tentam sobrepujar umas às outras; ouço nele o estrondo e o arquejo do órgão, o berro do diácono ortodoxo, a melodia do cantor da sinagoga, a fluência eloqüente do pregador protestante, gongos, trovões, espasmos de mulheres epilépticas. Vejo brilhar através dele as páginas pálidas de todas as filosofias como a espuma de ondas há muito arrebentadas; tudo isso me é estranho, odioso e absolutamente inútil.

Se eu não sou senhor de minha vida, nem sultão de meu ser, não pode haver lógica de homem ou paroxismos extáticos de homem que me forcem a achar menos tola minha posição absurdamente tola, a de escravo de Deus; não, nem sequer escravo, mas apenas um fósforo displicentemente riscado e então apagado por algum menino curioso, terror dos seus brinquedos. Não há, portanto, razões para ansiedade: Deus não existe, como também não existe outra vida, espantalho que se remove com tanta facilidade quanto o outro. De fato, imagine alguém que acaba de morrer e vai de repente acordar no Paraíso onde, todos sorridentes, os seus entes queridos o esperam.

Façam agora o favor de me dizer que garantias se pode ter de que esses amados fantasmas são genuínos, de que é realmente a querida mãe morta e não algum mesquinho demônio que mistifica a pessoa, disfarçado como a mãe e a imitá-la com arte e naturalidade consumadas? Aí é que está a dificuldade, aí é que está o horror, ainda mais porque a representação se prolongará indefinidamente. Nunca, nunca, nunca a alma no outro mundo terá plena certeza de que os doces espíritos gentis que ali o cercam não são demônios disfarçados e alma ficará sempre, sempre e sempre em dúvida, esperando a cada momento alguma terrível mudança, algum esgar diabólico para desfigurar o rosto querido que para ela se inclina.

É por isso que estou disposto a aceitar tudo, venha como vier; o corpulento carrasco no seu chapéu alto e então o oco murmúrio da eternidade vácua. Recuso-me, porém, a sofrer as torturas da vida eterna e não quero aqueles frios cachorrinhos brancos. Deixem-me, não suportarei o menor sinal de ternura, estou avisando, porque sei que tudo é embuste, um baixo truque de mágica. E quando o ente mais querido que conheço neste mundo encontrar-se comigo no outro, e os braços que eu conheço se estenderem para abraçar-me, darei um grito de puro horror e cairei a contorcer-me na grama paradisíaca... Oh! Não sei bem o que farei! Não, não devem ser admitidos estranhos na terra dos bem-aventurados.

Entretanto, apesar da minha falta de fé, não sou por natureza nem deprimido, nem perverso. Quando voltei de Tarnitz para Berlim e efetuei um inventário dos bens de minha alma, alegrei-me como uma criança com as riquezas minguadas mas certas que ali encontrei e tive a sensação de que, renovado, reformado, liberado, eu estava entrando, como se costuma dizer, numa nova etapa da vida. Tinha uma esposa com um cérebro de passarinho, mas que era bonita e me adorava. Tinha, além disso, um belo apartamentozinho, um estômago acomodatício e um carro azul. Sentia que havia dentro de mim um poeta, um escritor, bem como grandes capacidades comerciais, ainda que os negócios andassem por baixo. Felix, meu sósia, não parecia senão uma curiosidade inofensiva e era muito possível que eu tivesse falado nele a meu amigos, se naquele tempo tivesse amigos. Pensei sem muito empenho em abandonar meu chocolate e dedicar-me a outra coisa, por exemplo, a publicação de volumes caros, de luxo, que tratassem exaustivamente das relações sexuais tal como eram reveladas na ciência e na literatura... Em suma, eu estuava de energia e não sabia como iria aplicá-la.

Um fim de tarde de novembro, especialmente, avulta em minha memória. Quando entrei em casa de volta do escritório, não encontrei minha mulher. Tinha-me deixado um bilhete dizendo que fora ao cinema. Sem saber o que fazer passeei pelo apartamento e estalei os dedos. Sentei-me então à minha mesa com a intenção de escrever um trecho de excelente prosa mas só consegui lambuzar a caneta e desenhar uma série de narizes encatarrados. Por isso, levantei-me e saí. Eu tinha tremenda necessidade de alguma coisa... de alguma espécie de intercâmbio com o mundo, pois, minha própria companhia era intolerável desde que me excitava demais e sem qualquer finalidade. Fui procurar Ardalion, charlatão de sangue quente e desprezível. Quando ele afinal me deixou entrar (trancava-se no quarto com receio dos credores) fiquei sem saber ao certo por que tinha ido até lá.

— Lydia está aqui — disse ele, com alguma coisa na boca (goma de mascar como se veio a saber). — Está passando mal. Fique à vontade.

Lydia estava deitada na cama de Ardalion fumando e semivestida, isto é, sem sapatos e com uma combinação verde amarfanhada.

— Oh, Hermann, — disse ela — que bom você ter tido a idéia de vir até aqui. Minha barriga não está bem. Sente-se aqui. Melhorou agora, mas passei mal no cinema.

— E bem no meio de um ótimo filme — disse Ardalion, esgaravatando o cachimbo e espalhando no chão os restos enegrecidos. — Há meia hora que ela está deitada aí. Tudo isso é apenas obra da imaginação feminina. Não é nada.

— Mande-o calar a boca — disse Lydia.

— Escute aqui — disse eu, voltando-me para Ardalion. — Tenho certeza de que não estou enganado. Você não pintou um quadro que mostra um cachimbo de urze branca e duas rosas?

Ele produziu um som que os romancistas costumam reproduzir indiscriminadamente assim: Hum...

— Que eu saiba, não — respondeu ele. — Parece que está trabalhando demais, amigo velho.

— Minha primeira — disse Lydia estendida na cama com os olhos fechados — minha primeira é um romântico sentimento ardente. Minha segunda é um animal. O conceito é também um animal ou, se preferem, um mau pintor.

— Não ligue para ela — disse Ardalion. — Quanto ao cachimbo e às rosas, acho que não. Mas pode procurar por si mesmo.

Os seus quadros estavam pendurados nas paredes, jogados desordenadamente na mesa, amontoados num canto. Tudo no quarto estava coberto por uma película de pó. Examinei as manchas sujas e purpúreas das aquarelas dele; toquei em vários pastéis gordurosos arrumados em cima de uma cadeira desconjuntada...

— Em primeiro lugar, — disse Ardorlion (Ardor-leão) a sua bela prima, terrivelmente provocante —

deve aprender
como é que se escreve meu nome.

Saí do quarto e me encaminhei para a sala de jantar da dona da pensão. A velha, com um jeito muito grande de coruja, estava sentada numa poltrona gótica que ficava numa parte mais alta do assoalho perto da janela e cerzia uma meia estendida sobre um cogumelo de madeira.

— . . . ver os quadros — disse eu.

— Tenha a bondade — disse ela, gentilmente.

Encontrei logo à direita do aparador o que estava pró-curando. Aconteceu, porém, que não se tratava bem de duas rosas, nem bem de um cachimbo, mas de duas grandes pêras e um cinzeiro de vidro. Voltei num estado de aguda irritação.

— Como é? Encontrou? — perguntou Ardalion.

Sacudi a cabeça. Lydia já havia enfiado o vestido e os sapatos e tratava de arrumar os cabelos diante do espelho com a escova de Ardalion.

— Curioso... Devo ter comido alguma coisa que me fez mal — disse ela com aquele jeito muito seu de franzir o nariz.

— Isso são gases — murmurou Ardalion. — Esperem um momento, sim? Vou com vocês. Visto-me num instante. Vire-se para o outro lado, Lydia.

Vestia um guarda-pó remendado e manchado de tinta que lhe descia até quase os calcanhares. Tirou isso. Não havia nada embaixo a não ser a sua cruz de prata e tufos simétricos de cabelos. Detesto desmazelo e sujeira. Palavra que Felix era mais limpo que ele. Lydia estava olhando para fora da janela e cantarolava sem parar uma musiquinha que havia muito caíra de moda (e como ela pronunciava mal a letra alemã). Ardalion andava pelo quarto, vestindo-se às prestações de acordo com o que descobria nos lugares mais inesperados.

— Pobre de mim! — exclamou ele de repente. — Que pode haver de mais vulgar que um artista sem dinheiro? Se alguém de bom coração me ajudasse a organizar uma exposição, eu ficaria famoso e rico logo no dia seguinte.

Jantou conosco, jogou cartas com Lydia e saiu depois da meia-noite. Proponho isso como o programa de uma noite alegre e proveitosamente passada. Sim, tudo estava bem, tudo era excelente. Sentia-me outro homem, revigorado, renovado, liberado (um apartamento, uma esposa, o frio penetrante de um inclemente inverno berlinense) e assim por diante. Não posso deixar de dar também um exemplo de meus exercícios literários — uma espécie de treino subconsciente, segundo suponho, em vista da minha atual luta com esta mortificante história. As páginas tímidas e insignificantes escritas naquele inverno foram destruídas, mas uma ainda me persiste na memória. E isso me recorda um dos poemas em prosa de Turguenev... “Como eram belas e frescas as rosas” com acompanhamento de piano. Assim, devo importuná-los pedindo um pouco de música.

Era uma vez um homem fraco e gasto pela vida mas muito rico, um tal X. Y. Estava apaixonado por uma jovem encantadora que, infelizmente, não lhe dava a menor atenção. Um dia, durante uma viagem, esse homem pálido e apagado notou na praia um jovem pescador chamado Mano, camarada alegre, forte e queimado de sol, que, apesar de tudo isso, era maravilhosa e estupendamente parecido com ele. Uma idéia brilhante ocorreu ao nosso herói. Convidou a moça a quem amava a ir com ele até a praia. Hospedaram-se em hotéis diferentes. Logo na primeira manhã em que ela saiu para dar um passeio, quem foi que ela viu do alto dos rochedos? Seria mesmo X.Y.**?** Era difícil de crer! Estava lá embaixo na areia, alegre, queimado do sol, numa camisa listrada de jérsei e os fortes braços nus (mas era Mano!). A moça voltou para o hotel e ficou esperando, esperando... Os minutos de ouro foram virando chumbo...

Enquanto isso, o verdadeiro X.Y. que, de trás de um loureiro, a vira olhar lá embaixo para Mano, seu

sósia, e estava dando tempo para que o coração dela ficasse bem no ponto, passeava ansiosamente pela aldeia, vestido de terno e com uma gravata lilás. De repente, uma moça do lugar com uma saia escarlate chamou-o da porta de uma cabana e, com um gesto latino de surpresa, exclamou: “Como você está bem vestido, Mano! Sempre pensei que você fosse um pescador simples e rude, como são todos os nossos rapazes, e não o amava. Mas agora, agora. . .“ Puxou-o para dentro da cabana. Lábios sussurrantes, uma mistuta de cheiro de peixe e loção de cabelos, carícias ardentes. E assim as horas passaram...

Afinal, X.Y. abriu os olhos e foi até o hotel onde sua querida, o seu único amor, febrilmente o esperava. “Eu estava cega”, exclamou ela ao vê-lo entrar. “Mas agora minha visão foi restaurada quando o vi aparecer na sua nudez bronzeada na praia banhada de sol. Sei que o amo. Faça de mim o que quiser.” Lábios sussurrantes? Carícias ardentes? Horas aladas? Não, positivamente não. Só um persistente cheiro de peixe. O pobre homem estava inteiramente exausto de seu recente encontro e ficou ali sentado, muito abatido
e triste, pensando como tinha sido louco em sabotar e anular o seu magnífico plano.

Material muito medíocre, sou o primeiro a reconhecer. Enquanto eu escrevia, tinha a impressão de que estava produzindo uma coisa muito viva e inteligente. Em certas ocasiões, isso acontece em sonho. Sonha-se que se está fazendo um discurso absolutamente brilhante, mas quando se recorda tudo ao despertar as palavras parecem desprovidas de sentido: “Além de ficar em silêncio antes do chá, estou em silêncio diante da esplanada e dos espelhos”, *etc.*

Por outro lado, aquele pequeno conto ao jeito de Oscar Wilde estaria muito bem na seção literária dos jornais, cujos redatores, especialmente os alemães, gostam de oferecer aos seus leitores justamente esses pequenos contos de estilo bonito e levemente licencioso, quarenta linhas ao todo, com uma intenção elegante e uma pitada do que os ignorantes chamam de paradoxos (“A conversa dele cintilava de paradoxos.”). Uma ninharia decerto, um capricho - da pena, mas deverão ficar espantados quando eu lhes disser que escrevi essa baboseira piegas numa agonia de sofrimento e de horror, rangendo os dentes, desabafando-me furiosamente, mas, ao mesmo tempo, com plena consciência de que aquilo não era desafogo de espécie alguma, mas uma refinada tortura e que eu nunca libertaria minha alma sombria e soturna por esse método, que apenas servia para piorar as coisas.

Foi mais ou menos nesse estado de espírito que eu enfrentei a noite de Ano Novo. Lembro-me da carcaça negra daquela noite, que era como uma feiticeira desequilibrada, prendendo a respiração à espera de que batesse a hora sacramental. Sentados à mesa, estávamos, Lydia, Ardalion, Orlovius e eu, imóveis e fixos como figuras heráldicas. Lydia, com o cotovelo na mesa, o indicador levantado vigilantemente, os ombros nus, o vestido tão variegado quanto as costas de uma carta de jogar; Ardalion com uma manta de peles sobre os joelhos (em vista da porta da varanda aberta) e um brilho vermelho no seu gordo rosto leonino; Orlovius, de sobrecasaca preta, com os óculos a faiscar e o colarinho de pontas viradas a engolir as pontas de sua diminuta gravata preta e eu, o Relâmpago Humano, a iluminar aquela cena.

Muito bem, agora podem movimentar-se e andem depressa com essa garrafa pois o relógio já vai bater meia-noite. Ardalion serviu o champanha e todos ficamos parados de novo. De lado e por cima dos óculos, Orlovius olhou para o seu velho relógio de prata colocado em cima da toalha da mesa. Faltavam ainda dois minutos. Na rua, alguém não agüentou mais a tensão da espera e soltou um foguete que explodiu ruidosamente; seguiu-se um pesado silêncio. Olhando para o seu relógio, Orlovius estendeu então para o copo, a mão senil com garras de grifo.

De repente, a noite cedeu e começou a rasgar-se. Subiram gritos da rua. Como se fôssemos reis, saímos com nossos copos de champanha para a varanda. Foguetes silvavam acima da varanda e iam estourar no alto em lágrimas coloridas. E em todas as janelas, em todas as varandas, emoldurada em

cunhas e quadrados de luz festiva, havia gente comprimida a gritar repetidamente o mesmo cumprimento idiota.

Nós quatro tocamos os copos. Tomei um gole.

— Que é que Hermann está bebendo? — perguntou Lydia a Ardalion.

— Não sei, nem quero saber — disse Ardalion. — De qualquer maneira, ele vai ser decapitado este ano por sonegação de lucros.

— Que coisa horrível! — exclamou Orlovius. — Bebo à saúde universal.

— E faz muito bem — disse eu.

Alguns dias depois, numa manhã de domingo, quando eu já ia entrar no banho, a empregada bateu na porta e ficou repetindo alguma coisa que eu não podia ouvir direito em vista do barulho da água que corria na banheira. "Que é que há?", berrava eu. "Que é que você quer?" Mas minha voz e o barulho da água sufocavam as palavras de Elsie e toda a vez que ela começava a falar eu berrava de novo, como acontece a duas pessoas que se encontram de frente numa calçada livre e larga, mas não se podem desvencilhar uma da outra, pois ambas se desviam repetidamente para o mesmo lado.

Mas tive afinal a idéia de fechar a torneira. Saltei então para a porta e, no súbito silêncio, a vozinha infantil de Elsie disse:

— Está aí um homem à sua procura.

— Um homem? — perguntei, abrindo a porta.

— Um homem — repetiu Elsie, como se fizesse um comentário sobre a minha nudez.

— Que é que ele quer? — perguntei e não apenas me senti suado, mas me vi coberto de gotas de suor da cabeça aos pés.

— Diz ele que é um assunto de negócios e que o senhor sabe de que se trata.

— Como é ele? — perguntei com um esforço.

— Está esperando na saleta — disse Elsie, com a mais completa indiferença pela armadura de pérolas que me cobria.

— Que espécie de homem é ele?

— Parece pobre e está com uma mochila passada pelo ombro.

— Diga-lhe que pode ir para o inferno direto! — exclamei. — Faça-o sair imediatamente. Diga a esse homem que não estou em casa, não estou na cidade, não estou neste mundo!

Bati a porta e passei o ferrolho. Sentia o coração latejar-me bem na garganta. Passou-se mais ou menos meio minuto. Não sei o que me deu de repente mas já gritando, abri a porta e saí do banheiro, nu como estava. No corredor, choquei-me com Elsie que estava voltando para a cozinha.

— Diga ao homem que espere! Onde está ele? Faça-o esperar!

— Ele já foi — disse ela, afastando-se polidamente do meu abraço sem intenção.

— Para que foi que você...

Mas nem acabei a frase. Corri para o quarto, enfiei os sapatos, as calças e o sobretudo, precipitei-me pela escada abaixo e saí na rua. Ninguém. Fui até a esquina, fiquei ali durante algum tempo olhando para todos os lados e acabei voltando para casa. Eu estava sozinho, pois Lydia tinha saído muito cedo para ver, segundo dissera, uma amiga. Quando voltou, disse-lhe que não estava passando muito bem e não iria com ela até ao café, como havíamos combinado.

— Coitado — disse ela. — E melhor você se deitar e tomar alguma coisa. Há aspirina por aí. Está muito bem. Irei ao café sozinha.

E foi. A empregada havia saído também. Fiquei esperando em verdadeira agonia que tocassem a campainha da porta.

"Idiota!", pensava de mim mesmo. "Que grande idiota!"

Achava-me num estado de mórbida exasperação. Não sabia o que fazer. Estava disposto até a rezar a um Deus inexistente para que a campainha tocasse. Quando escureceu, não acendi a luz. Continuei deitado no divã, esperando, esperando... Com certeza, apareceria antes que a porta do edifício fosse fechada pelo resto da noite. Em todo caso, se isso não acontecesse, no dia seguinte ou, na pior das hipóteses, dois dias depois iria aparecer sem dúvida alguma. Eu morreria se ele... Não, não! Ele tinha de aparecer... Afinal, às oito horas, a campainha tocou e eu corri para a porta.

—Epa! Como estou cansada! — disse Lydia desgraciosamente, tirando o chapéu e passando a mão pelos cabelos.

Vinha acompanhada de Ardalion. Ele e eu fomos para a sala enquanto minha mulher foi fazer alguma coisa na cozinha.

— "O peregrino está com frio e fome" — disse Ardalion esquentando as mãos no aquecimento central e citando erradamente o poeta Nekrasov.

Silêncio.

— Pode dizer o que quiser — disse ele, olhando para meu retrato — mas há muita semelhança. Digo-lhe mais: uma semelhança notável. Sei que é pretensão de minha parte, mas não posso deixar de admirar esse retrato sempre que o vejo. E você fez bem, caro amigo, em raspar de novo esse bigode, sabe?

— O jantar está pronto! — exclamou Lydia com voz gentilmente modulada da sala de jantar.

Não pude tocar em comida. A cada instante, mandava um ouvido sair e ficar de sentinela junto à porta da rua, embora soubesse que já era muito tarde.

— Dois dos meus sonhos favoritos — disse Ardalion, dobrando fatias de presunto como se fossem panquecas e mastigando-as vigorosamente. — Dois sonhos celestiais: uma exposição e uma viagem à Itália.

— Há mais de um mês que esta pessoa aqui não toca numa gota de vodca — disse Lydia à guisa de explicação.

— Por falar em vodca — disse Ardalion — Perebrodov já o procurou?

Lydia levou a mão à boca.

— Isso me saiu da memória por completo — disse ela por entre os dedos.

— Nunca vi um camarada assim. O fato é que eu tinha pedido a Lydia que falasse com você... É a respeito de um pobre artista, de nome Perebrodov, velho amigo meu. Veio a pé de Dantzig até aqui. Pelo menos, é o que ele diz. Vende cigarreiras pintadas a mão e Lydia pensou que você poderia ajudá-lo. Dei-lhe seu endereço.

— Ah, sim, ele me procurou — respondi. — Procurou e eu mandei dizer que podia ir para o inferno. Ficaria muito grato a você se deixasse de me mandar toda a espécie de exploradores e mordedores. Pode dizer a seu amigo que não se dê ao trabalho de aparecer de novo. Na verdade, isso está passando dos limites. Poderiam até pensar que eu me tornei um benfeitor profissional. O diabo que carregue seu amigo... como é que se chama? Não quero nada com ele!

— Calma, Hermann, calma... — disse Lydia suavemente.

— Muito triste isso — murmurou Ardalion depois de fazer um som explosivo com os lábios.

Continuei a deblaterar durante algum tempo. Não me lembro mais das palavras que disse, mas isso não tem a menor importância.

Parece de fato que me adiantei um pouco — disse Ardalion, olhando de lado para Lydia. — Desculpe.

Fiquei calado de repente e comecei pensativamente a mexer minha xícara de chá muito tempo depois de não haver mais açúcar. Ao fim de algum tempo, disse:

— Sou um perfeito animal, não é mesmo?

— Ora essa, também não exagere — disse Ardalion, com um sorriso bem-humorado.

A minha falta de juízo me encheu de alegria. Como era que não me tinha ocorrido que se Felix tivesse aparecido (o que por si só seria um milagre pois ele nem meu nome sabia), a empregada teria ficado estupefata pois teria visto diante dela uma cópia perfeita de mim mesmo?

Depois que pensei nisso, minha fantasia construiu com cores vivas as exclamações da empregada e mostrou-a correndo para mim, a gaguejar e a rodear-me, falando da maravilha de nossa parecença. Eu teria explicado então a ela que se tratava de meu irmão chegado inesperadamente da Rússia. Na realidade, passara um longo dia sozinho a sofrer absurdamente, porque, em lugar de sentir-me surpreso com o simples fato da chegada dele, tratara de pensar no que iria acontecer depois — se ele se fora embora de vez ou se ainda voltaria, que pretendia de mim e se a chegada dele não iria prejudicar o cumprimento de meu sonho persistente, louco e admirável ou, então, se algumas pessoas que me conheciam o tinham visto na rua e, neste caso, se isso significava o desmoronamento dos meus planos.

Depois de haver assim ponderado sobre as falhas de minha razão e sobre o perigo tão facilmente dissipado, senti, como já disse, uma onda de satisfação e boa vontade.

— Desculpem-me por favor. Estou muito nervoso hoje. Para dizer a verdade, acontece que não cheguei a ver seu bom amigo, Ardalion. Eu estava no banho e Elsie disse a ele que eu não estava em casa. Escute, quando estiver com ele, dê-lhe estes três marcos. . . o que posso fazer faço com muito prazer ... e diga-lhe que no momento não posso fazer mais por ele e que convém que ele procure outra pessoa, talvez Vladimir Isakovitch Davidov.

— Aí está uma boa idéia — disse Ardalion. — Eu irei também procurá-lo. Por falar nisso o velho Perebrodov bebe como um peixe. Pergunte àquela minha tia que se casou com um agricultor francês, de quem já lhe falei, muito boa pessoa, mas avarenta como ela só. Ela tinha umas terras na Criméia e durante a luta ali em 1920 Perebrodov e eu bebemos tudo o que havia na adega dela.

— Quanto à viagem à Itália — disse eu, sorrindo — vamos ver.

— Hermann tem um coração de ouro — murmurou Lydia.

— Quer-me passar as salsichas, querida? — disse eu, sorrindo como dantes.

Não pude bem compreender na época o que me estava acontecendo, mas agora já sei o que era. Minha paixão pelo meu sósia estava surgindo novamente com uma violência surda mas terrível que dentro em breve fugiu a qualquer controle. Começou com a conscientização de que na cidade de Berlim havia um vago ponto central em torno do qual unia força confusa me obrigava a circular cada vez mais perto. O azul de cobalto das caixas de correio, o automóvel amarelo de grandes rodas com a insígnia da águia preta sob a sua janela gradeada, um carteiro com o saco pendente sobre a barriga a descer a rua (com aquela especial lentidão que em certos trabalhadores é um sinal de experiência), a máquina de selar correspondência na estação do metrô ou até as pequenas lojas filatélicas onde se viam selos apetitosamente sortidos de todas as partes do mundo metidos em envelopes com janelinhas — em suma, tudo o que se relacionava com o correio começou a exercer sobre mim uma estranha pressão e uma implacável influência.

Lembro-me de que um dia um estado muito semelhante ao sonambulismo me levou a determinada rua que eu conhecia muito bem e ali estava eu cada vez mais perto do ponto magnético que se tornara o fulcro do meu ser. Mas, de repente, com um sobressalto recuperei a consciência e fugi. Mas alguns minutos ou talvez alguns dias depois, percebi que tinha de novo entrado naquela mesma rua.

Estava na hora da entrega da correspondência e eu vi marcharem na minha direção com um passo bem descansado uma dúzia de carteiros de farda azul que ainda, sem pressa alguma, se dispersaram na esquina.

Mudei de rumo, mordendo o polegar e abanando a cabeça. Eu ainda estava resistindo mas com a

louca pulsação da intuição infalível, sabia que a carta estava ali à minha espera e que, mais cedo ou mais tarde, eu acabaria cedendo à tentação.

7

De saída, vamos adotar a seguinte divisa (não especialmente para este capítulo, mas de um modo geral): Literatura é Amor. Dito isso, podemos continuar.

A agência do correio estava um pouco escura. Havia diante de cada guichê duas ou três pessoas, principalmente mulheres. Atrás de cada guichê, emoldurado na janelinha como um retrato embaciado, estava o rosto de um funcionário. Procurei o número Nove... Vacilei um pouco antes de chegar lá... Havia no meio do caminho uma série de mesas para uso do público e eu parei diante de uma delas, fingindo para o meu próprio eu que tinha alguma coisa para escrever. Tirei do bolso uma velha conta e comecei a rabiscar as primeiras palavras que me vieram à cabeça.

A pena fornecida pelo Estado arranhava o papel e rangia. Molhava-a constantemente no tinteiro e no pouco de tinta que havia nele. O mata-borrão claro no qual eu apoiava o cotovelo estava entrecruzado de impressões de linhas ilegíveis. Aquelas letras irracionais, que pareciam precedidas de um sinal menos, sempre me faziam pensar em espelhos: menos x menos = mais. Ocorreu-me que talvez Felix fosse um eu com sinal menos. Tratava-se de um ponto da mais alta importância que eu fiz mal, fiz muito mal mesmo, em não investigar completamente.

Enquanto isso, a pena tísica em minha mão continuava a vomitar palavras: não posso parar, pote, parada, pancada, inverno, inferno. Amassei o papel na mão. Uma dona gorda e impaciente passou por mim a fim de pegar a pena que eu abandonara e, com isso, me empurrou para o lado com uma rabanada do traseiro de couro de foca.

Vi-me de repente diante do guichê Nove. Um rosto largo com um bigode ruivo me olhou para saber o que eu queria. Balbuciei a palavra da senha combinada. A mão com uma dedeira preta no indicador entregou-me não uma mas três cartas. Parece-me agora que tudo isso aconteceu num instante e que, no momento seguinte, eu ia pela rua com uma das mãos a apertar o coração. Logo que cheguei a um banco, sentei-me e abri as cartas.

Levante-se ali algum monumento como, por exemplo, um poste amarelo. Cumpre que aquela partícula de tempo deixe também uma marca no espaço. Ali fiquei sentado e a ler. Depois, fui sufocado por um riso inesperado e incoercível. A verdade, gentil leitor, é que se tratava de cartas de chantagem! Uma carta de chantagem, que talvez nunca seja aberta por alguém, uma carta de chantagem mandada para a posta-restante para ali ficar até ser procurada, sob um nome combinado, ainda mais com a ingênua confissão de que o remetente não sabe nem o nome, nem o - endereço da pessoa a quem escreve, é, na verdade, um paradoxo muitíssimo engraçado!

Na primeira das três cartas (escrita em meados de novembro), a chantagem era apenas esboçada. Estava muito ofendida comigo aquela carta e pedia explicações, parecia pronta a arquear as sobrancelhas de espanto como devia ter feito quem a escrevera ou a fazer desabrochar a qualquer instante o seu amplo sorriso. Na verdade, dizia ele, não compreendia e tinha muita vontade de compreender por que eu havia procedido de maneira tão misteriosa, por que, sem razões imperiosas, eu havia fugido na calada da noite. Ele tinha certas suspeitas, claro que tinha, mas não queria ainda mostrar as suas cartas. Estava pronto a esconder do mundo essas suspeitas, caso eu agisse como devia. Externava as suas hesitações com dignidade e com dignidade esperava uma resposta. Tudo isso era escrito com muitos erros de gramática e muita pretensão, mistura essa que constituía o seu estilo natural.

Na carta seguinte, escrita em fins de dezembro (que paciência!) o tema especifico já era bem mais evidente. Era claro por que ele insistia em me escrever. A lembrança daquela nota de mil marcos, aquela visão cinza-azul que lhe passara por diante do nariz e se desvanecera, lhe corroía as entranhas. A sua cupidez fora vivamente ferida. Passava a língua pelos lábios ressequidos e não podia perdoar-se que me

tivesse deixado ir e assim perdesse o adorável farfalhar daquela nota que lhe dera cócegas nas pontas dos dedos. Assim sendo, escrevia-me para dizer que estava disposto a conceder-me um novo encontro. Tinha pensado muito nas coisas ultimamente. Se eu me negasse a vê-lo ou simplesmente não lhe respondesse, ele se veria forçado... nesse ponto, aparecia um enorme borrão que o patife fizera de propósito com o intuito de me intrigar, desde que não tinha a menor idéia da espécie de ameaça que poderia formular.

Por fim, a terceira carta, a de janeiro, era da parte dele uma verdadeira obra-prima. Lembro-me dela com mais detalhes do que as outras, porque a guardei mais tempo em meu poder. Dizia:

"Não tendo obtido resposta às minhas duas primeiras cartas, creio que é chegado para mim o momento de tomar certas medidas mesmo assim eu lhe concedo um mês para refletir depois do que irei diretamente a um lugar onde todos os seus atos serão julgados pelo seu justo valor e se ali também não encontrar boa vontade para quem é incorruptível hoje em dia recorrerei a uma providência cuja natureza exata deixo a cargo de sua imaginação pois acho que quando o governo não tem interesse em punir os malfeitores, o dever de todo o cidadão honesto é fazer tamanha algazarra que afinal o governo se sinta na obrigação de agir quer queira quer não queira contudo em vista de sua situação pessoal e de outras considerações de bondade e gentileza estou pronto a desistir de minha intenção e não tomar qualquer iniciativa com a condição de que durante o corrente mês me remeta uma quantia considerável para compensar todas as minhas preocupações deixo a soma exata inteiramente a seu critério."

A assinatura era "Pardal" e logo depois vinha o endereço de uma agência postal provinciana.

Deliciei-me por muito tempo com essa carta, cujo encanto gótico é impossível de ser reproduzido pela minha tradução medrosa. Tudo nela me encantava: a sua majestosa torrente de palavras, que não eram travadas por qualquer pontuação, a ostentação imbecil de ridícula rigidez partindo de indivíduo de aspecto tão inofensivo e aquele consentimento implícito à aceitação de qualquer proposta por mais revoltante que fosse, contanto que ele pegasse o dinheiro. Mas o que me enchia principalmente de prazer, um prazer tão forte e amplo que era difícil de suportar, consistia no fato de que Felix, por sua livre e espontânea vontade, sem qualquer incitamento de minha parte, tinha reaparecido e me oferecia os seus serviços. E não apenas isso. Ordenava-me que utilizasse os seus serviços e, assim fazendo tudo o que eu desejava, eximia-me de qualquer responsabilidade que pudesse decorrer da sucessão fatal dos acontecimentos.

Dobrei o corpo de tanto rir sentado naquele banco. Oh! Era preciso levantar ali um monumento de qualquer jeito, um poste amarelo! Como concebia tudo aquele simplório? Julgaria que as cartas dele, por uma espécie de telepatia, me informariam de que tinham chegado e que, depois de tomar conhecimento magicamente do conteúdo delas, eu teria uma crença mágica no poder de suas ameaças de fantasma? Como era curioso, entretanto, que eu tivesse sentido que as cartas estavam à minha espera no guichê Nove, e que eu pretendesse mesmo respondê-las. Por outras palavras, o que ele, na sua arrogante imbecilidade, havia conjeturado, realmente acontecera!

Sentado ali no banco a agarrar febrilmente as cartas, percebi de repente que meu plano recebera os traços finais e que tudo ou quase tudo estava já assentado. Faltavam ainda alguns detalhes mas não seria problema acertá-los. Na verdade, que problema pode haver em tais assuntos? Tudo marcha por si mesmo, tudo flui e se funde, tomando sem esforço formas inevitáveis. Tudo isso vinha acontecendo desde o momento em que eu vira Felix pela primeira vez.

Por que então falar em problemas, quando é a harmonia dos símbolos matemáticos, o movimento dos planetas, o livre jogo das leis naturais que têm verdadeira relação com o caso? Minha admirável construção cresceu sem a minha assistência. Desde o início, tudo tinha corrido à medida dos meus desejos. E, ainda naquele momento, quando pensei no que devia escrever a Felix, quase não me espantou

encontrar a carta já pronta em minha cabeça, tão pronta quanto esses telegramas de boas festas que já vêm com os dizeres impressos. Só me restava assinalar a data no espaço reservado para isso no formulário.

Vamos discutir crimes, a arte do crime, e os truques de cartas. Estou treinadíssimo neste momento. Oh, Conan Doyle! Como você poderia ter dado um remate maravilhoso à sua criação quando seus dois heróis começaram a cansá-lo! poderia, por exemplo, ter escrito um último conto encerrando toda a epopéia de Sherlock Holmes. Que oportunidade, que assunto perdeu! Seria um episódio final para dar realce a todos os anteriores. Nessa história, o assassino não seria o guarda-livros perneta, nem o chinês Ching, nem a mulher de escarlate, mas o cronista das histórias de crimes, o próprio Dr. Watson... que, por assim dizer, sabia quem era Watson. Uma verdadeira surpresa para o leitor!

Mas quem são eles — Conan Doyle, Dostoievski, Maurice Leblanc, Edgar Wallace — quem são todos os grandes romancistas que escreveram sobre os sagazes criminosos, quem são todos os grandes criminosos que nunca leram os sagazes romancistas, quem são todos eles em comparação comigo? Insensatos e errados! Como acontece com os gênios inventivos, fui certamente ajudado pela sorte (no meu encontro com Felix), mas esse fragmento de sorte ajustou-se perfeitamente ao lugar que eu lhe havia reservado. Tratei de agarrá-lo e de usá-lo, o que outro em minha posição não teria feito.

O meu sucesso parece um jogo de paciência arrumado de antemão. Primeiro, disponho as cartas abertas de tal maneira que o resultado seja infalivelmente certo. Depois, coloco as cartas em ordem inversa e entrego o baralho assim preparado aos outros com a perfeita certeza do que vai sair dele.

O erro de meus inúmeros precursores consistiu no fato de terem dado especial ênfase ao próprio ato e de atribuírem mais importância à remoção posterior de todos os vestígios, em lugar de seguirem o meio mais natural de chegar ao mesmo ato, na realidade como um elo numa corrente, como um detalhe ou uma linha num livro que deve derivar-se logicamente de todos os antecedentes, pois tal é a natureza de toda arte. Se tudo for planejado e executado corretamente, a força da arte criadora é tamanha, que se o criminoso fosse entregar-se na manhã seguinte, ninguém acreditaria nele, desde que há na invenção da arte uma verdade muito mais intrínseca do que a realidade da vida.

Lembro-me de que tudo isso me passou pelo espírito naquela ocasião em que eu estava sentado no banco com as cartas na mão, mas naquele tempo a coisa era uma e agora é outra. *Agora*, eu corrigiria um pouco essa afirmação, acrescentando que (como acontece com admiráveis obras de arte que a multidão se nega, por muito tempo, a compreender e reconhecer, mas cujo encantamento resiste) o gênio de um crime perfeito não é percebido pelo povo e não faz ninguém sonhar e maravilhar-se. Ao contrário, todos fazem o possível para descobrir alguma coisa que possa ser atacada e despedaçada, alguma coisa com que espicaçar o autor, a fim de feri-lo o mais possível. E quando julgam ter encontrado o lapso que procuram, é preciso ouvir-lhes as gargalhadas e as vaias! Mas eles é que estão errados e não o autor; carecem da sua lucidez e nada vêem de fora do comum onde o autor percebeu uma maravilha.

Depois de fartar-me de rir, pensei calma e claramente nos meus lances seguintes. Guardei a terceira carta que era a mais venenosa no bolso, rasguei as outras duas, jogando os fragmentos entre as moitas vizinhas, o que sem demora atraiu os pardais que julgaram tratar-se de migalhas de pão. Dirigi-me então para o meu escritório, onde bati a máquina uma carta para Felix, na qual dava instruções precisas sobre a época e o destino de sua viagem. Incluí vinte marcos para as despesas e tornei a sair.

Sempre me foi difícil largar uma carta suspensa acima da abertura abissal de uma caixa do correio. Parece um mergulho num mar gelado ou um salto de uma sacada em chamas para o que se figura o coração de uma alcachofra. E aquela carta era particularmente difícil de largar. Contive a respiração, senti um frio na boca do estômago e, ainda segurando a carta, continuei pela rua e parei diante da caixa do correio seguinte, onde a mesma coisa voltou a acontecer. Prossegui, sobrecarregado com a carta que

me fazia verdadeiramente dobrar o corpo e, de novo diante de um grande edifício de apartamentos, encontrei outra caixa. Minha indecisão se estava tornando incômoda, pois era desprovida de causa e de sentido em vista da firmeza das minhas intenções. Talvez se pudesse considerá-la uma indecisão física, mecânica, uma relutância muscular à descontração. Melhor ainda, talvez fosse como diria um observador marxista (desde que o marxismo, como eu sempre digo, é o que mais se aproxima da Verdade Absoluta) a indecisãO de um proprietário que sempre tem horror (o que constitui a sua verdadeira essência) a abrir mão daquilo que possui. É digno de nota que, no meu caso, a idéia da propriedade não se limitava simplesmente ao dinheiro que eu estava remetendo, mas correspondia à parcela de minha alma que eu pusera na carta. Fosse como fosse, eu já havia vencido a minha hesitação quando cheguei à quarta ou quinta caixa. Eu sabia tão certamente quanto sei que vou chegar ao fim deste período, sabia que nada me poderia impedir de colocar a carta na caixa e previa até o gesto que faria imediatamente depois — esfregar uma na outra as palmas das mãos como se a carta tivesse deixado em minhas luvas partículas de pó. Depois de expedida, a carta não era mais minha como também não o era o seu pó. Pronto, tudo está acabado — tal seria o significado de meu gesto.

Apesar disso, não deixei cair a carta. Fiquei ali parado, vergado sob a minha carga como dantes. Olhei então para duas meninas que brincavam perto de mim na calçada, fazendo rolar, cada uma por sua vez, uma bola de gude iridescente.

Escolhi a mais moça das duas. Era uma criaturinha delicada, de cabelos pretos, com um vestidinho de xadrez. Era uma maravilha que não estivesse sentindo frio naquele áspero dia de fevereiro. Afaguei-lhe a cabeça e disse:

— Escute, meu bem. Tenho a vista tão ruim que não sei se vou conseguir botar esta carta na caixa. Quer fazer isso para mim?

Ela voltou os olhos para mim, levantou-se da posição agachada em que estava (o rostinho era de uma palidez translúcida e de rara beleza), pegou a carta, deu-me um sorriso divino acompanhado de um bater de seus longos cílios e correu para a caixa do correio. Não esperei para ver o resto. Atravessei a rua apertando os olhos (notem bem o fato), como se realmente eu não enxergasse bem. Era a arte pela arte, pois não havia ninguém por perto.

Na primeira esquina, entrei pela porta de vidro de um telefone público e liguei para Ardalion. Era preciso fazer alguma coisa a respeito dele pois havia desde muito tempo chegado à conclusão de que o pintor de retratos intrometido era a única pessoa com quem eu devia tomar cuidado. Os psicólogos é que podem esclarecer se foi a simulação de miopia que por associação me levou a agir em relação a Ardalion como havia muito eu tencionava ou se, ao contrário, foi o fato de pensar constantemente nos olhos perigosos do homem que me deu a idéia de fingir miopia.

Por falar nisso, antes que eu me esqueça, aquela menina vai crescer e provavelmente ficar bonita e ser feliz sem jamais saber do caso fantástico no qual serviu de intermediária.

E há também a probabilidade de que o destino, não tolerando essa bondosa e ingênua corretagem, o invejoso destino com a sua vasta experiência, o seu arsenal de truques e a sua aversão à competição, castigue cruelmente aquela mocinha por por ter sido intrusa e a faça perguntar: “Mas que foi que eu fiz para ser tão infeliz?” E nunca, nunca poderá compreender. Mas estou com a consciência tranqüila. Não escrevi para Felix, ele é que me escreveu; não fui eu que lhe mandei a resposta e, sim, uma menina desconhecida.

Quando cheguei ao ponto de destino seguinte, um café bastante simpático, à frente do qual, num jardinzinho, costumava ostentar-se nas noites de verão uma fonte de cores cambiantes, habilmente iluminada de baixo por alguns refletores polícromos (mas naquela ocasião o jardim estava despojado e triste, a fonte não cintilava e as cortinas grossas do café tinham vencido a sua luta de classe com as

ventanias cortantes... como eu escrevo bem e como estou frio e perfeitamente controlado); bem, como eu estava dizendo, quando eu cheguei, Ardalion já estava lá e, ao ver-me, ergueu o braço à romana. Tirei as luvas, o chapéu, o cachecol de seda branca, sentei-me ao lado dele e joguei em cima da mesa um maço de cigarros caros.

— Quais são as boas notícias de que é mensageiro? — perguntou Ardalion que sempre me falava de maneira especialmente fátua.

Pedi café e comecei a falar mais ou menos assim:

— Ora... tenho notícias para você. Tenho vivido ultimamente muito preocupado com a idéia de que você estava decaindo, meu amigo. Um artista não pode viver sem amantes, nem ciprestes, disse Puchkine ou devia ter dito. . . Em razão dos apertos em que você vive e da insipidez geral do seu jeito de existir, o seu talento está morrendo, agonizando por assim dizer; não corre mais do mesmo modo que aquela fonte luminosa ali fica seca no inverno.

— Muito obrigado pela comparação — disse Ardalion com o ar de quem se sentisse magoado. — Aquela abominação. . . aquela fonte em estilo de caramelo! Prefiro não discutir meu talento, fique sabendo, desde que o conceito que você faz da *ars pictori* equivale a... (Aqui saiu um trocadilho que não pode ser reproduzido).

— Lydia e eu temos conversado muitas vezes sobre a sua situação — continuei sem ligar ao latim macarrônico e à vulgaridade dele. — Acho que você deve mudar de meio, renovar o espírito, impregnar-se de novas impressões.

Ardalion estremeceu dos pés à cabeça.

— Que é que o meio tem a ver com a arte?

— De qualquer maneira, o meio em que está vivendo é desastroso para você e, portanto, não pode deixar de ter alguma importância. As rosas e os pêssegos com que você adorna a sala de jantar da dona da pensão, os retratos dos cidadãos respeitáveis em cuja casa você arranja o jantar...

— Arranja...? Francamente!

— Tudo isso pode ser admirável, genial mesmo, mas, falando com toda a franqueza, tudo isso não lhe parece um pouco monótono e forçado? Você deve ir viver em outro clima com muito sol, pois o sol é o grande amigo dos pintores. Mas estou vendo que esse assunto não lhe interessa. Vamos falar de outra coisa. Por exemplo, qual é a situação atual daquele terreno seu?

— Sei lá! Continuam a me mandar cartas em alemão. Devia pedir a você que traduzisse para mim, mas acho tudo isso tremendamente chato. . . Por isso, perco as cartas ou rasgo-as logo que chegam. Com certeza, querem que eu faça novos pagamentos. No verão que vem, vou construir uma casa ali, é o que eu vou fazer. Quero ver me tirarem o terreno debaixo da casa. Mas você estava falando de uma mudança de clima. Pode continuar que eu estou escutando, caro amigo.

— Não, não adianta. Você não está interessado. Digo coisas sensatas e você fica logo todo irritado.

— Quem é que fica irritado? Ao contrário...

— Não, não adianta...

— Você mencionou a Itália, amigo velho. Pode continuar. O assunto me agrada.

— Ainda não falei em Itália — disse eu, rindo. — Mas já que você pronunciou essa palavra.., não está bem e satisfeito aqui? Há rumores de que você parou de... — E com uma série de piparotes no queixo, imitei o gorgolejar de uma garrafa. — Faz muito bem. Corte a bebida de vez. Entretanto, não lhe recusaria um copinho agora. Beber em companhia de um amigo é diferente, não sei se me entende. Está bem, eu estava apenas brincando...

— É melhor assim porque não tiraria nenhum proveito disso. É impossível embriagar-me. É isso mesmo! Ahmmm.... Como dormi mal esta noite! Ahmmm... Que coisa horrível é a insônia — continuei,

olhando-o através das lágrimas que me escorriam dos olhos. — Ahmm... Perdão por estar bocejando assim.

Ardalion, que sorria maliciosamente, brincava com a colher do café. O rosto gordo, com o nariz leonino, estava inclinado e as pálpebras, com verrugas avermelhadas no lugar dos cílios, velavam-lhe a meio os olhos revoltantemente brilhantes. De repente, ele me dardejou um olhar e disse:

— Se eu fizesse uma viagem à Itália, seria mesmo capaz de pintar coisas maravilhosas. O que apurasse na venda dos quadros serviria imediatamente para saldar as minhas dívidas.

— Suas dívidas? Você tem dívidas? — perguntei zombeteiramente.

— Ora, pare com isso, Hermann Karlovich — disse ele, usando pela primeira vez, se não me engano, meu nome e patronímico. — Você compreende muito bem o que eu estou querendo dizer. Empreste-me duzentos e cinqüenta marcos ou, melhor, duzentos e cinqüenta dólares e eu rezarei pela sua alma em todas as igrejas de Florença.

— Por enquanto, fique com isto para pagar o visto em seu passaporte — disse eu, abrindo a carteira. — Você deve ter um passaporte Nansen e não um bom passaporte alemão como todo mundo tem. Trate desse visto imediatamente para não gastar em bebida o dinheiro todo.

— Aqui está minha mão, velho amigo.

Depois, ficamos ambos calados, ele porque transbordava de um júbilo que não tinha significação alguma para mim, e eu porque o assunto estava encerrado e não havia mais nada para dizer.

— Tive uma idéia brilhante — exclamou Ardalion de repente. — Por que não deixa Lydia ir comigo, meu velho? Isto por aqui anda terrivelmente monótono e ela precisa de alguma coisa para se divertir. Se eu for sozinho... Compreenda que ela é muito ciumenta... e ficará pensando que eu estou bebendo em algum lugar. Sinceramente, deixe-a ir passar um mês comigo. Está bem?

— Pode ser que ela vá depois. Talvez vamos os dois. Há muito pretendo, escravo exausto, fugir para a longínqua terra da arte e das uvas translúcidas. Bem, agora tenho de sair daqui. Dois cafés. Foi só isso, não foi?

8

Bem cedo na manhã seguinte — não eram ainda nove horas — encaminhei-me para uma das estações centrais do metrô e ali tomei uma posição estratégica no alto das escadas. A intervalos regulares, uma porção de gente irrompia das profundezas cavernosas armada de pastas — subiam, subiam bufando ou batendo os pés e, de vez em quando, o pé de alguém batia ruidosamente num cartaz metálico que certa firma achava aconselhável para anunciar os seus produtos plantar bem à frente dos degraus. No segundo degrau de cima para baixo, com as costas na parede e o chapéu na mão (quem foi o primeiro gênio da mendicância que associou um chapéu às suas necessidades profissionais?), estava, com os ombros curvados na maior humildade possível, um pobre-diabo velho. Mais alto ainda, havia um grupo de jornaleiros com bonés à cabeça e uma porção de cartazes com as notícias do dia. Era um dia nublado e horrível. Embora eu estivesse usando polainas, sentia os pés entorpecidos de frio. Passou-me pela cabeça a idéia de que talvez não sentisse tanto frio nos pés se não lustrasse com tanto cuidado meus sapatos pretos. Afinal, pontualmente às nove menos cinco, tal como eu havia calculado, a figura de Orlovius apareceu lá no fundo. Virei-me imediatamente e comecei a afastar-me lentamente da estação do metrô. Orlovius passou por mim, olhou para trás e mostrou seus belos dentes postiços. O nosso encontro tinha o tom exato de acaso que eu desejava.

— Sim, vou para o mesmo lado — disse eu em resposta à pergunta dele. — Tenho de ir ao meu banco.

— Que tempo horrível! — disse Orlovius, caminhando ao meu lado. — Como está sua esposa? Muito bem, não é?

— Está bem, obrigado.

— E você? Não está passando bem? — continuou ele a perguntar gentilmente.

— Muito não. Nervosismo, insônia. Coisinhas que dantes me divertiam mas agora me aborrecem.

— Por que não usa limão? — perguntou Orlovius.

— ... que dantes me divertiam mas agora me aborrecem. Isto, por exemplo...

Tive um breve riso forçado e tirei a carteira do bolso.

— Recebi esta carta de chantagem cretina e não consigo tirar o peso da cabeça. Se quiser, leia. Ë um caso bem esquisito.

Orlovius parou e examinou atentamente a carta. Enquanto ele lia, olhei para a vitrina mais próxima do ponto onde estávamos. Ali, pomposos e fúteis, vários acessórios de banheiro e duas banheiras brilhavam na sua brancura. Mais adiante, havia uma vitrina com caixões de defunto que também pareciam pomposos e fúteis.

— Oh! — exclamou Orlovius. — Sabe quem foi que escreveu isto?

Tornei a guardar a carta na carteira e respondi com um sorriso:

— Claro que sei. Um patife. Foi há tempos empregado de um parente distante meu. Um sujeito anormal, se não é mais certo considerá-lo inteiramente louco. Meteu na cabeça que minha família o despojou de alguma herança. Sabe como são essas coisas. Trata-se de uma idéia fixa que nada poderá abalar.

Orlovius me explicou, com detalhes copiosos, o perigo que os loucos representam para a comunidade e quis saber se eu já tinha dado conhecimento do fato à polícia.

Dei de ombros.

— Tolice... Não vale nem a pena discutir o caso... Escute, que foi que achou do discurso do Chanceler. Já o leu?

Continuamos a caminhar lado a lado, a conversar calmamente sobre política nacional e internacional.

À porta do escritório dele, comecei a tirar — de acordo com as regras da polidez russa — a luva da mão que lhe ia estender.

— Sinto muito que esteja tão nervoso — disse Orlovius.— Tenha a bondade de apresentar meus respeitos a sua senhora.

— Fique descansado. Mas vou-lhe dizer uma coisa, invejo muito a sua vida de solteiro.

— Como assim?

— Vou-lhe dizer. Não é com prazer que digo isso, mas minha vida de casado não é feliz. Minha mulher tem um coração volúvel e... bem, ela se interessa por outra pessoa. Sim, é fria e frívola, é o que posso dizer dela. Não pense que ela iria chorar muito se por acaso... bem, sabe o que eu quero dizer. Peço-lhe perdão por importuná-lo com esses problemas tão íntimos.

— Há muito tempo venho observando certas coisas — disse ele com reserva e tristeza.

Apertei-lhe a mão enluvada de lã e nós nos separamos. Tudo havia funcionado lindamente. Velhos como Orlovius são muito fáceis de manejar, pois uma combinação de decência e sentimentalismo dá em resultado exatamente um imbecil. Na sua ansiedade de mostrar simpatia por todo o mundo, não só tomara o partido do pobre marido extremoso quando eu havia caluniado minha esposa exemplar, mas também chegava à conclusão de que há muito tempo vinha “observando” certas coisas (como disse). Daria muito para saber o que aquela águia cega pudera perceber no azul sem nuvens de nossa vida conjugal. Sim, tudo havia funcionado lindamente. Eu estava satisfeito. Estaria ainda mais satisfeito se não houvesse algum contratempo na obtenção do visto italiano.

Ardalion, com a ajuda de Lydia, preencheu o formulário de requerimento, depois do que, lhe disseram que o visto só estaria pronto dentro de quinze dias no mínimo. (Eu tinha um mês à minha frente até 9 de março; na pior das hipóteses, eu poderia escrever a Felix, mudando a data.) Afinal, em fins de fevereiro, Ardalion recebeu o visto e comprou a passagem. Além disso, dei-lhe mil marcos que, segundo eu esperava, lhe durariam dois ou três meses. Tencionava viajar no dia 19 de março, mas de repente se soube que ele tinha conseguido emprestar o dinheiro todo a um amigo desesperado e era assim obrigado a esperar a volta do outro. Era um caso um tanto misterioso, para dizer o menos possível. Ardalion afirmava que se tratava de uma “questão de honra”. Da minha parte, céptico a respeito desses vagos casos que envolvem questões de honra, e, notem bem, não a honra de quem tomou emprestado em todo o seu despojamento, mas sempre a de uma terceira ou quarta pessoa cujo nome não é revelado. Ardalion (sempre de acordo com sua história) não podia deixar de emprestar o dinheiro e o outro havia jurado que pagaria dentro de três dias, o limite de tempo habitual naqueles descendentes dos barões feudais. Quando o prazo mencionado expirou, Ardalion foi procurar o devedor e não o pôde achar em lugar algum. Tomado por uma fria cólera, perguntei o nome do homem. Ardalion tentou esquivar-se à pergunta, mas acabou dizendo:

— Você se lembra dele. É o camarada que um dia o procurou.

Isso me fez perder por completo a paciência.

Quando recuperei a calma, seria capaz de ajudá-lo se as coisas não se tivessem complicado para mim com uma escassez acentuada de dinheiro e eu precisava certamente de ter alguma importância comigo. Disse a Ardalion que viajasse assim mesmo, com a passagem e alguns marcos, pois eu lhe mandaria o resto. Ele respondeu que ia fazer isso mesmo e adiaria a partida por alguns dias na esperança de que o dinheiro ainda pudesse ser recuperado. Na verdade, no dia 3 de março, ele me telefonou, a meu ver com alguma displicência, para dizer que lhe haviam pago o empréstimo e que ele ia partir na noite seguinte. No dia 4, aconteceu que Lydia, a quem por este ou aquele motivo Ardalion tinha dado a passagem para guardar, não se lembrava absolutamente do lugar onde a deixara. Ardalion sentou-se sombriamente num pufe da sala, murmurando repetidameilte: “Nada feito. O destino está contra mim.” Das peças vizinhas

vinha um bater de gavetas e um farfalhar frenético de papéis. Era Lydia à procura da passagem. Uma hora depois, Ardalion desistiu e foi para casa. Lydia ficou sentada na cama chorando de se acabar. No dia 5, ela descobriu a passagem na cesta da roupa suja. No dia 6, fomos ao bota-fora de Ardalion.

A partida do trem estava marcada para as 10:10. O ponteiro maior do relógio ficava em posição como um perdigueiro, pulava então para o minuto cobiçado e tomava posição para o seguinte. Nada de Ardaliou. Estávamos espera ao lado do vagão marcado: Milão.

— Que estará acontecendo? — perguntava Lydia cada vez mais preocupada. — Por que é que ele não aparece? Estou ansiosa.

Toda aquela inquietação ridícula em torno da partida de Ardalion me enfurecia de tal maneira que eu tinha receio até de abrir a boca pois poderia ter um colapso ou coisa parecida na plataforma da estação. Dois indivíduos sórdidos, um de capa azul e o outro com um capote de aparência russa com a gola de astracã comida pelas traças, apareceram e, passando por mim, cumprimentaram efusivamente Lydia.

— Por que ele ainda não veio? Que acham que poderia ter acontecido? — perguntou Lydia com os olhos assustados e conservando um pouco afastado dela o buquê de violetas que se dera ao trabalho de comprar para o bruto. O homem da capa azul abriu os braços e o da gola de astracã pronunciou com uma voz de baixo profundo:

— *Nescimus*. Não sabemos.

Não me contive mais e, dando uma violenta meia-volta, encaminhei-me para a saída. Lydia correu atrás de mim.

— Onde é que você vai? Espere um pouco. Tenho certeza de que ele...

Foi nesse momento que Ardalion apareceu ao longe. Um sujeito maltrapilho e de cara zangada o segurava pelo braço e lhe carregava a mala. Ardalion estava tão bêbado que mal podia manter-se de pé. O seu riso tresandava também a álcool.

— Que coisa! Ele não pode viajar nesse estado — disse Lydia com voz chorosa.

Muito vermelho, muito suarento, confuso e tonto, sem o sobretudo (numa vaga antecipação do calor meridional), Ardalion deu início a uma série vacilante de despedidas babosas. Consegui evitá-lo por pouco.

— Meu nome é Perebrodov, artista profissional — declarou impulsivamente o seu companheiro de cara zangada, estendendo com toda a confiança, como se se tratasse de um postal obsceno, a mão que não tremia na minha direção. — Tive a sorte de conhecê-lo nos antros de jogatina do Cairo.

— Faça alguma coisa, Hermann! É impossível deixá-lo embarcar assim — gemeu Lydia, puxando-me pela manga.

Nesse meio tempo, as portas dos vagões já se estavam fechando. Ardalion, bambeando o corpo e emitindo gritos, estava chamando e seguindo o carrinho de um vendedor de sanduíches e conhaque, mas foi agarrado por mãos amigas. De repente, ele cingiu Lydia nos braços e cobriu-a de beijos molhados.

— Menina de olhos grandes — murmurou ele, ternamente. — Adeus, menina. Obrigado, obrigado...

— Escutem, senhores — disse eu com a mais perfeita calma. — Querem ajudar-me a levá-lo para o trem?

O trem partiu. Rindo e gritando, Ardalion estava quase a cair da janela. Lydia, cordeiro em pele de leopardo, correu ao lado do trem quase até à Suíça. Quando o último vagão virou os seus amortecedores para ela, Lydia abaixou-se, olhou para baixo das rodas que se afastavam (uma superstição nacional) e, então, fez o sinal-da-Cruz. Tinha ainda na mão o pequeno buquê de violetas.

Ah, que alívio... O suspiro que dei me encheu o peito e escapou ruidosamente. Durante todo o dia, Lydia ficou gentilmente nervosa e preocupada, até que chegou um telegrama de duas palavras: “Viagem alegre” — e isso a tranqüilizou. Eu tinha de enfrentar então a parte mais aborrecida da tarefa: falar com

ela, prepará-la.

Não me posso lembrar como foi que começou. Quando a corrente da memória é ligada, a conversa já está em plena marcha. Vejo Lydia sentada no divã e a olhar-me com mudo espanto. Vejo-me sentado na beira de uma poltrona diante dela e a tocar-lhe o pulso de vez em quando como se fosse um médico. Ouço a minha voz a discorrer sem parar. Em primeiro lugar, disse-lhe alguma coisa que, segundo afirmei, nunca havia contado a ninguém. Falei-lhe de meu irmão mais moço. Estudava na Alemanha quando a guerra começou. Foi recrutado pelos alemães e lutou contra os russos. Lembrava-me dele como um garoto calmo e triste. Meus pais costumavam castigar-me e mimá-lo. Ele não lhes mostrava, porém, qualquer afeição, mas desenvolvera a meu respeito uma atitude de adoração que era verdadeiramente incrível, mas que seria normal entre irmãos. Seguia-me por toda a parte, olhava-me bem nos olhos e gostava de tudo o que estava em contato comigo. Gostava de cheirar o lenço que eu usava, de vestir minha camisa ainda quente do meu corpo e de escovar os dentes com a minha escova. A princípio, dormíamos na mesma cama com um travesseiro em cada extremidade. Isso continuou até que se descobriu que ele não podia pegar no sono sem chupar o dedo grande do meu pé, em vista do que, fui relegado para um colchão num quarto onde se guardavam trastes velhos, mas desde que ele insistia em trocar de lugar comigo no meio da noite, nunca pudemos saber e muito menos o pôde minha mãe quem era que estava dormindo ali ou no quarto. Não se tratava de uma perversão da parte dele — isso de modo algum — pois era apenas a melhor maneira que ele tinha de exprimir nossa indescritível unidade, pois nos parecíamos tanto que nossos parentes mais chegados costumavam fazer confusão entre nós e, à medida que os anos corriam, a semelhança se tornou cada vez mais perfeita. Lembro-me de que, quando fui levá-lo ao trem no dia em que ele partiu para os estudos na Alemanha (isso aconteceu pouco antes do tiro de pistola de Prinzip em Serajevo que deu início à Grande Guerra), o pobre rapaz chorava com tanta amargura quanto se soubesse como seria longa e cruel a separação. As pessoas que estavam na plataforma olhavam para nós e viam dois rapazes idênticos de mãos dadas e com os olhos fitos um no outro com uma espécie de melancólico êxtase...

Irrompeu então a guerra. Enquanto fiquei a sofrer meu remoto cativeiro, nunca tive qualquer notícia de meu irmão e, não sei como, convenci-me de que ele fora morto. Foram anos penosos, debruados de crepe. Aprendi a não pensar mais nele e, até anos depois, quando me casei, não disse uma só palavra a Lydia, tão triste era tudo.

Então, logo depois de levar minha mulher para a Alemanha, um primo (que pegou a sua deixa para passar e me dizer apenas essa fala) me informou que Felix, embora vivo, estava moralmente morto. Nunca soube exatamente de que maneira a alma de meu irmão se desagregara... Era de presumir que a sua delicada estrutura psíquica não houvesse resistido às tensões da guerra, ao mesmo tempo que a idéia de que eu já não existia (é muito estranho que ele se tivesse convencido também da morte do irmão) e de que ele nunca mais veria seu adorado sósia ou, melhor, a excelente cópia de sua personalidade, contribuía para entravar-lhe o espírito. Devia sentir que perdera todo o apoio e toda a ambição e que, daí por diante, a vida não valia mais a pena de ser vivida. E assim foi caindo. Aquele homem, tão melodiosamente afinado quanto os melhores instrumentos musicais, se tornou ladrão e falsário, viciou-se em drogas e, por fim, cometeu um crime de morte. Envenenou a mulher que o sustentava. Soube disso depois por ele mesmo, que me contou tudo. Não foi nem alvo de suspeitas graças à habilidade com que cometera o crime. Quanto ao meu encontro com ele... bem, tinha sido obra do acaso. Fora um encontro inesperado e penoso (uma das conseqüências fora a depressão em que eu caíra e que a própria Lydia notara). O encontro se dera num café de Praga. Lembro-me de que ele se levantou, logo que me viu, abriu os braços e caiu para trás num desmaio profundo que durou dezoito minutos.

Sim, foi tudo tremendamente doloroso. Em lugar do rapaz indolente, sonhador e meigo que eu

conhecera, encontrei um desequilibrado loquaz, todo cheio de tiques e de asperezas. A felicidade que ele sentia em reverme, ao seu caro e velho Hermann, o qual se levantara de repente dos mortos num belo terno cinza não só não lhe apazigou a consciência mas, muito ao contrário, convenceu-o da completa impossibilidade de viver com um crime de morte no coração. A conversa que tivemos foi terrível. Cobria-me as mãos de beijos a cada instante e se despedia de mim. Até os garçons choraram.

Compreendi sem demora que não havia força humana na terra capaz de demovê-lo da decisão que havia tomado de suicidar-se. Até eu, que sempre tivera tanta influência ideal sobre ele, nada podia fazer. Os minutos que passei então nada tiveram de agradável. Pondo-me no lugar dele, podia facilmente perceber a cruel tortura que a memória o fazia sofrer. Percebi, também, infelizmente, que a única solução para ele era a morte. Possa Deus poupar a qualquer pessoa a provação por que então passei — ver meu irmão perecer sem ter o direito moral de evitar o desastre.

Mas agora é que vem a complicação: a alma dele, que tinha o seu lado místico, ansiava por alguma expiação, algum sacrifício: meter simplesmente uma bala nos miolos não lhe parecia suficiente.

— Quero dar a minha morte em oferenda a alguém — disse ele com os olhos transbordantes da luz de diamante da demência. — Fazer de minha morte uma oferenda. Nós dois somos ainda mais parecidos do que éramos: Vejo uma intenção divina em nossa semelhança. Colocar as mãos sobre um piano não significa fazer música e eu quero é música. Escute, não seria interessante para voçê desaparecer de alguma maneira da terra?

A princípio, não dei importância à pergunta dele. Supus que Felix estivesse delirando. Por outro lado, uma orquestra cigana no café me fez perder parte do que ele dizia. Mas as palavras que proferiu depois provaram que ele tinha um plano bem definido. De fato! De um lado, o abismo de uma alma atormentada; do outro, perspectivas comerciais. Ao lúgubre clarão de seu destino trágico e do seu heroísmo tardio, a parte do plano que se referia a mim, meus lucros, meu bem-estar, parecia tão absurdamente realista quanto, por assim dizer, a inauguração de uma estrada de ferro durante um terremoto.

Tendo chegado a esse ponto de minha história, parei de falar e, reclinando-me para trás na poltrona com os braços cruzados, olhei fixamente para Lydia. Ela pareceu deslizar do divã para o tapete, arrastou-se para perto de mim de joelhos, encostou a cabeça em minha coxa e começou a confortar-me com voz rouca:

— Pobrezinho, coitadinho! Tenho pena de você e de seu irmão... Oh, meu Deus, quanta gente infeliz há neste mundo! Seu irmão não deve morrer. Nunca é impossível salvar uma pessoa!

— Ele não pode ser salvo — disse eu com um sorriso que, segundo acredito, se chama de amarelo. — Está resolvido a morrer no dia de seu aniversário, 9 de março, isto é, depois de amanhã, e nem o presidente do Estado teria o poder de impedi-lo. O suicídio é a pior forma de abuso pessoal. O máximo que se pode fazer é concordar com os caprichos da vítima e facilitar-lhe as coisas concedendo-lhe o conhecimento de que, morrendo, está fazendo uma coisa útil, talvez de uma crua natureza material, mas de qualquer maneira útil.

Lydia abraçou-me as pernas e levantou os olhos para mim.

— O plano dele é mais ou menos o que lhe vou dizer — continuei em voz suave. Eu farei um seguro de vida, vamos dizer, de meio milhão. Numa floresta ou em outro lugar qualquer, meu corpo é encontrado. Minha viúva, isto é, você...

— Pare de dizer esses horrores! — exclamou Lydia, levantando-se do tapete. — Estou lendo um romance que tem um enredo parecido. Pare com isso pelo amor de Deus!

— Minha viúva, que é você, recebe o dinheiro do seguro. Depois, vai viver num lugar isolado, no estrangeiro. Ao fim de algum tempo, sob um nome suposto, irei para a companhia dela e, se ela for boazinha comigo, poderei até casar-me com ela. Meu verdadeiro nome terá morrido naturalmente com

meu irmão. Nós nos parecemos (não me interrompa!) como duas gotas de sangue e se parecerá ainda mais comigo depois de morto.

— Chega, chega! Não acredito que não haja maneira alguma de salvá-lo. . . Oh, Hermann, que coisa mais errada! Onde é que ele está neste momento? Em Berlim?

— Não. Em outro ponto do país. Você fica falando como uma boba em salvá-lo... Esquece-se de que ele é um assassino e um místico. Creio que não tenho o direito de recusar-lhe coisa alguma capaz de atenuar-lhe coisa alguma e embelezar-lhe a morte. Deve compreender que nesse ponto estamos entrando num plano espiritual mais alto. Seria tudo muito diferente se eu lhe dissesse: "Escute aqui, minha velha, os negócios vão mal e eu estou ameaçado de falência. Além disso, estou farto de tudo e só desejo é algum canto remoto onde possa viver em contemplação e criar galinhas. Vamos, portanto, aproveitar essa chance em mil!" Mas não lhe estou dizendo nada disso, embora esteja, na verdade, à beira da ruína e há séculos sonhe, como você bem sabe, com um mergulho ao seio da natureza. O que estou dizendo é coisa muito diferente, a saber: por mais difícil, por mais terrível que seja, não se pode negar a um irmão seu último desejo, não se pode impedi-lo de fazer o bem, ainda que seja depois de morto.

As pálpebras de Lydia bateram — eu a inundava de perdigotos — mas apesar do arrojo de minha conversa, ela se aninhou contra mim, abraçando-me com força. Estávamos ambos no divã então e eu continuei:

— Uma recusa dessa espécie seria um pecado. Não é o que eu quero. Não pretendo sobrecarregar a consciência com um pecado de tamanha gravidade. Julga que não lhe fiz objeções e que não tentei argumentar com ele? Pensa que dormi bem em qualquer noite depois disso? Posso dizer-lhe, querida, que desde o ano passado, venho sofrendo terrivelmente. Não gostaria de que o meu melhor amigo passasse nem por metade do que tenho passado. Que me importa o dinheiro do seguro? Mas como posso recusar, faça o favor de me dizer, como posso privar meu irmão de sua última alegria? Oh! Não adianta falar! Empurrei-a para o lado, fazendo-a quase cair do divã e comecei a andar de um lado para outro. Continha a respiração, soluçava. Espectros de melodrama vermelhos se desdobravam diante de mim.

— Você é um milhão de vezes mais inteligente do que eu — disse Lydia num sussurro, torcendo as mãos (sim, leitor, foi o que eu disse, torcendo as mãos) — mas tudo isso é tão espantoso, tão inesperado. Pensei que coisas assim só acontecessem nos livros... Isso significa que tudo vai mudar, toda a nossa vida... Por exemplo, que é que vai ser de Ardalion?

— Ele que vá para o diabo que o carregue! Estamos aqui discutindo uma das maiores tragédias do mundo e lá me vem você com...

— Ora, só perguntei por perguntar. Você me tonteou com essas coisas e estou até sentindo uma zoada esquisita na cabeça... Creio que não agora mas depois será possível falar com ele e explicar-lhe tudo... Você não acha assim, Hermann?

— Não se preocupe com bobagens. O futuro resolverá tudo isso. Francamente, francamente (e minha voz se transformou de repente num grito estrangulado) francamente, você é uma verdadeira cretina!

Ela se debulhou em lágrimas e passou a ser imediatamente uma coisa abandonada que tremia contra meu peito.

— Perdão, perdão — disse ela com a voz entrecortada. — Você tem razão, sou mesmo uma cretina, mas me perdoe. Para que essa coisa tão horrível foi acontecer? Ainda hoje de manhã, tudo estava tão bom, tão calmo, tão comum. Querido, tenho tanta pena de você! Farei tudo o que você quiser!

— O que eu quero agora é café. Estou louco por um café.

— Vamos para a cozinha — disse ela, enxugando as lágrimas. — Farei tudo o que você quiser. Mas não saia de junto de mim, que estou com medo.

Na cozinha, já mais calma, embora ainda fungasse de vez em quando, ela colocou no moinho os

grandes caroços pardos de café torrado, prendeu o moinho entre os joelhos e começou a rodar a manivela. Foi difícil a princípio com muitos estalos e rangidos, mas de súbito ficou tudo fácil e folgado.

— Imagine, Lydia, — disse eu, sentando-me na mesa da cozinha com as pernas a balançar — imagine que tudo o que eu lhe disse é pura ficção. Falando a sério, sabe que eu venho tentando convencer-me de que tudo isso é alguma coisa inventada por mim ou uma história que li em algum lugar. Era a única maneira de manter o equilíbrio mental diante de tanto horror. Agora, escute. Os dois personagens são um suicida com espírito de iniciativa e seu sósia segurado. Muito bem, a companhia de seguros não é obrigada a pagar em casos de suicídio...

— Fiz o café bem forte como você gosta — disse Lydia.

— Pode falar que eu estou escutando, meu bem.

— Assim sendo, o herói dessa história barata de mistério reclama as seguintes medidas: em primeiro lugar, as coisas devem ser encenadas de tal maneira que dêem a impressão de um assassinato comum. Não quero entrar em detalhes técnicos. Basta você saber que a arma será amarrada ao tronco de uma árvore, com um cordão forte preso ao gatilho. O suicida dará meia-volta, puxará o cordão e receberá a bala nas costas. Estou-lhe explicando os detalhes pelo alto.

— Espere um pouco! — exclamou Lydia. — Lembrei-me de uma coisa! Ele arrumou o revólver no parapeito da ponte... Não, não foi assim. Primeiro, ele amarrou uma pedra com um cordão... Como foi mesmo? Ah, já sei! Amarrou uma grande pedra numa ponta e o revólver na outra, depois do que, deu o tiro que o alcançou em cheio. A pedra caiu então dentro da água, o cordão escorregou depois por cima do parapeito e, por fim, o revólver caiu também, tudo dentro da água. Só não me lembro é por que tudo isso era necessário.

— Em resumo, tudo escondido na água e um homem morto em cima da ponte. Que boa coisa é o café! Estava com a cabeça estalando de dor de cabeça e agora estou muito melhor. De modo que tudo está mais ou menos claro para você, quer dizer, o jeito pelo qual vai ser a coisa.

Acabei de tomar o café quente ao mesmo tempo que pensava. Estranho, Lydia não tinha nem um pingo de imaginação. Em dois dias, a vida vai mudar em confusão e terremoto e aqui está ela, a tomar calmamente café comigo e a lembrar-se de algum caso de Sherlock Holmes.

Mas eu estava enganado. Lydia teve um tremor e disse, colocando lentamente a xícara em cima da mesa:

— Estou pensando uma coisa, Hermann. Se isso vai acontecer tão depressa assim, não é melhor começarmos a arrumar as malas? O pior é que temos uma porção de roupa na lavadeira. E seu *smoking* está no tintureiro.

— Em primeiro lugar, querida, não estou particularmente ansioso por ser cremado de *smoking*. Depois, tire da cabeça de uma vez por todas a idéia de que você deve fazer alguma coisa ou qualquer preparativo. Não há nada para você fazer, pela simples razão de que você não sabe absolutamente de coisa alguma. Veja se mete isso na cabecinha, sim? Por conseguinte, nada de alusões misteriosas nas conversas com suas amigas, nada de inquietação, nada de fazer compras. Não esqueça, minha querida, senão todos nós correremos perigo. Vou repetir: você de nada sabe ainda. Depois de amanhã, seu marido sairá no carro e não voltará para casa. E então e só então é que o seu trabalho vai começar. É um trabalho bem importante, embora muito simples. Por isso mesmo, quero que me ouça com a maior atenção. Na manhã do dia 10, você telefonará para Orlovius e dirá que não sabe de mim, que eu não dormi em casa e. ainda não voltei. Perguntará a ele o que deve fazer e agirá de acordo com as sugestões dele. De um modo geral, deixe-o tomar conta do caso e fazer tudo, como avisar a polícia, *etc*. O corpo aparecerá sem demora. É essencial que você pareça acreditar que eu estou realmente morto. De certo modo, isso não estará muito longe da verdade pois meu irmão faz parte de minha alma.

— Farei tudo por você e por ele — disse Lydia. — Mas estou com medo e tudo isso se baralha em minha cabeça.

— Não deixe que nada fique baralhado. O mais importante é a naturalidade. O seu pesar pode não lhe embranquecer os cabelos mas tem de ser natural. A fim de facilitar sua tarefa, insinuei em conversa com Orlovius que você há anos tinha deixado de me amar. Mostre, portanto, uma tristeza calma e reservada. Suspire e fique calada. Depois, quando vir o meu corpo, isto é, o corpo de um homem que é difícil distinguir de mim, você não poderá deixar de levar um choque.

— Não posso, Hermann! Vou morrer de medo!

— Seria muito pior se no necrotério você se lembrasse de passar pó no rosto. De qualquer maneira, contenha-se. Não grite. Do contrário, será necessário, depois dos gritos, aumentar a extensão de sua dor e você bem sabe como é má atriz. Vamos adiante. A apólice de seguros e o meu testamento estão na gaveta do meio de minha mesa. Depois de ter mandado cremar meu corpo, como está determinado em meu testamento, depois de cumpridas todas as formalidades e depois de ter recebido o dinheiro, por intermédio de Orlovius, fazendo tudo o que ele lhe disser, você irá para Paris. Onde se hospedará em Paris?

— Não sei, Hermann.

— Procure lembrar-se de onde foi que ficamos quando estivemos em Paris juntos. Então?

— Acho que já estou-me lembrando. Um hotel.

— Mas que hotel?

— Quando você me olha desse jeito, Hermann, não posso lembrar-me de nada. Quase que me veio à memória. É hotel não sei o quê.

— Vou-lhe dar uma indicação. É uma palavra relacionada com relva. Como é relva em francês?

— Espere aí... *herbe*. Já sei: Malherbe.

— Para ter certeza, caso você volte a esquecer, olhe para a sua mala preta. Ainda está com a etiqueta do hotel.

— Escute aqui, Hermann, não sou tão tola assim. Mas de qualquer maneira vou viajar com a mala preta.

— Muito bem, já sabe o lugar onde se vai hospedar. Depois, vem um assunto da maior importância. Mas, primeiro, quero que se dê ao trabalho de repetir tudo o que já combinamos.

— Ficarei triste. Procurarei não chorar demais. Orlovius. Dois vestidos pretos e um véu.

— Calma. Que é que você vai fazer quando vir o corpo?

— Caio de joelhos. Mas não dou gritos.

— Está certo. Vê como tudo se ajusta bem? E depois?

— Depois, mandarei enterrar seu irmão.

— Não. Não a ele, mas a mim. Por favor, não faça confusão nisso. Depois, não vai haver enterro e, sim, cremação. Ninguém quer ser exumado. Orlovius informará o pastor dos meus méritos morais, cívicos e matrimoniais. O pastor da capela do crematório deverá proferir uma comovente oração. E ao som de um órgão, o meu caixão baixará lentamente ao Hades. É só. E depois?

— Depois disso, Paris. Não, espere. Antes, deve haver todas as espécies de formalidades de dinheiro. Sabe de uma coisa? Acho que Orlovius vai-me amolar terrivelmente. Em Paris, irei para o hotel... Agora, já sei tudo o que vai acontecer. Pensei que não ia mais esquecer mas esqueci... É que você me oprime... Já sei... Hotel Malherbe. Por garantia, a mala.

— A mala preta. Agora, vem o ponto importante: logo que você chegar a Paris, mandará dizer-me. Que método vamos adotar para você guardar o endereço?

— É melhor escrever, Hermann. Meu cérebro se nega positivamente a funcionar agora. Estou com

tanto medo que vou misturar tudo.

— Não, querida, não vou escrever nada. Se não houvesse outro motivo, lembre-se de que você sempre perde os papéis em que há alguma coisa escrita. Você terá de decorar o endereço, queira ou não queira. Não há outro meio. Está proibida de escrever esse endereço, entendeu bem?

— Entendi, Hermann. E se eu não puder lembrar-me?

— Nada disso. O endereço é muito simples. Agência do Correio, Pignan, França.

— Era onde Tia Elisa morava! Isso, sim, é fácil de lembrar. Mas ela está morando agora perto de Nice. Não é melhor mandar a carta para Nice?

— Boa idéia, mas a carta vai para Pignan mesmo. Agora, o nome do destinatário. Para simplificar as coisas, mande a carta para "Monsieur Malherbe".

— Tia Elisa deve estar tão gorda e tão ativa como sempre foi. Sabe que uma vez Ardalion escreveu a ela pedindo dinheiro e aí...

— Muito interessante decerto, mas nós estamos falando de negócios. Que nome vai escrever no endereço?

— Como posso saber se você ainda não me disse, Hermann?

— Disse, sim. Sugeri Monsieur Malherbe.

— Mas esse não é o nome do hotel?

— Exatamente. É mais fácil de você se lembrar por associação.

— Oh! Tenho certeza de que vou esquecer a associação. Não tenho jeito mesmo, Hermann. Por favor, vamos deixar de lado as associações. Já é bem tarde e eu estou ficando exausta.

— Então pense você num nome, algum nome de que seja quase certo você se lembrar. Acha que Ardalion serve?

— Muito bem, Hermann.

— Está resolvido então. Monsieur Ardalion. Agência do Correio, Pignan, França. Agora, o conteúdo. Começará assim: "Caro amigo, deve ter sabido do golpe pelo qual passei..." e assim por diante nesse jeito. Algumas linhas apenas. Você deve botar a carta no correio pessoalmente. Compreendeu tudo?

— Muito bem, Hermann.

— Faça então o favor de repetir.

— Você bem sabe que essa tensão é demais para mim. Vou ter um colapso. Deus do céu, uma e meia da madrugada *já*. Vamos deixar para amanhã?

— Amanhã, você terá de repetir tudo do mesmo jeito. Vamos, agora. Estou ouvindo...

— Hotel Malherbe. Chego lá. Boto a carta no correio. Eu mesma. Ardalion. Agência do Correio, Pignan, França. E depois disso?

— Não lhe interessa mais. Veremos. Tem certeza de que vai fazer tudo direitinho?

— Tenho, Hermann. Mas não me faça repetir mais nada. Estou morta de cansaço.

De pé no meio da cozinha, abriu os braços, jogou a cabeça para trás, sacudiu-a violentamente, passando as mãos pelos cabelos e murmurando: "Como estou cansada! Como. . ." Esse último "como" se escancarou num bocejo.

Fomos dormir afinal. Ela se despiu espalhando pelo quarto vestidos, meias e vários artigos femininos sortidos. Jogou-se na cama e se acomodou imediatamente num confortável sibilo nasal. Fui para a cama também, apaguei a luz, mas não pude dormir. Lydia acordou de repente e me tocou no ombro.

— Que é que você quer? — perguntei, fingindo sonolência.

— Hermann... escute uma coisa... Você acha... que o que estamos fazendo... é honesto?

— Vá dormir, Lydia. Você não tem cabeça para entender uma transação como essa. Tragédia pura e lá vem você com asneiras... Vá dormir!

Ela deu um suspiro feliz, virou-se para o outro lado e no mesmo instante ressonava de novo.

É curioso que, embora eu não tivesse a menor dúvida a respeito da capacidade de minha mulher e soubesse muito bem quanto ela era pouco inteligente, esquecida e desajeitada, não tinha o menor receio quanto a ela, tanto eu acreditava que a dedicação que tinha por mim a faria tomar instintivamente o caminho certo, livrando-a de qualquer descuido e, ainda mais, forçando-a a guardar o meu segredo. Via em imaginação claramente a maneira pela qual Orlovius olharia para a imitação deficiente de tristeza que ela faria, abanaria tristemente a solene cabeça e talvez pensasse na possibilidade de que o pobre marido tivesse sido assassinado pelo amante da mulher. Mas nesse momento a carta de ameaça do demente anônimo lhe chegaria ao espírito como uma recordação oportuna.

Passamos todo o dia seguinte em casa e mais uma vez procurei dar instruções a minha mulher meticulosa e laboriosamente, incutindo-lhe a minha vontade à força, do mesmo modo que se alimentam os gansos para engordar-lhes o fígado. Ao anoitecer, ela mal podia manter-se em pé. Estava satisfeito com o estado dela. Já era tempo de preparar-me também. Dei tratos à bola durante horas, calculando o dinheiro que devia levar e quanto devia deixar com Lydia. O dinheiro não era muito e eu achei que devia levar também alguma coisa de valor. Disse, portanto, a Lydia:

— Vá buscar o seu broche de Moscou, sim?

— Ah, sim, o broche — disse ela apaticamente. Saiu da sala mas voltou logo depois, estendeu-se no divã e começou a chorar como jamais eu a ouvira chorar.

— Que é que há, mulher?

Levou muito tempo para responder mas depois, entre soluços e sem coragem de olhar para mim, explicou que o broche de brilhantes, que uma imperatriz dera de presente à bisavó dela, tinha sido empenhado para conseguir o dinheiro necessário à viagem de Ardalion, pois o tal amigo não havia mais aparecido para pagar.

— Está bem, está bem, não é preciso chorar assim — disse eu, guardando no bolso a cautela do broche. — Foi muita esperteza da parte dele. Mas, por fim, foi-se embora. Isso é que é importante.

Ela se recuperou imediatamente e até mostrou um luminoso sorriso molhado de lágrimas quando viu que eu não estava zangado. Fez nova viagem ao quarto, levou muito tempo remexendo por lá e por fim me trouxe um anelzinho barato, um par de brincos e uma cigarreira antiga que tinha sido da mãe dela... Não aceitei qualquer dessas coisas.

— Escute — disse eu, passeando pela sala e mordendo o polegar. — Escute, Lydia. Quando lhe perguntarem se eu tinha inimigos, quando a interrogarem querendo saber quem poderia ter-me matado, responda sempre: "Não sei". Mais uma coisa: vou levar uma maleta, mas isso é rigorosamente confidencial. Não deve parecer que eu estava partindo para uma viagem, pois isso poderia despertar suspeitas. Na realidade...

Lembro-me de que nesse ponto parei subitamente. Como era estranho, quando tudo tinha sido tão belamente planejado e previsto, aparecesse de repente um pequeno detalhe, como depois de arrumar uma mala, descobre-se imediatamente que ficou de fora alguma coisa pequena mas incômoda, pois existem realmente esses objetos inescrupulosos. Deve dizer-se, para minha justificação, que a questão da maleta foi na verdade o único ponto que resolvi alterar. Tudo mais correu como fora imaginado muito, muito tempo antes — talvez muitos meses antes, talvez no mesmo segundo em que eu vi um vagabundo adormecido na relva e que parecia exatamente o meu cadáver. Não, pensei eu, é melhor não levar a maleta; há sempre o risco de que alguém me veja sair de casa com ela.

— Não vou levá-la — disse eu e continuei a passear pela sala.

Como posso esquecer a manhã de nove de março? Entre as manhãs, era nublada e fria. Tinha nevado durante a noite e, ao momento, todo o porteiro de edifício tratava de varrer o seu pedaço de passeio, ao

longo do qual corria um pequeno banco de neve, ao passo que o asfalto já estava limpo e preto, embora um pouco escorregadio.

Lydia dormia em paz. Tudo estava em silêncio. Comecei a tarefa de vestir-me. Assim é que a mesma foi cumprida: duas camisas, uma por cima da outra, a da véspera em cima, pois se destinava a ele. Cuecas: duas também e a de cima também para ele. Fiz então um pequeno embrulho em que havia apetrechos de manicura, aparelho de barba e uma calçadeira. Para não me esquecer, meti logo o embrulho no bolso de meu sobretudo que estava no cabide do *hall*. Calcei então os dois pares de meias (o de cima tinha um buraco), os sapatos e as polainas cinzentas. Assim vestido, isto é, bem calçado mas ainda com a minha roupa de baixo, fiquei parado no meio do quarto e passei em revista os meus atos para ver se os mesmos se ajustavam ao meu plano. Lembrei-me de que ainda precisava de um par de ligas a mais e fui desencavar umas ligas velhas que juntei ao embrulho, o que me obrigou a voltar ao *hall*. Por fim, escolhi a gravata lilás que eu preferia e um terno cinza escuro com o qual vinha saindo muito ultimamente. Os seguintes objetos foram distribuídos pelos bolsos: minha carteira (com aproximadamente mil e quinhentos marcos), passaporte e papéis com endereços e contas.

Pare que está errado, disse comigo mesmo. Não tinha resolvido que não levaria meu passaporte? Era um pensamento muito sutil esse. Os papéis nos bolsos estabeleceriam a minha identidade melhor que o passaporte. Levei também as chaves, a cigarreira e o isqueiro. Botei o relógio no pulso. Já estava vestido. Bati nos bolsos e suspirei um pouco. Sentia calor dentro do meu duplo casulo. Restava agora a peça mais importante. Foi quase uma cerimônia: o lento abrir da gaveta onde a coisa estava, seguido de um cuidadoso exame que não era, sem dúvida, o primeiro. Sim, o objeto estava muito bem lubrificado e estava repleto de coisas boas... Fora-me dado em 1920 em Reval por oficial desconhecido. Para ser mais exato, ele apenas deixou o objeto comigo e desapareceu. Nunca mais soube que fim levou esse amável tenente.

Enquanto eu estava assim ocupado, Lydia acordou. Enfiou um robe de um tom rosa detestável e nós dois nos sentamos para tomar o café da manhã. Depois que a empregada saiu da sala, eu disse:

— Bem, é hoje o dia. Vou sair daqui a um minuto.

Uma digressão rápida de natureza literária. Esse ritmo é estranho ao falar moderno, mas reproduz muito bem a minha calma épica e a tensão dramática da situação.

— Por favor, Hermann! Fique em casa! Não vá a lugar algum! — disse Lydia em voz baixa e, se não me engano, de mãos postas.

— Você se lembra de tudo, não se lembra? — perguntei imperturbavelmente.

— Não vá, Hermann. Deixe seu irmão fazer o que bem entender. É o destino dele. Você não deve interferir.

— É bom que você se lembre de tudo — disse eu com um sorriso. — Muito bem, menina. Vou agora comer mais um pão e sair.

Ela desatou a chorar. Depois, assoou o nariz com uma explosão final, deu a impressão de que ia dizer alguma coisa e voltou a chorar. A cena era bem interessante. Eu passava manteiga friamente num pão em forma de meia-lua e ela, sentada à minha frente, tinha o corpo sacudido pelos soluços. Eu disse então com a boca cheia:

— De qualquer maneira, você poderá diante do mundo (nesse ponto, mastigei e engoli o pão) lembrar-se de que teve maus pressentimentos, embora eu costumasse sair com freqüência e sem lhe dizer para onde ia. “Sabe, Madame, se ele tinha inimigos?” “Não sei não, Sr. Delegado.”

— Mas que é que vai acontecer agora? — perguntou Lydia em voz gemente e baixa, ao mesmo tempo que abria desesperadamente as mãos.

— Chega, querida — disse eu em outro tom de voz. — Já teve o seu prantozinho e agora pode parar.

E, por favor, nem pense em chorar hoje diante de Elsie.

Ela enxugou os olhos com um lenço amarfanhado, deu um breve suspiro triste e tornou a fazer o gesto de desesperada perplexidade, mas dessa vez em silêncio e sem lágrimas.

— Lembra-se de tudo? — perguntei pela última vez, a olhá-la atentamente.

— Sim, Hermann, lembro-me de tudo. Mas estou com tanto medo...

Levantei-me e ela também se levantou.

— Adeus, Lydia. Até um dia. Está na hora de ir ver o meu paciente.

— Escute, Hermann, você não pretende estar presente, pretende?

Não entendi bem o que ela queria dizer.

— Presente? A quê?

— Você bem sabe o que eu estou pensando. Quando ele... oh, aquele negócio do cordão.

— Bobinha — disse eu. — Que era que você esperava? Alguém tem de ajeitar tudo depois. Agora, seria muito bom que você não pensasse mais no assunto. Vá ao cinema esta noite. Adeus, bobinha.

Nunca lhe beijei a boca. Detesto a pieguice dos beijos nos lábios. Afirma-se que os antigos eslavos também, até nos momentos de excitação sexual, nunca beijavam suas mulheres. Achavam estranho, talvez até um pouco repulsivo, pôr os lábios nus em contato com a pele de outra pessoa. Naquele momento, porém, senti pela primeira vez a necessidade de beijá-la na boca. Mas minha mulher estava despreparada, de modo que só resultou daí meus lábios roçarem pelos cabelos dela. Abstive-me de outra tentativa. Em lugar disso, bati os calcanhares e apertei-lhe a mão inerte. Depois, no *hall*, vesti rapidamente o sobretudo, peguei as luvas, verifiquei se estava com o embrulho e já estava chegando à porta quando a ouvi chamar-me da sala de jantar numa vozinha chorosa. Não tomei conhecimento disso pois estava com muita pressa de sair.

Atravessei o pátio para uma grande garagem cheia de carros. Fui recebido ali com sorrisos amistosos. Entrei no carro e dei partida ao motor. A superfície asfaltada do pátio era um pouco mais alta que a da rua, de modo que, entrando no estreito túnel em rampa que ligava o pátio à rua, o carro, preso atrás pelos freios, mergulhou de leve e sem fazer barulho.

9

Para dizer a verdade, sinto-me um tanto cansado. Tenho escrito do meio-dia ao amanhecer, produzindo um capítulo por dia ou mais. Que grande e poderosa coisa é a arte! Na minha situação, eu deveria estar a movimentar-me, a correr, a esquivar-me... É claro que não há perigo imediato e posso dizer até que nunca haverá perigo, mas, apesar de tudo, é uma singular reação essa de ficar sentado horas sem fim a escrever ou a meditar, o que, no fundo, vem a ser a mesma coisa. E quanto mais escrevo, mais claro se torna que não deixarei o assunto em suspenso enquanto o meu principal objetivo não for atingido, quando eu certamente enfrentarei o risco de mandar publicar minha obra... Aliás, o risco não será tão grande assim pois logo que o meu original for remetido eu desaparecerei, pois o mundo é bem grande para que nele possa esconder-se um homem calado, disfarçado por uma barba.

Não foi espontaneamente que decidi enviar minha obra ao penetrante romancista a quem creio já haver mencionado, mesmo dirigindo-me pessoalmente a ele por intermédio de minha história.
Posso estar enganado pois há muito deixei de ler o que escrevo. Não me sobra tempo para isso e não é nem bom falar no efeito nauseante que isso me causa.

Havia a princípio pensado em mandar tudo diretamente a algum editor — alemão, francês ou americano — mas o original está escrito em russo e não é inteiramente traduzível. Para ser franco, sou um pouco exigente a respeito dos meus vocalises literários e acredito firmemente que a perda de um só matiz ou inflexão prejudicaria irremediavelmente o conjunto. Pensei também em mandar o original para a URSS, mas não tenho os endereços necessários, não sei como isso é feito e nem tenho certeza de que o meu original seria lido desde que eu emprego, pela força do hábito, a ortografia do antigo regime e reescrevê-lo estaria acima das minhas forças. Falei em reescrever? Não sei nem se resistirei a tensão de escrevê-lo.

Tenho afinal resolvido mandar meu original a alguém que decerto gostará dele e fará o que lhe for possível para vê-lo publicado, tenho plena ciência do fato de que o escolhido (você, meu primeiro leitor) é um romancista emigrado, cujos livros não podem talvez aparecer na URSS. É possível, porém, que se faça uma exceção para este livro, levando em consideração que ele não foi realmente escrito por você. Como nutro a esperança de que apesar de sua assinatura de emigrado (cuja diáfana ilegitimidade não enganará ninguém) meu livro possa achar um mercado na URSS! Como estou longe de ser inimigo do regime soviético, tenho certeza de que externei involuntariamente no meu livro certas noções que correspondem perfeitamente às exigências dialéticas do momento corrente. Parece-me até às vezes que meu tema básico, a semelhança entre duas pessoas, tem um profundo sentido alegórico. Essa notável parecença física deve ter-me atraído subconscientemente como a promessa dessa semelhança ideal que deve unir as pessoas na sociedade sem classes do futuro. E procurando fazer uso de um caso isolado, eu estava, embora ainda cego para as verdades sociais, cumprindo uma certa função social. E há mais uma coisa: o fato de que eu não tenha tido pleno êxito na utilização prática dessa nossa semelhança pode ser explicado puramente em função de causas sócio-econômicas, isto é, à circunstância de que Felix e eu pertencemos a classes diferentes e nitidamente definidas, cuja fusão ninguém pode ter a esperança de conseguir sozinho, especialmente agora quando o conflito de classes atingiu uma fase em que é inadmissível qualquer conciliação. Na verdade, minha mãe era de baixa extração e o pai de meu pai foi guardador de gansos na sua mocidade, o que explica exatamente onde um homem da minha marca e dos meus hábitos poderia ter adquirido aquela tendência forte mas ainda expressa incompletamente para a Consciência Genuína. Posso visualizar um novo mundo onde todos os homens se pareçam uns com os outros como se pareciam Hermann e Felix. Seria um mundo de Helix e Fermanns, onde o operário que caísse morto ao pé de sua máquina seria substituído imediatamente por um sósia perfeito que tivesse no

rosto o sorriso sereno do socialismo perfeito. Penso, portanto, que os jovens soviéticos de agora poderiam haurir consideráveis benefícios de um estudo do meu livro sob a supervisão de um marxista experimentado que os ajudaria a seguir através de suas páginas as contorções rudimentares da mensagem social nele contida. Que outras nações o traduzam também nas suas respectivas línguas, de modo que o leitor americano possa satisfazer o seu anseio de ***glamour*** sangrento, o francês divisar miragens de sodomia na minha parcialidade por um vagabundo e o alemão apreciar o lado leviano de uma natureza semi-eslava. Leiam-no tanto quanto possível, senhoras e senhores! Abro-lhes os braços a todos como leitores.

Não é, porém, um livro fácil de escrever. E, especialmente agora, quando estou chegando à parte que trata, por assim dizer, de ação decisiva, é agora que a dificuldade de minha tarefa me aparece por inteiro. Aqui estou eu, como vêem, com rodeios, evasivas e conversas sobre assuntos que de direito pertencem ao prefácio de um livro e estão completamente deslocados no que o leitor pode julgar o capítulo mais essencial. Mas já tentei explicar que, por mais hábeis e cautelosos que sejam os caminhos seguidos, não é a minha parte racional que está escrevendo, mas apenas minha memória, essa minha memória tortuosa.

De fato, vejam que naquele momento, isto é, na hora exata em que os ponteiros de minha história pararam, eu tinha parado também. Estava fazendo o tempo passar como estou fazendo agora. Empenhava-me num raciocínio emaranhado semelhante que nada tinha a ver com o meu caso, cuja hora marcada se aproximava firmemente.

Saíra de casa de manhã embora a hora do meu encontro com Felix fosse às cinco da tarde, mas não conseguiria ficar em casa e por isso estava sem saber como iria dispor de toda aquela massa encardida de tempo que me separava do encontro. Sentei-me no carro muito à vontade, quase sonolentamente, dirigindo com um dedo e atravessando Berlim pelas ruas calmas, frias e sussurrantes. E assim fui indo, fui indo ate notar que tinha saído de Berlim. As cores do dia estavam reduzidas a apenas duas: preto (o jogo das árvores nuas e do asfalto) e esbranquiçado (o céu e as manchas de neve). O meu sonolento transporte continuou. Durante algum tempo, agitou-se diante dos meus olhos um desses panos horríveis que os caminhões que transportam alguma coisa comprida e pontuda são obrigados a pendurar na extremidade traseira. Em dado momento, desapareceu, entrando decerto em outra estrada. Apesar disso, não andei mais depressa. Um táxi saiu correndo de uma rua transversal à minha frente. Houve um ranger de freios e, desde que o leito da estrada estava escorregadio, uma grotesca derrapagem. Passei calmamente por ele como se estivesse vogando por um rio. Mais adiante, uma mulher de luto pesado atravessava obliquamente a estrada, quase de costas para mim. Não toquei a buzina, nem alterei a minha marcha macia e calma. Passei a alguns centímetros da bainha do seu véu e ela, fantasma silencioso, nem notou nada. Veículos de toda a espécie me ultrapassavam. Durante algum tempo, um bonde vagaroso viajou emparelhado comigo, e eu, pelo canto do olho, via perfeitamente o ar imbecil dos passageiros que iam sentados. Encontrei uma ou duas vezes um trecho ruim calçado de pedras. Começavam a aparecer galinhas. Com as asas curtas abertas e os pescoços compridos esticados, uma ave ou outra atravessava a estrada correndo.

Pouco depois, passei por um trecho interminável de estrada, por entre campos recém-ceifados nos quais aqui e ali a neve aparecia. Numa localidade inteiramente deserta, meu carro me deu a impressão de adormecer, como se passasse de azul para cinzento, diminuindo pouco a pouco a marcha até parar. Pousei então a cabeça no volante num acesso de evasiva meditação. Em torno de que podiam girar meus pensamentos? Em torno de nada ou de coisas insignificantes. Era tudo muito complexo e eu estava quase adormecido. Meio desacordado, ocupei o espírito com tolices, lembrando-me de uma discussão que tivera um dia com alguém numa plataforma de estação sobre a possibilidade de ver o sol em sonhos. Por fim, tive a impressão cada vez mais forte de que havia muitas pessoas em torno de mim, todas falando ao

mesmo tempo. Depois, calavam-se e davam-se umas às outras vagas missões, depois do que, se dispersavam em silêncio.

Prossegui ao fim de algum tempo e, ao meio-dia, quando me arrastava por uma aldeia, resolvi parar, pois, mesmo nessa marcha lenta, chegaria a Koenigsdorf dentro de uma hora mais ou menos, o que seria ainda muito cedo. Por isso, deixei-me ficar numa cervejaria triste e sombria, sentado a uma grande mesa numa espécie de sala dos fundos, onde havia uma velha fotografia na parede — um grupo de homens de sobrecasaca e de bigodes de pontas viradas para cima. Alguns dos homens da fila da frente tinham dobrado um joelho numa posição despreocupada e dois nas extremidades tinham esticado o corpo como se fossem focas. Isso me recordou grupos semelhantes de estudantes russos. Tomei ali um pouco de limonada e continuei a minha viagem com o mesmo sono, um sono que era quase indecente.

Lembro-me depois de ter parado numa ponte. Uma velha de calças azuis de lã e um saco às costas estava empenhada em consertar sua bicicleta. Sem sair do carro, dei-lhe vários conselhos inúteis e não solicitados. Depois, fiquei calado e, com a face apoiada no punho, pus-me a olhar por muito tempo. Lá estava ela pelejando. Mas afinal as pálpebras tremeram e eu não vi mais a mulher. Desaparecera havia muito. Continuei meu caminho e tentei, enquanto isso, multiplicar um número abstruso por outro ainda mais esquisito. Não sabia o que significavam nem de onde me haviam chegado ao espírito, mas, desde que ali estavam, julguei conveniente acometê-los e eles se emaranharam e dissolveram. Percebi de repente que estava dirigindo a uma velocidade louca e que o carro engolia a estrada como um mágico a devorar metros e metros de fita. Olhei, porém, para a agulha do velocímetro. Tremia na casa dos cinqüenta quilômetros enquanto ao lado passavam em lento desfile pinheiros e mais pinheiros. Lembro-me também de ter encontrado dois pequenos colegiais de rosto pálido que levavam os livros presos por uma correia. Falei com eles. Tinham ambos feições antipáticas de pássaro e me faziam pensar em corvos novos. Pareciam ter um pouco de medo de mim e, quando me afastei, ficaram a olhar-me com as bocas negras abertas, um mais alto e o outro mais baixo. Em seguida, com um sobressalto, percebi que havia chegado a Koenigsdorf e, olhando para o meu relógio, vi que já eram quase cinco horas. Ao passar pelo prédio vermelho da estação, refleti que talvez Felix estivesse atrasado e não tivesse descido ainda os degraus que eu via depois do espalhafatoso balcão de chocolate. Não havia absolutamente meio de deduzir do ar exterior do edifício baixo se ele já havia passado por ali ou não. Fosse como fosse, o trem que ele tivera ordem de tomar para Koenigsdorf chegava às *2:55*, de modo que Felix não o tinha perdido...

Meu caro leitor! Ele fora mandado descer em Koenigsdorf e caminhar a pé para o norte seguindo a estrada de rodagem até chegar ao quilômetro dez, marcado por um poste amarelo. Era aquele o mesmo caminho que eu estava seguindo:
momentos inesquecíveis. Não se via ninguém. Durante o inverno, o ônibus só fazia duas viagens por dia por ali — de manhã e ao meio-dia. Assim, nos dez quilômetros de estrada só encontrei uma carreta puxada por um cavalo baio. Afinal, ao longe, como um dedo amarelo, o poste meu velho conhecido apareceu, cresceu e atingiu o seu tamanho verdadeiro; usava um casquete de neve. Freei e olhei em torno. Ninguém. O poste amarelo estava mesmo bem amarelo. À minha direita, além do campo, a floresta estava pintada de um cinza sujo contra o fundo claro do céu. Ninguém.. Saltei do carro e, com um barulho mais forte que o de qualquer tiro, bati a porta. No mesmo instante, notei que, de trás dos galhos entrelaçados de um arbusto que crescia na vala da estrada, olhava para mim, rosado como um boneco de cera, com um elegante bigodinho e realmente muito satisfeito...

Colocando um pé no estribo do carro e, como um tenor furioso, batendo na mão com a luva que havia tirado, olhei firmemente para Felix. Rindo incertamente, ele saiu da vala.

— Canalha! — exclamei por entre dentes com extraordinário vigor de cena lírica. — Patife e traidor!

— continuei, despredendo plenamente a voz ao mesmo tempo que me golpeava com a luva ainda mais furiosamente (tudo era ribombo e trovoada na orquestra entre as minhas explosões vocais). — Como se atreveu a dar com a língua nos dentes, seu imundo? Como teve coragem de pedir conselho aos outros, vangloriando-se de ter conseguido o que queria e de que a tal hora e em tal lugar. . . Oh, você merece ser fuzilado! (Estrépito, clangor e de novo minha voz.) Muito ganhou você com isso, idiota! O trato está desfeito, você foi o culpado e não vai ver nem um centavo, gorila! (Estridor de címbalos na orquestra.)

Assim deblaterava eu contra ele, ao mesmo tempo que observava com fria avidez o seu rosto. Fora colhido completamente de surpresa e parecia sinceramente ofendido. Apertando o peito com a mão, sacudia sem parar a cabeça. O trecho lírico chegou ao fim e o locutor de rádio continuou na sua voz habitual:

— Vamos deixar isso de lado... Só falei com você assim por simples formalidade, como uma medida de segurança... Caro amigo, você está muito engraçado. Essa maquilagem é bem boa!

Por ordem minha, deixara o bigode crescer e acho que até o havia encerado. Além disso, por sua conta, concedera ao rosto duas encaracoladas costeletas. Achei esse crescimento pretensioso extremamente divertido.

— Veio certamente pelo caminho que eu determinei, não foi? — perguntei com um sorriso.

— Claro. Cumpri as suas ordens. Quanto a falar, sabe muito bem que eu sou um homem solitário e não gosto de conversar com os outros.

— Sei disso e compreendo os seus suspiros. Agora, escute, encontrou alguém nesta estrada?

— Quando vi uma carreta, escondi-me logo na vala, como me disse que fizesse.

— Esplêndido! De qualquer maneira, suas feições estão suficientemente dissimuladas. Bem, não adianta perder mais tempo aqui. Entre no carro. Oh, deixe isso aí... Você pegará sua mochila na volta. Entre depressa. Temos de ir.

— Para onde?

— Para aquela floresta.

— Para ali? — perguntou ele, apontando com o bastão.

— Para ali, sim. Com os diabos, quer entrar ou não quer?

Felix olhou o carro com satisfação. Sem pressa alguma, embarcou e sentou-se ao meu lado.

Rodei o volante com o carro em marcha lenta. Hic. De novo: hic. (Saímos da estrada e entramos no campo.) A neve fina e os gravetos secos estalavam sob os pneus. O carro saltava nas desigualdades do terreno e nós saltávamos com ele. Enquanto isso, ele falava:

— Não terei qualquer dificuldade em manejar este carro (solavanco). Que viagem vou fazer nele (solavanco). Não tenha receio (duplo solavanco) que vou cuidar bem dele!

— Sim, o carro ficará em seu poder. Temporariamente em seu (solavanco) poder. Agora acorde, meu amigo, e olhe. Há alguém na estrada?

Ele olhou para trás e sacudiu a cabeça. Subimos ou, melhor, rastejamos por uma pequena rampa suave e entramos na floresta. Ali, entre os pinheiros mais remotos, paramos e saltamos. Não mais com os olhos compridos da indigência, mas com a satisfação tranqüila de um proprietário, Felix continuou a admirar o lustroso Icarus azul. Um ar sonhador lhe surgira nos olhos. É bem provável (notem que não estou afirmando coisa alguma; digo apenas que é "muito provável"), é muito provável, portanto, que os pensamentos dele fossem os seguintes: "E se eu desaparecer, neste belo carrinho? Vou receber o dinheiro adiantado, de modo que tudo dará certo. Vou deixar que ele acredite que pretendo fazer o que ele quer e irei para longe, bem longe. Ele não poderá dar queixa à polícia e terá de ficar bem caladinho. E eu no meu carro..."

Interrompi o curso desses gratos pensamentos.

— Bem, Felix, chegou o grande momento. Você vai trocar de roupa e ficar dentro do carro sozinho nesta floresta. Daqui a meia hora, começará a escurecer. Não haverá risco de que alguém o perturbe. Você passará a noite aqui, embrulhado no meu sobretudo. Veja como é fofo e macio... Não lhe disse? Além disso, o carro é bem quente e você vai dormir perfeitamente. Logo que o dia começar a clarear... Mas discutiremos isso depois. Vou aproveitar o resto da luz do dia para dar-lhe a aparência necessária. Para começar, você tem de fazer a barba.

— A barba? — exclamou Felix com uma tola surpresa. — Não pode ser. Não tenho navalha e com que se pode fazer a barba numa floresta como esta, tirando as pedras?

— Pedras? Um sujeito como você devia fazer a barba era a machado. Mas eu pensei em tudo. Trouxe o material e eu mesmo lhe farei a barba.

— Vai ser muito engraçado — disse ele, rindo. — Não sei o que é que vai sair daí. Veja lá se não me vai cortar o pescoço com sua navalha.

— Não tenha medo, pois vou usar aparelho. Vamos então. Sente-se em algum lugar, aqui no estribo, está bem.

Sentou-se depois de ter-se desembaraçado da mochila. Tirei o meu embrulho e coloquei o material de barba em cima do estribo. Tinha de andar depressa. O dia parecia fraco e descorado e o ar ficava cada vez mais escuro. E que silêncio.. . Parecia inerente, inseparável daqueles galhos imóveis, daqueles troncos retos, daquelas manchas de neve sem brilho que se espalhavam aqui e ali pelo chão.

Tirei o sobretudo para poder trabalhar com mais facilidade. Felix examinou curiosamente os dentes e o cabo prateado do aparelho de barba. Examinou depois o pincel. Levou-o ao rosto como para experimentar-lhe a macieza, O pincel era de fato deliciosamente macio. Eu pagara por ele dezessete marcos e cinqüenta. Felix ficou fascinado também pelo tubo caro de creme de barbear.

— Vamos começar — disse eu. — Sente-se um pouco de lado senão não dá jeito.

Tomei um punhado de neve, espremi nele um verme enroscado de creme, bati tudo com o pincel e apliquei a espuma gelada à barba e ao bigode do homem. Fez caretas e me olhou de banda. Um pouco de espuma lhe entrou por uma narina e ele franziu o nariz sentindo cócegas.

— Bote a cabeça para trás — disse eu. — Um pouco mais.

Descansei um tanto desajeitadamente o joelho no estribo e comecei a fazer-lhe a barba. Os pêlos estalavam e havia alguma coisa repulsiva no jeito pelo qual se misturavam com a espuma. Cortei-o ligeramente e a espuma ficou manchada de sangue. Quando comecei a fazer-lhe o bigode, ele apertou os olhos, mas não emitiu som algum embora aquilo fosse decerto bem desagradável. Eu estava trabalhando com pressa, os pêlos eram duros e o aparelho pegava.

— Tem um lenço aí? — perguntei.

Ele tirou um trapo do bolso e com ele limpei-lhe cuidadosamente do rosto sangue, neve e espuma. As faces dele ficaram respiandecentes — novinhas em folha. Só num lugar, perto da orelha, havia um arranhão vermelho que estava correndo para um pequeno rubi, o qual devia em breve ficar preto. Ele passou as mãos pelas partes barbeadas.

— Espere um pouco — disse eu. — Ainda não acabei. É preciso dar um jeito nessas sobrancelhas que são mais grossas do que as minhas.

Peguei uma tesoura e cortei habilmente alguns pêlos.

— Está ótimo, Felix. Quanto aos cabelos, tratarei de penteá-los depois que você tiver trocado de camisa.

— Vai-me dar a sua? — disse ele, sentindo interessadamente a seda do colarinho da camisa.

— Espere aí. Suas unhas não estão lá muito limpas — disse eu alegremente.

Tinha feito durante muito tempo as unhas de Lydia. Era bom nisso e não tive muita dificuldade em

consertar aquelas unhas rudes. Ao mesmo tempo, comparava as nossas mãos. As dele eram maiores e mais escuras, mas cheguei à conclusão de que, de qualquer maneira, iriam ficar mais brancas. Desde que eu nunca uso aliança, só faltava colocar-lhe o meu relógio de pulso. Ele mexeu os dedos e virou o pulso para um lado e para o outro, muito satisfeito.

— Agora, tem de trocar de roupa. Tire tudo. Até a última peça.

— Mas, assim, vou sentir frio — disse Felix, reclamando.

— Não faz mal. É um minuto apenas. Ande depressa.

Ele tirou o velho paletó marrom e puxou pela cabeça o suéter escuro e peludo. A camisa embaixo era de um verde sujo com uma gravata do mesmo pano. Tirou depois os sapatos informes, arrancou as meias (cerzidas por uma mão masculina) e teve um soluço de êxtase quanto tocou com os pés nus o chão de inverno. O homem comum gosta muito de andar descalço. No verão, quando há uma grama viçosa, a primeira coisa que faz é tirar os sapatos e as meias. Mas também no inverno, isso não é um prazer para se jogar fora; lembra a infância e outras ocasiões alegres.

Fiquei de lado, tirando a gravata e olhando atentamente para Felix.

— Continue, continue — disse eu, notando que ele tinha um pouco de hesitação.

Não foi sem um pequeno torcer envergonhado do corpo que ele deixou as calças escorregarem pelas coxas brancas e glabras. Por último, tirou a camisa. Ali estava diante de mim na floresta fria um homem nu.

Numa rapidez incrível, com o ímpeto e a presteza de um Fregoli, despi-me, joguei-lhe o meu envoltório exterior da camisa e cuecas e enquanto ele vestia tudo isso, eu tirava do terno que havia jogado para o lado várias coisas — dinheiro, cigarreira, cautela do broche e pistola — e metia-as nos bolsos das calças mais apertadas que já havia vestido com a velocidade de um virtuoso de teatro de variedades. Embora o suéter dele fosse bastante quente, conservei meu cachecol e, desde que eu vinha perdendo algum peso ultimamente, o paletó me caiu quase como uma luva. Deveria oferecer-lhe um cigarro? Não, seria de muito mau gosto.

Enquanto isso, Felix vestira minha camisa e minhas cuecas. Ainda estava descalço. Dei-lhe as meias e as ligas, mas notei imediatamente que as unhas dos pés precisavam também de um pouco de atenção... Felix colocou o pé no estribo do carro e eu fiz um trabalho rápido de pedicuro. Os pedaços das unhas estalavam e voavam longe quando cortados. Eram pretos e feios e em meus sonhos recentes tenho-os visto juncar o chão de maneira muito ostensiva. Creio que ele teve tempo de pegar um resfriado ficando ali de camisa, o pobre. Em seguida, Felix lavou os pés na neve como faz um libertino sem banho numa página de Maupassant e calçou as meias sem notar o buraco no calcanhar.

— Depressa, depressa — dizia eu a cada instante. — Já vai escurecer e eu tenho de ir andando. Já estou vestido, veja. Epa, que sapatos grandes! E onde está aquele seu boné? Ah! Já encontrei!

Ele apertou o cinto. Com o auxílio da calçadeira, conseguiu meter os pés nos meus sapatos pretos de cromo. Ajudei-o a ajustar as polainas e a gravata lilás. Por fim, tomando vivamente o pente, acomodei-lhe os cabelos oleosos, afastando-os da testa e das fontes.

Estava pronto. Meu sósia aparecia diante de mim no meu velho terno cinza-escuro. Examinou-se com um sorriso idiota. Olhou os bolsos. Ficou satisfeito com o isqueiro. Mudou de lugar isto e aquilo, depois do que, abriu a carteira. Estava vazia.

— E verdade — murmurei, tirando um maço de notas do bolso. — Vou contar a sua parte e dá-la neste minuto. Que tal os sapatos? Estão apertando muito?

— Estão, sim, e como doem — disse Felix. — Mas acho que vou agüentar. Espero poder tirá-los à noite. Aonde é que tenho de ir com esse carro amanhã?

— Agora mesmo, agora mesmo... eu lhe explicarei tudo. Veja, é preciso arrumar tudo por aqui. Você

espalhou a roupa por todos os cantos. Que é que você tem nessa mochila?

— Sou como um caramujo. Levo minha casa nas costas — disse Felix. — Vai levar a mochila? Tenho nela meia salsicha. Quer provar?

— Depois. Guarde todas essas coisas, sim? A calçadeira também. E a tesoura. Muito bem. Agora, vista meu sobretudo e vamos verificar pela última vez se você pode passar por mim.

— Não vai esquecer o dinheiro?

— Quantas vezes já lhe disse que não? Não seja tolo. Já estamos na hora de acertar tudo. O dinheiro está aqui em meu bolso ou, melhor, no seu antigo bolso. Agora, vamos, sim?

Ele vestiu o meu belo sobretudo de pêlo de camelo e com especial cuidado pôs na cabeça o meu elegante chapéu. Chegou então o toque final: as luvas amarelas.

— Ótimo. Agora, dê alguns passos. Quero ver como tudo assenta em você.

Ele veio na minha direção, metendo as mãos nos bolsos e tirando-as.

Ao chegar bem perto, levantou os ombros e fez menção de gingar, imitando um elegante.

— Está bem, está bem — disse eu. — Espere, deixe ver... Parece que está tudo bem. Agora, vire-se. Quero ver como fica pelas costas.

Ele se virou e eu atirei nele entre as espáduas.

Lembro-me de várias coisas: o rolo de fumaça parado no ar e depois a dobrar-se transparentemente e a desaparecer devagar; a maneira pela qual Felix caiu, porque ele não caiu imediatamente primeiro, concluiu um movimento ainda relacionado com a vida, quase uma meia-volta completa; creio que pretendia bambolear-se diante de mim como à frente de um espelho; mas, encerrando pela sua inércia essa triste exibição de bom humor, voltou-se (já ferido) lentamente para mim, abrindo os braços como se perguntasse: “Que quer dizer isso?” e, não obtendo resposta, deixou-se lentamente cair para trás. Lembro-me na verdade de tudo isso. Lembro-me também do barulho arrastado que fez sobre a neve quando começou a enrijecer-se e a dar sacudidelas como se não se estivesse sentido bem nas roupas novas; dentro em pouco, ficou imóvel. Depois, a rotação da terra se fez sentir e só o chapéu se moveu lentamente, separando-se do alto da cabeça e caiu para trás de boca aberta como se dissesse adeus a quem o tinha usado (ou, então, fazendo pensar na frase feita: “todos os presentes ficaram com a cabeça descoberta”). Lembro-me, sem dúvida, de tudo isso, mas há uma coisa que a memória não acusa: o barulho do meu tiro. Sem dúvida, um rumor me permaneceu nos ouvidos. Agarrou-se a mim, subiu por mim e me tremeu nos lábios. Através desse véu de som, aproximei-me do corpo e olhei avidamente.

Há momentos misteriosos e aquele foi um deles. Como um escritor que lê a sua obra mil vezes, sondando e testando cada sílaba, sem poder dizer ao fim de tudo se aquela mistura variegada de palavras presta ou não presta, assim aconteceu comigo, assim aconteceu comigo... Mas há a certeza secreta do criador, que nunca pode errar. Naquele momento em que todas as características necessárias estavam fixas e congeladas, a semelhança entre nós era tanta que eu não sabia dizer a quem havia matado, se a ele, se a mim. E enquanto eu olhava, a floresta palpitante foi ficando escura e o rosto diante de mim se dissolveu pouco a pouco, vibrando cada vez menos e eu tive a impressão de que via a minha imagem numa lagoa estagnada.

Tendo receio de manchar-me de sangue, não toquei no corpo; não apurei se Felix estava mesmo morto. Sabia instintivamente que estava e que a bala tinha escorregado com perfeita exatidão ao longo do sulco breve que divide o ar e é cavado pela vontade e pela vista. Tenho de correr, tenho de correr, dizia o velho apressado enfiando os braços nas pernas das calças. Não quis imitá-lo. Rápido e eficientemente, corri os olhos em torno. Felix tinha colocado pessoalmente tudo na mochila menos a pistola. Tive calma suficiente para verificar se ele não deixara cair alguma coisa. Cheguei ao ponto de limpar o estribo onde lhe cortara as unhas e de desenterrar o pente que calcara ao chão com os pés, mas decidi jogar fora

depois. Fiz então uma coisa que planejara havia muito. Virei o carro e o fiz parar num trecho coberto de árvores que descia em leve rampa para a estrada. Rolei então o meu pequeno Icarus alguns metros para a frente a fim de que fosse visto da estrada ao amanhecer, o que levaria à descoberta do meu corpo.

A noite vinha caindo rapidamente. O tamborilar em meus ouvidos havia quase cessado e tornei a mergulhar na floresta, passando de novo perto do corpo. Mas não parei mais. Limitei-me a apanhar a mochila e, determinadamente, num passo vivo, como se na verdade não tivesse nos pés aqueles sapatos pesadíssimos, dei volta ao lago sem sair da floresta e continuei, dentro da penumbra fantasma!, pelo meio da neve espectral. Mas eu sabia o rumo certo, pois havia visualizado tudo com muita exatidão quando, durante o verão, procurava estudar os caminhos que levavam a Eichenberg!

Cheguei à estação a tempo. Dez minutos depois, com a amabilidade de uma aparição, chegou o trem que eu queria. Passei metade da noite num chocalhante e sacudido vagão de terceira classe, sentado num banco duro. Junto de mim, dois velhos jogavam com umas cartas fora do comum, que eram grandes, verdes e vermelhas, e tinham desenhos de bolotas de carvalho e de colmeias. Depois da meia-noite, tive de fazer baldeação. Algumas horas depois, estava viajando para oeste. Ao amanhecer, fiz baldeação de novo para um trem mais veloz. Só então, na solidão do lavatório, examinei o conteúdo da mochila. Além das coisas metidas pouco antes nela (inclusive o lenço manchado de sangue), encontrei algumas camisas, um resto de salsicha, duas maçãs grandes, um pedaço de sola, cinco marcos dentro de uma bolsa de mulher, um passaporte e minhas cartas a Felix. As maçãs e a salsicha comi ali mesmo dentro do WC. Guardei as cartas no bolso e examinei o passaporte com o mais vivo interesse. Estava em boa ordem e ainda era válido. Ele tinha estado em Mons e em Metz.

Era curioso que o rosto dele no retrato do passaporte não se parecesse muito com o meu. É claro que a foto poderia facilmente passar pelo meu retrato, mas me deu uma impressão estranha e me fez pensar que era por isso que ele não mostrara muita consciência da nossa semelhança. Ele se via como num espelho, isto é, da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita, como na realidade.

A insensatez, a displicência e a indolência humanas se revelavam no fato de que até as definições oficiais naquela breve lista de características pessoais não correspondiam exatamente às do meu passaporte, que eu deixara em casa. Uma ninharia sem dúvida, mas muito expressiva. E na rubrica “profissão” aquele cretino que com certeza arranhara o violino do mesmo modo que os lacaios sentimentais na Rússia costumavam tocar guitarra, era chamado de “músico”, o que automaticamente me transformou em músico também.

Mais tarde, naquele mesmo dia, comprei numa pequena cidade da fronteira uma maleta, um sobretudo e ainda outros artigos, depois do que, me desembaracei da mochila e da pistola... Não, não vou dizer o que fiz com elas. Guardai silêncio, águas do Reno! Por fim, um cavalheiro com a barba muito por fazer, metido num sobretudo preto barato, se viu no lado mais seguro da fronteira e tomou o rumo do sul.

10

Desde a infância, gosto de violetas e de música. Nasci em Zwickau. Meu pai era sapateiro e minha mãe lavadeira. Quando ela se aborrecia, me gritava nomes em tcheco. Minha infância foi escura e sem alegria. Logo que cresci, larguei-me pelo mundo. Tocava violino. Sou canhoto. Rosto: oval. Sou solteiro; apontem-me uma só mulher que não seja mentirosa. Achei a guerra terrivelmente chata. Mas passou como tudo passa. Todo o rato tem sua toca... Gosto de esquilos e pardais. A cerveja tcheca é mais barata. Se a gente pudesse mandar fazer os sapatos no ferreiro como seria econômico! Todos os ministros de estado são subornados e toda a poesia é besteira. Vi um dia dois gêmeos numa feira; prometia-se um prêmio a quem descobrisse alguma diferença entre eles; Fritz, dos cabelos cor de cenoura, deu um tapa num deles que lhe inchou a orelha.. . e olhe aí a diferença! Que boas risadas nós demos! Surras, roubos, crimes de morte, tudo é bom ou ruim conforme as circunstâncias.

Tenho passado a mão em dinheiro, sempre que ele chega ao meu alcance. O que se pega nos pertence e não há dinheiro que seja deste ou daquele. Nunca vi uma moeda em que estivesse escrito: Propriedade de Fulano. Gosto de dinheiro. Sempre quis encontrar um amigo fiel; teríamos feito música juntos e ele me legaria sua casa e seu pomar. Dinheiro, dinheiro querido. Querido dinheirinho. Dinheirama querida. Andei pelo mundo e encontrei trabalho aqui e ali. Topei um dia um camarada bem posto que se dizia parecido comigo. Tolice a dele, não se parecia comigo nem um pouco. Mas não discuti com ele porque era um homem rico e quem faz amizade com gente rica pode virar rico também. Queria que eu dirigisse um carro no lugar dele, enquanto ele tratava de fazer as suas trapalhadas. Matei o malandro e roubei-o. Está agora estendido na floresta, onde há neve no chão, corvos que crocitam e esquilos que pulam. Gosto de esquilos. Aquele pobre cavalheiro no seu belo sobretudo está morto perto do seu carro. Sei dirigir um carro. Gosto de violetas e de música. Nasci em Zwickau. Meu pai era um sapateiro careca e de óculos e minha mãe era uma lavadeira de mãos verinelhas. Quando ela se aborrecia...

E outra vez do princípio, com muitos detalhes absurdos... Assim, uma imagem refletida se afirmava e proclamava os seus direitos. Não fui eu que procurei um refúgio em terra estrangeira; não fui eu que deixei crescer a barba, mas Felix, meu matador. Se eu o tivesse conhecido bem, durante anos de intimidade, poderia até ter achado divertido assentar novo acampamento na alma que havia herdado. Teria conhecido todos os recantos dela e todos os corredores do seu passado. Poderia ter desfrutado o uso de todas as suas acomodações. Mas eu havia estudado a alma de Felix muito pela rama, de modo que não sabia dela mais que os simples contornos de sua personalidade, com dois ou três traços fortuitos. Poderia aprender a fazer coisas com a mão esquerda?

E essas sensações, por mais desagradáveis que sejam, é sempre possível mais ou menos aceitá-las. Era, porém, um pouco difícil esquecer como ele se entregara por completo a mim, como uma criatura absolutamente mansa, quando eu o estava preparando para a execução. Como eram obedientes aquelas suas mãos frias! Aturdia-me por completo lembrar como ele tinha sido dócil. As unhas dos seus pés eram tão duras que a tesoura não podia nem fazer mossa da primeira vez; a unha se enrolava em torno da lâmina como a tira de uma lata de conserva em volta da chave. O homem pode ter realmente uma vontade tão forte que transforme outro homem num boneco? Fiz-lhe de fato a barba? Espantoso! Mas o que mais me atormentava, ao recordar essas coisas, era a submissão de Felix, a qualidade ridícula, insensata, maquinal de sua submissão. Mas, como já disse, superei tudo isso. Muito pior foi o meu insucesso em acomodar-me com os espelhos. Na verdade, a barba que comecei a deixar crescer se destinava não tanto a ocultar-me dos outros quanto de mim mesmo. Terrível coisa é uma imaginação hipertrofiada. Assim, é muito fácil de compreender que um homem dotado de uma sensibilidade aguda como a minha fique num estado verdadeiramente delirante a respeito de coisas insignificantes como o seu reflexo num espelho às

escuras ou a sua sombra caindo morta a seus pés *und so weiter* (e assim por diante). Vamos parar, gente! Levanto a grande mão de luva branca como um guarda do trânsito alemão. Vamos parar! Nada de suspiros de compaixão, nada mesmo! Pare, simpatia! Não aceito a solidariedade de vocês, pois entre vocês há de haver algumas almas que se compadeçam de mim, de mim, um pobre poeta incompreendido. “Névoa, vapor.., e na névoa uma corda que vibra”. Não, isso não é verso, é uma frase do grande livro do velho Dosty, *Crime e Castigo*. Desculpem: *Schuld und Sühne* (edição alemã). Qualquer remorso de minha parte é absolutamente impossível: um artista não sente remorso, ainda quando a sua obra não é compreendida, nem aceita. Quanto ao prêmio...

Bem sei que é um grande erro do ponto de vista do romancista que em todo o decurso de minha história — tanto quanto me lembro — se dedique tão pouca atenção ao que parece ser meu principal motivo, a cobiça do lucro. Como é possível que eu seja tão reticente e vago a respeito do objetivo que eu tinha em mente ao tomar providências para ter um sósia morto? Mas nesse ponto sou assaltado por estranhas dúvidas. Estava eu realmente tão empenhado em ter lucro e me parecia realmente tão desejável aquela quantia equívoca (o valor de um homem em termos de dinheiro e uma remuneração razoável pelo seu desaparecimento) ou era justamente o contrário e a memória, escrevendo por mim, não poderia (sendo verdadeira até o fim) agir de outra maneira e atribuir qualquer importância especial a uma conversa no escritório de Orlovius (já descrevi esse escritório?).

E há outra coisa que eu gostaria de dizer sobre minhas tendências póstumas. Embora no fundo da alma eu não tivesse quaisquer apreensões a respeito da perfeição de minha obra, acreditando que na floresta preta e branca jazia um morto perfeitamente parecido comigo, entretanto, como um noviço genial, ainda desabituado do gosto da fama, mas estuante do orgulho que acompanha o vigor próprio, eu desejava dobrosamente que aquela minha obra-prima (concluída e assinada a 9 de março numa floresta sombria) fosse apreciada pelos homens ou, por outras palavras, que a impostura — e toda a obra de arte é uma impostura — tivesse êxito; quanto aos direitos autorais, por assim dizer, pagos pela companhia de seguros, isso era para mim um assunto de importância secundária. Sim, eu era o puro artista romântico.

As coisas que passam são guardadas como um tesouro depois, conforme disse o poeta. Um belo dia, Lydia afinal juntar-se-ia a mim no estrangeiro. Iria vê-la no seu hotel.

— Calma — diria numa grave advertência quando ela já se ia lançar nos meus braços. — Lembre-se de que meu nome é Felix e de que eu não passo de um conhecido seu.

Ela pareceria muito bonita no seu luto de viúva, do mesmo modo que eu ficaria muito bem com a minha artística gravata borboleta preta e minha barba bem aparada. Ela começaria a falar... Tudo tinha acontecido realmente como eu havia esperado, sem um só tropeço. Ela havia chorado com muita sinceridade durante a cerimônia de cremação, quando o pastor com uma emoção profissional na voz havia falado a meu respeito“ ... e este homem de coração nobre...“ Comuniquei-lhe os meus planos e logo depois comecei a namorá-la.

Estamos casados agora, eu e minha viuvinha. Moramos em nossa casinha num lugar bem pitoresco. Passamos longas horas indolentes no nosso jardinzinho de murtas com a vista do golfo azul bem lá embaixo e falamos com muita freqüência de meu pobre irmão morto. Vivo contando a Lydia novos episódios da vida dele.

— É o destino, a fatalidade — diria Lydia com um suspiro. — Ao menos agora, no céu, a alma dele se conforta ao ver a nossa felicidade.

Lydia seria de fato feliz comigo e não precisaria de mais ninguém.

— Como estou contente — diria ela às vezes — de que nos tivéssemos desembaraçado de Ardalion. Eu dantes tinha muita pena dele e lhe dedicava uma boa parte de meu tempo, mas, na realidade, nunca pude suportá-lo. Por onde andará ele? Com certeza, está-se matando de tanto beber, coitado! Isso também

é destino!

Eu passaria as manhãs lendo e escrevendo. Talvez dentro em breve publicasse duas ou três coisas ligeiras com o meu novo nome. Um escritor russo que mora aqui por perto elogia muito meu estilo e a força de minha imaginação.

De vez em quando, Lydia recebe algumas linhas de Orlovius, por exemplo, cumprimentos de Ano Novo. Nunca se esquece de mandar recomendações para o marido dela a quem não tem o prazer de conhecer e provavelmente pensa nesses momentos. "Como se consolou depressa essa viúva! Pobre Hermann Karlovich!"

Sentem o sabor picante desse epílogo? Preparei-o ficticiamente de acordo om uma receita clássica. Para encerrar a história, diz-se alguma coisa de cada um dos personagens. Com isso, o fio da existência de todos se conserva correto embora sumariamente relacionado com o que se mostrou anteriormente das suas respectivas tendências. Ao mesmo tempo, introduz-se uma nota jocosa para zombar um pouco do conservantismo da vida.

Lydia continuaria tão esquecida e tão desleixada como sempre...

E para o finzinho do epílogo ficou, *rlour la bonne bouche,* um prato de resistência especial, possivelmente relacionado com algum objeto insignificante que foi visto de passagem numa parte anterior do romance.

Pode ainda ver-se numa parede do quarto do casal o mesmo retrato a pastel e, como de costume, sempre que olha para ele Hermann ri e diz um nome feio.

Finis. Adeus, Turgue! Passe bem, Dosty!

Sonhos, sonhos.., e para dizer a verdade um pouco triviais. De qualquer maneira, quem se importa?

Voltemos à nossa história. Vamos tentar controlar-nos mais. Omitiremos assim certos detalhes da viagem. Lembro--me de que, quando cheguei a Pignan, quase na fronteira espanhola, a primeira coisa que fiz foi procurar jornais alemães. Encontrei alguns mas nada havia neles ainda.

Hospedei-me num quarto num hotel de segunda classe. O quarto era grande, com um chão de pedra e paredes que pareciam de papelão e nas quais se tinha a impressão de ser pintada a terra de Siena, a porta para o quarto seguinte e com um espelho que tinha apenas um reflexo. O quarto era horrivelmente frio. Mas o fogão aberto da lareira ridícula era tão próprio a dar calor quanto uma lareira pintada de cenário de teatro. Quando as aparas de madeira levadas pela empregada acabavam de arder, o quarto parecia mais frio ainda. A noite que ali passei foi cheia das visões mais extravagantes e cansativas. Quando amanheceu e eu senti o corpo todo pegajoso e irritado, saindo então para a rua estreita, inalando os cheiros enjoativos e fortes e sendo triturado pela multidão meridional que se comprimia na praça da feira, compreendi claramente que não me era possível ficar mais naquele lugar. Com calafrios constantes na espinha e uma cabeça a ponto de estourar, encaminhei-me para o *syndicat d'initiatieve,* onde um indivíduo loquaz me sugeriu uma porção de lugares nos arredores. Eu queria um lugar bem retirado e quando à tardinha um ônibus vagaroso me deixou no ponto que eu havia escolhido, percebi que era aquilo exatamente que eu queria.

Afastado e isolado, cercado por sobreiros, havia um hotel de bom aspecto com as janelas quase todas fechadas pois a temporada só começava no verão. Um vento forte vindo da Espanha encrespava a penugem de pinto das mimosas. Num pavilhão que lembrava uma capela, uma fonte de água medicinal corria, mostrando teias de aranha nos cantos de suas janelas vermelho-escuras.

Havia pouca gente hospedada ali. Em primeiro lugar, o médico, alma do hotel e rei da *rabie d'hôte.* Sentava-se à cabeceira da mesa e falava sem descanso. Vinha depois o velho de nariz de papagaio e paletó de alpaca preto que, com um sortimento de fungadelas e resmungos, acolhia o momento em que com um passo leve a criada lépida servia a truta que ele mesmo pescara no rio próximo. Havia um jovem

casal que viera de Madagáscar para se meter ali. Havia a velhinha com a *gorgerette* de musselina, que era professora. Havia um joalheiro com uma vasta família. Havia uma jovem criatura cheia de luxos, que foi a princípio tratada como viscondessa, depois passou a condessa e finalmente a marquesa (no tempo em que estou escrevendo isso), graças aos esforços do médico que não perdia oportunidade de exaltar a reputação do estabelecimento. Não esqueçamos ainda o melancólico viajante comercial de Paris, que representava uma espécie patenteada de presunto, nem o rude e gordo *abbé* que não se cansava de proclamar a beleza de um claustro dos arredores e que, para melhor exprimi-la, arrancava um beijo dos lábios carnudos que se franziam como um pequeno coração. Creio que com isso está completa a coleção. O gerente de sobrancelhas espetadas ficava perto da porta com as mãos para trás e seguia com um olhar melancólico o jantar cerimonial. Lá fora, um vento destrambelhado pinoteava.

Essas novas impressões tiveram sobre mim um efeito benéfico. A comida era boa. Eu tinha um quarto batido de sol e era interessante ver da janela o vento levantar as várias saias das oliveiras que levava aos tombos. Ao longe, contra um céu implacavelmente azul, destacava-se o cone de açúcar de matiz malva de uma montanha que parecia o Fujiyama. Não saía muito do hotel. O trovejar em minha cabeça, o incessante vento de março cujo impacto cegava e a montanha assassina me amedrontavam. Apesar disso, no segundo dia, fui até à cidade à procura de jornais. Mais uma vez, nada havia neles e, como a curiosidade me exaltava além da conta, resolvi levar alguns dias sem pensar em jornais alemães.

A impressão que causei à mesa do hotel foi infelizmente de um homem rudemente insociável, embora eu me esforçasse ao máximo para responder a todas as perguntas que me eram feitas. Mas era em vão que o médico estava comigo depois do jantar para ir para o *salon*, uma salinha abafada com um pequeno piano desafinado, cadeiras de pelúcia e uma mesa redonda atulhada de material de propaganda turística. O médico tinha cavanhaque, olhos azuis claros e uma barriguinha redonda. Alimentava-se de maneira muito determinada e repulsiva. O seu processo de liquidar ovos *pochés* era pegar a gema por baixo com um pedaço de pão e ir depositá-la intacta, com o acompanhamento de uma generosa porção de saliva, na boca úmida e rosada. Costumava recolher, com os dedos manchados de molho, os ossos deixados depois de servida a carne nos pratos dos hóspedes, embrulhar de algum modo os seus despojos que guardava no bolso do amplo sobretudo. Com isso, desejava evidentemente ser considerado um tipo excêntrico. *"C'est pour les pauvres chiens"*, (É para os pobres cachorros), costumava ele dizer (e ainda diz), acrescentando que "os animais são quase sempre melhores que os seres humanos", afirmação essa que provocava (e ainda provoca) apaixonadas discussões, que faziam o *abbé* ficar especialmente exaltado. Ao saber que eu era alemão e músico, mostrou-se verdadeiramente fascinado. E dos olhos que me eram dirigidos cheguei à conclusão de que não era tanto o meu rosto (em fase de transição da lisura para a barbudice) que atraía a atenção mas, sim, minha nacionalidade e a minha profissão nas quais o médico percebia decididamente alguma coisa claramente favorável ao prestígio do hotel. Ele me fazia parar nas escadas ou num dos longos corredores brancos e se entregava a intermináveis conversas, ora discutindo as falhas sociais do representante dos presuntos, ora deplorando a intolerância do *abbé*. Já me estava atacando um pouco os nervos, embora fosse até certo ponto divertido.

Logo que a noite caía e as sombras dos galhos, que uma lâmpada solitária no pátio captava e dispersava, se estendiam através do meu quarto, uma estéril e medonha confusão me enchia a vasta alma vazia. Não pensem que eu temia os mortos; do mesmo modo que os brinquedos quebrados, eles nunca me atemorizaram. O que eu receava apenas, num traiçoeiro mundo de reflexões, era sofrer um colapso em vez de resistir até que certo momento extraordinário, loucamente feliz e capaz de tudo resolver e que era imperioso que eu atingisse viesse a produzir-se. Era o momento da vitória do artista, do orgulho, da liberação da felicidade. Era a minha obra um sensacional sucesso ou um melancólico fracasso?

No sexto dia de minha estada, o vento se tornou tão violento que o hotel podia ser comparado a um

navio que singrasse o mar acossado por uma tempestade. As vidraças ressoavam, as paredes estalavam e a pesada folhagem das coníferas caía com um sussurro declinante e tratava em seguida de assaltar o hotel. Tentei sair para o jardim, mas tive de dobrar o corpo, conservei o chapéu na cabeça por milagre e voltei para o quarto. Depois de ali chegar, mergulhado à janela, em meus pensamentos, em meio a toda aquela agitação e barulheira, deixei de ouvir o gongo e quando afinal desci para o almoço e tomei o meu lugar à mesa, já se servia o terceiro prato — cabidela, macia para o paladar com molho de tomate, que era o prato favorito do médico. A princípio, não dei atenção à conversa geral, habilmente dirigida pelo médico, mas de repente notei que todos estavam olhando para mim

— *Et vous*. (E o senhor) — dizia-me o médico — qual é sua opinião sobre o caso?

— Que caso?

— Estávamos falando do crime que houve *chez vaus*, na Alemanha. Que monstro deve ser um homem — continuou o médico, prevendo uma animada discussão — para fazer um seguro de vida e então pegar outro homem e...

Não sei o que me deu de repente mas levantei a mão e disse:

— Escute, pare com isso! — exclamei, descendo a mão fechada na mesa com tal violência que a argola do guardanapo saltou no ar. Gritei então numa voz que não reconheci como minha. — Pare com isso! Como se atreve, que direito tem de falar assim? É um insulto que não posso tolerar! Falar assim de minha terra e de meu povo! Cale-se! — Gritei ainda mais alto: — Tem coragem de me dizer cara a cara que na Alemanha... Cale-se!

Na verdade, todos estavam calados já havia algum tempo... Tinham-se calado desde o momento em que, com o meu soco na mesa, a argola do guardanapo pulou longe, rolou pela mesa e teria caído se o filho do joalheiro não a fizesse cuidadosamente parar. O silêncio era de qualidade excepcionalmente fina. Creio que até o vento cessara de ressoar. O médico, empunhando o garfo e a faca, ficou imóvel; uma mosca ficou imóvel em sua testa. Senti um espasmo na garganta. Joguei meu guardanapo em cima da mesa e saí da sala de jantar, enquanto todos voltavam automaticamente o rosto para me ver passar.

Sem parar, peguei o jornal que estava estendido na mesa do *hall* e, chegando ao meu quarto, deixei-me cair na cama. Tremia da cabeça aos pés, estrangulado pelos soluços que me subiam da garganta, convulsionado de fúria, com os nós dos dedos sujos de salpicos de molho de tomate. Quando comecei a passar os olhos pelo jornal, ainda tive tempo de pensar que tudo aquilo era absurdo, simplesmente coincidência.. . Dificilmente poder-se-ia esperar que os franceses soubessem do assunto, mas de repente meu nome, meu antigo nome, surgiu dançando diante dos meus olhos...

Não me lembro exatamente do que fiquei sabendo por intermédio daquele jornal. Desde então, tenho folheado montões de jornais e as coisas se têm mais ou menos baralhado em meu espírito. Os jornais estão jogados em algum canto e eu não tenho tempo agora de arrumá-los. Lembro-me, porém de que fiquei imediatamente ciente de duas coisas: em primeiro lugar, a identidade do assassino era conhecida e, em segundo, a da vítima não era. A comunicação não provinha de um correspondente especial e era apenas um breve sumário do que presumivelmente diziam os jornais alemães. Mas era decerto displicente e insolente a maneira pela qual haviam paginado a notícia entre uma divergência política e um caso de psicose. Sentime também indizivelmente chocado com o tom em que a coisa estava escrita. Na verdade, esse tom era tão impróprio, tão inadmissível em relação a mim que cheguei a pensar que se estivessem referindo a outra pessoa com o mesmo nome, desde que esse tom só é usado quando se quer falar de um débil mental que reduziu a migalhas uma família inteira. Creio que era um truque da polícia internacional, uma tola tentativa de amedrontar-me e abalar-me. Mas, antes de compreender isso, fui tomado de verdadeiro frenesi e vi manchas negras diante dos olhos que turvaram esta ou aquela linha da coluna impressa. De repente, bateram com força na porta. Joguei o jornal embaixo da cama e disse:

— Entre.

Era o médico e estava acabando de mastigar alguma coisa.

— *Écoutez,* — disse ele depois de transpor a porta — houve um lamentável engano. Interpretou mal a minha intenção. Gostaria muito de...

— Fora! — gritei. — Fora daqui!

O homem ficou carrancudo e saiu sem fechar a porta. Dei um pulo e bati-a estrondosamente. Depois disso, tirei o jornal de baixo da cama. Mas não pude encontrar o que pouco antes lia. Examinei-o do princípio ao fim. Nada! Seria possível que eu tivesse sonhado que lia aquilo? Comecei de novo a esquadrinhar página por página. Era como um pesadelo quando alguma coisa se perde e não só não pode ser encontrada mas também não há qualquer das leis naturais que dariam à procura uma certa lógica e sem as quais tudo é absolutamente informe e arbitrário. Não, nada havia a meu respeito no jornal. Nada mesmo. Eu devia estar de fato num estado de cega exaltação porque notei, alguns segundos depois, que se tratava de um velho jornal alemão e não do jornal francês que eu estivera lendo. Baixando a mão de novo, apanhei-o embaixo da cama e reli o comunicado redigido em termos banais e caluniosos. Descobri então o que mais me havia indignado, pois era quase um insulto. Não havia urna só palavra acerca de nossa semelhança. Não só não havia a menor crítica em torno do fato (poderiam ter dito, por exemplo, o seguinte: “A semelhança é impressionante, mas tais e tais marcas mostram que não se trata do corpo dele.”), mas também ela não era sequer mencionada, o que dava a impressão de que o morto era um desgraçado cuja aparência era totalmente diversa da minha. Ora, uma só noite não poderia ter operado tal decomposição no homem. Ao contrário, a sua fisionomia deveria ter adquirido uma aparência marmórea, que cinzelaria mais fundamente a nossa semelhança. Mas ainda que o corpo tivesse sido encontrado alguns dias depois, dando tempo à morte caprichosa de adulterá-la, as diversas fases de decomposição não poderiam deixar de corresponder à minha — reconheço que essa maneira de dizer as coisas é um tanto apressada, mas não estou com disposição a fazer floreios. Essa ignorância fingida do que para mim era o mais precioso e importante me pareceu um truque extremamente covarde pois implicava que desde o início todo o mundo sabia perfeitamente bem que aquele corpo não era o meu e que não poderia entrar na cabeça de ninguém confundir o morto comigo. E a maneira negligente pela qual se narrava, tudo parecia, por si mesma, acentuar um solecismo que eu nunca, nunca poderia ter cometido. Mas ali estavam eles, escondendo a boca e com os focinhos virados para o lado, silenciosos, mas trêmulos, como verdadeiros celerados, a delirar de alegria, de uma malvada alegria vingativa, zombando insuportavelmente de mim...

Bateram de novo na porta e eu me levantei, ofegante. O médico e o gerente apareceram.

— *Voilá* — disse o médico numa voz profundamente magoada, olhando para o gerente e apontando para mim. — Esse cavalheiro, além de ofender-se com uma coisa que eu nunca disse, insultou-me ainda há pouco, recusou-se a ouvir-me e foi extremamente grosseiro. Faça o favor de falar com ele. Não estou habituado a ser tratado assim.

— *Ii jaut s’expliquer* (Tem de dar explicações) — disse o gerente, olhando para mim de cara fechada. — Tenho certeza de que *Monsieur.*

— Saiam daqui! — gritei, batendo os pés. — O que estão fazendo comigo... passa de todos os limites! Querem me humilhar e negar-me vingança. .. Exijo, está ouvindo? Exijo...

O médico e o gerente, com os braços abertos e pulando nas pernas rígidas da esquerda para a direita, começaram a falar aceleradamente e a aproximar-se. Não pude mais suportar aquilo. O meu acesso de raiva passou mas deixou em seu lugar a pressão das lágrimas e de repente (deixando a vitória para quem a quisesse) joguei-me na cama e comecei a soluçar violentamente.

— Nervos, apenas nervos — disse o médico acalmando-se como por encanto.

O gerente sorriu e saiu do quarto, fechando a porta com todo o cuidado. O médico me serviu um copo de água, propôs ir buscar um calmante e me bateu amistosamente no ombro. Continuei a solução perfeitamente consciente do meu estado. Via até com fria lucidez zombeteira a vergonha que aquilo era, ao mesmo tempo que sentia o encanto agradável e equívoco do nervosismo, compreendendo vagamente como me poderia ser vantajoso. Por isso, continuei com o corpo abalado pelos soluços e cheguei a enxugar o rosto no lenço grande, sujo e com cheiro de carne que o médico me deu ao mesmo tempo que me batia no ombro dizia com voz apaziguadora:

— Foi apenas um mal-entendido. *Moi, qui dis toujours*... Costumo dizer que estamos fartos de guerras. . . Os alemães têm os seus defeitos e nós temos os nossos. A política deve ser esquecida. Acontece que não compreendeu o que eu estava dizendo. Perguntei apenas o que pensava do crime...

— Que crime? — perguntei entre os meus soluços.

— Oh, *une sale affaire,* um caso horrível. Um camarada trocou de roupa com um homem e matou-o. Mas não se aborreça, meu amigo, não é apenas na Alemanha que existem assassinos. Temos também nossos Landrus, graças aos céus, de modo que não está sozinho. *Calmez-vous,* tudo isso é nervosismo e a água daqui é uma maravilha para os nervos ou, mais exatamente, para o estômago, *cequi reviente au même d'ailleurs* (o que vem dar no mesmo).

Falou ainda durante algum tempo e afinal se levantou.

Devolvi-lhe o lenço, agradecendo.

— Sabe de uma coisa? — disse ele já da porta. — A condessinha está muito interessada na sua pessoa. Deve tocar piano esta noite — correu os dedos por um teclado imaginário e creio que poderá levá-la para a cama.

Estava já no corredor, mas de repente mudou de idéia e voltou.

— Nos meus tempos de mocidade e loucura — disse ele — quando me divertia com os estudantes meus colegas e o mais blasfemo de todos nós bebia além da conta, logo que ele perdia a consciência, nós lhe vestíamos uma batina, fazíamos a navalha uma coroa na cabeça dele e íamos bater tarde da noite à porta de um convento de freiras. Quando uma delas aparecia, um de nós dizia: *"Ah, ma soeur, voyez dans quel triste état s'est mis ce pauvre abbé.* (veja em que estado está este pobre padre!) Leve-o e deixe-o dormir numa dc suas celas". E imagine que as freiras o recebiam. Como nos divertíamos!

O médico baixou um pouco os quadris e deu uma palmada neles. Ocorreu-me de súbito a idéia de que ele talvez estivesse dizendo tudo aquilo (disfarçar o estudante... fazê-lo passar por outra pessoa...) com alguma intenção secreta e que podiam tê-lo mandado espionar-me... Fui de novo tomado de cólera, mas, olhando para as suas rugas imbecilmente radiantes, dominei-me e fingi que estava rindo. Deu-me adeus com muita satisfação e afinal, afinal me deixou em paz.

Apesar de uma grotesca semelhança com Rascalnikov... Não, isso não está bem. Cancelado. E agora? Decidi que a primera coisa a fazer era obter tantos jornais quanto pudesse. Corri para baixo. Num dos patamares da escada, encontrei-me com o padre gordo, que me olhou com comiseração. Deduzi do seu sorriso oleoso que o médico já espalhara pelo mundo a notícia de nossa reconciliação.

Quando saí para o pátio, sentime de repente atordoado pelo vento. Não desisti, entretanto. Escorei-me vigorosamente no portão e, quando o ônibus apareceu, fiz sinal. Embarquei e lá nos fomos rolando ladeira abaixo com uma nuvem branca de poeira a dançar loucamente atrás de nós. Na aldeia, comprei vários jornais alemães e aproveitei a ocasião para saber se havia carta para mim na agência do correio. Não havia carta para mim mas, em compensação, os jornais estavam infelizmente muito cheios de notícias, demais até. . . Hoje, depois de toda uma semana de absorvente trabalho literário, estou curado e sinto apenas desprezo, mas no princípio o frio tom zombeteiro da imprensa quase me fez perder o juízo.

Aqui está o quadro geral que consegui afinal armar: ao meio-dia do domingo, 10 de março, numa

floresta, um cabeleireiro de Kenigsdorf encontrou um homem morto. O que foi ele fazer naquela floresta que, mesmo no verão, permanece deserta e por que só deu parte do que encontrara à tardinha são enigmas que ainda estão sem solução para mim. Segue-se então aquela história extremamente engraçada que, se não me engano, já mencionei: o carro que eu já deixara de propósito na orla da floresta havia desaparecido. As marcas do carro, uma série de TT, determinaram a marca dos pneus, ao mesmo tempo que certos habitantes de Koenigsdorf de memória fenomenal se lembraram de ter visto um Icarus azul passar, um modelo pequeno com rodas de raios de arame, ao que os inteligentes e simpáticos sujeitos que trabalham na garagem de minha rua acrescentaram informações a respeito do número de cavalos e cilindros e deram não só o número da placa do carro, mas também o número de fábrica do motor e do chassi.

A presunção geral é de que eu estou neste momento rolando com o Icarus por algum lugar, o que não deixa de ser deliciosamente cômico. É agora evidente para mim que alguém viu o meu carro da estrada, apropriou-se ato contínuo dele e deixou de ver, na pressa com que estava, o corpo estendido ali bem perto.

Ao contrário, o cabeleireiro que encontrou o corpo afirma que não havia carro algum nas mediações. Que tipo suspeito é esse homem! Parece que a coisa mais natural do mundo para a polícia era passar a mão nele. Muitas pessoas já tiveram a cabeça cortada por menos, mas podem ter certeza de que nada disso aconteceu. A polícia nem sonha em ver nele o possível assassino. Não, a culpa foi lançada sobre mim diretamente e sem reservas, com fria e insensível presteza, como se houvesse uma ansiedade jovial por condenar-me, como com sede de vingança, como se eu de há muito os viesse ofendendo e eles de há muito tivessem sede de punir-me. Não se limitaram a dar de barato, num estranho pré-julgamento, que o morto não podia ser eu. Não se contentando em deixar de observar a nossa semelhança, chegaram ao cúmulo de excluir a *priori* essa possibilidade (não se vê aquilo que não se quer a viva força ver), a polícia deu um brilhante exemplo de lógica ao exprimir a surpresa de que eu tivesse esperado enganar o mundo mediante o artifício simples de vestir com minhas roupas um indivíduo que não e parecia no mínimo comigo. A imbecilidade e a injustiça gritante desse raciocínio são altamente cômicas. A providência seguinte era logicamente transformar-me num débil mental. Chegaram até a supor que eu não fosse psiquicamente são e certas pessoas que me conheciam confirmaram isso, inclusive o cretino do Orlovius (quem teriam sido os outros?) — que disse que eu costumava escrever cartas a mim mesmo (o que é um pouco inesperado).

O que intrigava absolutamente a polícia era saber como a minha vítima (era muito do agrado da imprensa a palavra “vítima”) acabara por vestir as minhas roupas ou, melhor, como eu conseguira forçar um homem vivo a usar não só meu terno, mas também minhas meias e meus sapatos, os quais, sendo pequenos demais para ele, deviam ter-lhe apertado os pés... (ora, eu podia ter-lhe calçado os sapatos depois, não podia, sabichões?)

Depois de meterem na cabeça que o cadáver não era o meu, os homens da polícia agiram como age um crítico literário. Este, ao deparar com um livro de um autor que não lhe agrada, decide que o livro não tem valor e trata de construir o que lhe dá na vontade construir, sobre a base dessa primeira presunção gratuita. Assim, diante do milagre da semelhança entre Felix e mim, apegaram-se a pequenas e impalpáveis imperfeições que passariam despercebidos se fosse tomada uma atitude mais profunda e mais fina para com a minha obra-prima, do mesmo modo que um bom livro não é absolutamente prejudicado por um erro de revisão ou um descuido do autor. Mencionaram a aspereza das mãos, procuraram até alguma excrescência córnea da mais grave significação, mas notaram as unhas bem tratadas nas quatro extremidades e alguém — segundo acredito firmemente, o cabeleireiro que encontrou o corpo — chamou a atenção dos detetives para o fato de que em face de certos detalhes visíveis a um

profissional (lindo isso!) era claro que as unhas tinham sido feitas por um técnico — e isso devia ter apontado como culpado a ele e não a mim!

Por mais que faça, não consigo imaginar qual foi o procedimento de Lydia durante o inquérito. Desde que ninguém duvidava de que o morto não fosse eu, ela devia estar sob suspeita de cumplicidade. A culpa era dela sem dúvida. Cabia-lhe compreender que o dinheiro do seguro estava perdido e que não adiantava insistir nos seus lamentos de viúva. Ela fraquejará um dia destes e sem perder a certeza de minha inocência procurará salvar minha cabeça, contando a história trágica de meu irmão. Isso de nada adiantará pois poderá ser apurado sem muita dificuldade que eu nunca tive irmão. Quanto à hipótese do suicídio, é extremamente difícil que a imaginação oficial aceite aquele truque do gatilho amarrado a um cordão.

É da maior importância para a minha segurança atual o fato de que a identidade do homem assassinado seja desconhecida e não possa ser conhecida. Enquanto isso, tenho vivido com o nome dele e já deixei traços do mesmo aqui e ali, de modo que eu seria facilmente apanhado se descobrissem a quem foi que baleei. Mas não há meio de que descubram e isso é muito bom para mim, já que estou cansado demais para arquitetar novos planos e começar tudo de novo. Pensando bem, como poderia despojar-me de um nome de que com tanta arte me apossei? Na verdade, senhores, gosto de meu nome e acho que ele me convém tanto quanto convinha a ele. Serão uns imbecis se não compreenderem isso.

Quanto ao carro, sei que será encontrado mais cedo ou mais tarde, ainda que isso não ajude muito os detetives. Mas eu quero que seja encontrado. Será muito divertido! Pensam que vão deparar comigo mansamente sentado ao voltante, mas só vão achar um ladrão muito ordinário e espavorido.

No quero mencionar aqui os monstruosos epítetos com que esses escrevinhadores irresponsáveis, esses fabricantes de sensacionalismo barato, esses abjetos charlatães da imprensa que armam as suas barracas onde houver sangue derramado têm considerado necessário outorgar-me. Não falarei também dos solenes argumentos psicanalíticos em que se refocilam os comentaristas. Todo ésse lixo e toda essa sujeira a princípio me indignavam, especialmênte quando associavam o meu caso ao daquele paspalhão com tendências vampirescas que, durante algum tempo, ajudou a aumentar a circulação dos jornais. Falou-se também no camarada que tocou fogo em seu carro com o corpo da vítima dentro, depois de ter serrado parte dos pés, uma vez que o assassinado era bem mais alto que o dono do carro.Mas o diabo que os carregue a todos eles! Nada têm de comum comigo.

Outra coisa que me enfureceu foi que os jornais publicaram a fotografia de meu passaporte (na qual pareço efetivamente um criminoso e estou muito diferente do que sou em conseqüência dos retoques maliciosos que fizeram) em lugar de outra, aquela em que estou lendo um livro, por exemplo, de tom de chocolate de leite e que me custou bem caro. O mesmo fotógrafo fez outra pose comigo, com um dedo nas têmporas e os olhos graves e mirar da testa inclinada, na pose predileta dos romancistas alemães. O fato é que tinham muito o que escolher, inclusive numa porção de instantâneos, como aquele em que apareço de calções de banho no terreno de Ardalion.

Ah, já me ia esquecendo de dizer que a polícia, depois de minuciosas buscas, nada encontrara a não ser um objeto notável, a saber, uma garrafa, a garrafa de vodca. Estava ali desde junho e, se bem me lembro, já descrevi como foi que Lydia a escondeu... É uma pena que eu não tivesse também enterrado por ali uma balalaica, a fim de dar-lhes o prazer de imaginar um assassinato eslavo perpetrado ao tilintar dos cálices de vodca e aos acordes de *Pazhaláy zhemen-áh, daragúy-ah*... Tenha pena de mim, querida...

Mas basta, basta. Toda essa revoltante confusão resulta da inércia, da teimosia e dos preconceitos de seres humanos que não me reconhecem no cadáver do meu perfeito sósia. Aceito, com um sentimento de amargura e desdém, o simples fato dessa falta de reconhecimento (qual foi o mestre que não passou por essa tristeza?) mas continuo a acreditar firmemente na exatidão de meu duplo. Foram-me impostos

retrospectivamente pelos meus críticos erros e pseudo-erro querendo chegar à conclusão infundada de que minha idéia era em si mesma radicalmente errada, indo buscar discrepâncias insignificantes que sou o primeiro a admitir e que não têm a menor importância na soma do sucesso de um artista. Reafirmo que no planejamento e execução de todo o caso o máximo da técnica foi atingido, que o seu acabamento perfeito foi de certo modo inevitável e que tudo se encadeou independentemente de minha vontade, graças à intuição criadora. E por isso, a fim de obter reconhecimento, a fim de justificar e proteger o produto de meu cérebro, a fim de explicar ao mundo a profundidade de minha obra-prima, foi que concebi a idéia de escrever a presente história.

Quando amassei e joguei fora o último jornal, depois de lê-lo até ao fim, fiquei compreendendo tudo. Experimentei no corpo todo uma sensação de ardor e comichão, acompanhada do desejo intenso de adotar imediatamente certas medidas que só eu estava em condições de apreciar. Foi então nesse estado que me sentei à mesa e comecei a escrever. Se eu não estivesse absolutamente certo de minha capacidade literária, de meu notável dom... A princípio, o trabalho foi penoso como o de quem sobe uma ladeira. Eu arquejava, parava para descansar e continuava. Ainda que me cansasse terrivelmente, a tarefa me dava um estranho deleite. Era um remédio drástico, uma inumana purga medieval, mas se mostrou eficiente.

Desde o dia em que comecei, já transcorreu bem uma semana. Agora, minha obra se aproxima do fim. Estou calmo. Todos no hotel me tratam muito bem e me cobrem do melado da amabilidade. Faço agora as refeições separadamente, numa mesinha ao lado da janela. O médico aprova a minha separação e, sem se incomodar com a possibilidade de que eu o ouça, explica aos outros que um nervoso precisa de paz e que os músicos são em geral nervosos. Durante as refeições, fala freqüentemente comigo do outro lado da sala e de sua cabeceira de mesa para recomendar-me um prato ou para perguntar-me de brincadeira se eu não me sentia tentado a participar do repasto geral sentando-me ao menos naquele dia à mesa. Os outros me olham então cheios de simpatia.

Mas como estou cansado, mortalmente cansado. Tem havido dias, o de anteontem por exemplo, em que, salvo por duas breves interrupções, escrevi durante dezenove horas de uma assentada. Julgam que dormi depois disso? Não, não pude dormir e senti todo o corpo esticado e quebrado como se eu fosse submetido ao suplício da roda. Agora, porém, que já acabei e quase nada mais tenho a acrescentar à minha história, é bem doloroso ter de separar-me de todo esse papel que gastei. Mas não posso deixar de separar-me. Depois de reler o que escrevi, de fazer as correções necessárias, de embalar tudo e de levar o volume corajosamente para o correio, creio que terei de seguir adiante, para a África, para a Ásia — não importa muito para onde — embora eu esteja infenso a sair daqui, tão grande é o meu desejo de sossego. De fato, o leitor que imagine a posição de um homem que vive com um certo nome, não que não lhe seja possível conseguir outro passap...

11

Mudei-me para uma altitude um pouco maior. Um contratempo me fez mudar de pouso.

Pensei que ia escrever no máximo dez capítulos, mas estava muito enganado! É curioso lembrar com que firmeza, com que serenidade, a despeito de tudo, eu ia concluindo o décimo capítulo. Mas não o consegui e aconteci interromper o meu último parágrafo numa rima para “desgraça”. A empregada apareceu para arrumar meu quarto e eu, não tendo nada de melhor para fazer, desci para o jardim e ali fui envolvido numa tranqüilidade celestial e inefável. A princípio, não compreendi o que estava acontecendo mas de repente sacudi o corpo e percebi que o furacão que vinha açoitando a região havia passado.

Era divino o ar que vinha por sobre a sedosa folhagem fluida dos salgueiros, até a verdura das folhas não-caducas tentava parecer renovada e os troncos seminus e atléticos dos sobreiros mostravam um vermelho muito rico.

Saí a passear pela estrada. À direita, os vinhedos escros se estendiam obliquamente. Os seus rebentos ainda nus apareciam num padrão uniforme e lembravam cruzes de cemitério baixas e tortas. Por fim, sentei-me na relva e, ao olhar além dos vinhedos para o alto de um morro coberto de tojo dourado e com as encostas cheias de espessa folhagem dos carvalhos e para o profundo-profundo céu azul-azul. Refleti com uma espécie de lânguida ternura (pois talvez a característica essencial embora oculta de minha alma seja a ternura) refleti que uma vida nova e simples tinha começado, deixando para trás o fardo das laboriosas fantasias. Então, ao longe, do lado de meu hotel, o ônibus apareceu e eu resolvi divertir-me pela última vez com a leitura dos jornais de Berlim. Depois de embarcar no ônibus, fingi que estava dormindo (e fui tão longe na minha representação que até sorri no sonho) porque notei entre os passageiros o representante comercial dos presuntos. Mas dentro em breve estava dormindo de verdade.

Tendo obtido o que queria na aldeia, só abri o jornal quando voltei e então, com um sorriso bem-humorado, comecei a ler. Logo depois, ri abertamente: o carro fora descoberto.

O seu desaparecimento era explicado da seguinte maneira: três amigos alegres que passavam pela estrada na manhã de 10 de março — um mecânico desempregado, o cabeleireiro a quem já conhecemos e o irmão do cabeleireiro, um rapaz sem profissão fixa — viram na orla distante da floresta o brilho do radiador de um carro e se dirigiram imediatamente para lá. O cabeleireiro, que era um homem correto, disse que um deles devia ficar tomando conta do carro até que o dono aparecesse. Do contrário, deviam levar o carro para a delegacia de polícia em Koenigsdorf. Mas o irmão dele e o mecânico, que gostavam de se divertir, fizeram outra sugestão. O cabeleireiro replicou, porém, que não concordaria com isso e se internou mais na floresta, observando os arredores. Deu sem demora com o corpo do morto. Voltou apressadamente chamando os seus companheiros e ficou horrorizado ao ver que nem eles, nem o carro, estavam mais por lá. Esperou durante algum tempo, imaginando que fossem voltar. Mas isso não aconteceu. À tardinha, resolveu afinal informar a polícia de sua “sinistra descoberta”, mas, sendo amigo do irmão, guardou silêncio a respeito do carro.

O que ocorreu então foi que os dois malandros bateram com meu Icarus, ao qual trataram de esconder com a intenção de nada dizer à polícia, mas depois pensaram melhor e se entregaram. A notícia acrescentava: “No carro foi encontrado um objeto que estabeleceu a identidade do homem assassinado.”

Primeiro, por um lapso da vista, li “a identidade do assassino” e isso me aumentou a hilaridade, pois não se sabia desde o início que o carro me pertencia? Mas uma segunda leitura me fez pensar.

A frase me irritou. Havia uma tola espécie de confusão em torno da mesma. E claro que me convenci imediatamente de que se tratava de algum novo truque ou então de que não tinham encontrado nada mais importante que aquela ridícula garrafa de vodca. De qualquer maneira, isso me preocupava e, durante algum tempo, conferi conscienciosamente na memória todos os artigos que tinham participado do caso

(lembrei-me até do trapo que ele usava como lenço e do seu revoltante pente) e como eu tinha agido na ocasião com cuidadosa e firme precisão, não tive dificuldade na recapitulação e na conclusão de que tudo estava em ordem. Q.E.D.

Em vão tudo. Eu não tinha paz... Já estava mais que em tempo de terminar aquele último capítulo, mas, ao invés de escrever, saí outra vez a vaguear pelos arredores. Quando voltei, estava tão completamente exausto que o sono me dominou imediatamente, apesar da confusa agitação do meu espírito. Sonhei que depois de uma tediosa busca (fora de cena e não apresentada em meu sonho), ncontrei afinal Lydia, que se estava escondendo de mim e que declarou então friamente que tudo estava bem, que ela estava de posse da herança e que se ia casar com outro homem, “porque você está morto”, como disse ela. Acordei cheio de tremenda raiva e com o coração a bater disparadamente. Ludibriado e indefeso, porque como podia um morto chamar os vivos a juízo, inteiramente indefeso! Voltei então ao meu juízo perfeito e ri... Que trapalhadas são às vezes os sonhos! Mas senti de repente que havia alguma coisa extremamente desagradável que nenhum riso poderia dissipar. Essa coisa não fazia parte de meu sonho e não era meu sonho que tinha importância. . . O que tinha realmente valor era o mistério das notícias do dia anterior, o objeto encontrado no carro... Refleti que se, na verdade, não se tratava de uma ardilosa armadilha ou de um engano; se, na realidade, eles tivessem descoberto o nome do morto e se esse fosse o nome certo... Não havia muitos ses... Repeti a cautela com que fizera o exame na véspera, quando seguira as curvas, regulares com as órbitas dos planetas que os diversos objetos haviam tomado... Eu poderia ter até traçado com linhas pontilhadas as rotas de cada um. Mas, com tudo isso, meu espírito não estava à vontade.

À procura de algum meio de libertar-me desses intoleráveis pressentimentos, reuni as folhas do meu original, sentindo-
-lhes o peso na palma da mão, cheguei a murmurar jovialmente “Muito bem!” e decidi que antes de escrever os dois ou três períodos finais, iria reler tudo do princípio ao fim.

Tinha a impressão de que uma grande satisfação me estava reservada. Ali de pé ao lado da mesa em que escrevia, na minha camisa de dormir, era com amor que eu balançava nas
mãos aquela farfalhante profusão de páginas escritas. Fui para a cama uma vez mais; arrumei convenientemente os travesseiros sob os ombros. Notei então que havia deixado o manuscrito em cima da mesa embora pudesse até jurar que ele me tinha estado todo o tempo nas mãos. Calmamente, sem praguejar, levantei-me e levei-o para a cama, tornei a ajeitar os travesseiros e olhei para a porta. Fiquei sem saber se estava trancada ou não pois achava tremendamente desagradável ter de interromper a leitura a fim de abrir a porta para a empregada quando ela me levasse o café às nove horas. Tornei a levantar-me e mais uma vez com muita calma, verifiquei que a porta não estava trancada e que, portanto, eu não seria importunado. Tirei um cigarro, voltei para a cama desfeita, acomodei-me confortavelmente e ia começar a ler quando notei que meu cigarro estava apagado. Ao contrário dos cigarros alemães, os cigarros franceses reclamam constante atenção. Onde os fósforos tinham ido parar? Um momento antes, estavam comigo! Levantei-me pela terceira vez, já então com as mãos um pouco trêmulas. Descobri os fósforos atrás do tinteiro, mas, ao voltar para a cama, esmaguei com o meu peso outra caixa que estava escondida entre as cobertas, o que mostrava que eu poderia ter-me poupado o trabalho de sair da cama. Perdi a calma. Apanhei no chão as folhas esparsas do meu manuscrito e a deliciosa antecipação que pouco antes me havia empolgado transformou-se quase em sofrimento, na horrível apreensão de que algum demônio malévolo iria apontar-me erros e mais erros, apenas erros.

Entretanto, depois de acender de novo o cigarro e de reduzir à submissão com alguns murros os travesseiros mal-intencionados. comecei a leitura. O que mais me impressionou foi a ausência de um título na primeira página. Sem dúvida, eu tinha a certa altura pensado num título. Era uma coisa que

começava com “Memórias...“ Mas “Memórias” de quem? Disso eu não me podia lembrar. De qualquer maneira, “Memórias” seria um título comum e sem relevo. Como deveria então chamar meu livro? “O Sósia”? Mas já havia um livro com esse título na literatura russa. “Crime e Trocadilho”? Não estava ruim, mas talvez fosse um pouco rude. “O Espelho”? “Retrato do Artista num Espelho”? Muito seco, à *la mode*... Que tal “A Semelhança”? “A Semelhança Irreconhecida”? “Justificação de uma Semelhança”? Não... frio, com um toque filosófico. Alguma coisa como “Só os Cegos Não Matam”? Muito comprido. Talvez “Resposta aos Críticos”? Ou então”O Poeta e a Ralé”? Tinha de pensar nisso. Primeiro, vamos ler o livro todo, disse eu em voz alta. O título virá depois.

Comecei a ler e, dentro em pouco, não sabia mais se etava a ler linhas escritas ou se tinha visões. Mais ainda: minha memória transfigurada inalava, por assim dizer, uma dose dupla de oxigênio. Meu quarto era ainda mais claro porque as vidraças tinham sido lavadas; meu passado se tornava ainda mais vívido porque era duplamente irradiado pela arte. Vi-me subindo de novo o morro nos arredores de Praga — ouvindo a cotovia cantar no céu e vendo a cúpula vermelha e redonda do gasômetro. Fui outra vez empolgado por violenta emoção ao deparar com o vagabundo que dormia. Tornei a vê-lo espreguiçarse e bocejar e de novo havia uma pobre violeta fanada pendente da lapela dele. Continuei a ler e, um por um, apareceram todos: minha rosada mulher, Ardalion, Orlovius. Todos estavam vivos, mas de certo modo eu trazia nas mãos as vidas de todos eles. Vi novamente o poste amarelo e andei por dentro da floresta já a arquitetar planos na cabeça; num dia de outono, minha mulher e eu olhamos de novo uma folha que caía ao encontro do seu reflexo. E ali estava eu caindo numa cidade da Saxônia cheia de repetições e ali estava meu sósia que se levantou calmamente para encontrar-se comigo. Voltei a exercer o meu fascínio sobre ele, e colhi-o nas minhas malhas, mas ele escapuliu e eu fingi desistir do meu plano e, então, com uma força inesperada, a história voltou a acender-se e a exigir do seu criador continuação e conclusão. E, mais uma vez, numa tarde de março, eu ia dirigindo o carro sonhadoramente pela estrada e ele estava ali na vala, perto do poste, à minha espera.

— Entre depressa. Temos de ir.

— Para onde?

— Para aquela floresta.

— Para ali? — perguntou ele, apontado...

Com o bastão, leitor, com o seu B-A-S-T-Ã-O, gentil leitor amigo. Era um cacete rudemente lavrado no qual estava gravado no nome do dono: Felix Wohlfahrt de Zwickau. Apontou com o seu bastão, leitor amigo ou inimigo, como seu bastão! Sabem o que é um bastão, não sabem? Pois foi com isso que ele apontou — um bastão. Entrou no carro e deixou o bastão lá quando saiu, desde que, temporariamente, o carro lhe pertencia. Anotei até a satisfação que ele sentiu. Que coisa curiosa é a memória de um artista! Imagino que deva superar tudo mais. “Para ali?” — perguntou ele, apontando com o seu bastão. Nunca na minha vida me senti mais assombrado.

Sentei-me na cama e arregalei os olhos para a linha que eu escrevera — perdão, eu não, mas a minha singular colaboradora que é a memória. Vi então muito bem como aquilo era irreparável. Não estou falando do fato da descoberta do bastão e, portanto, do nosso nome comum, o que levaria invariavelmente à minha captura. Não, não era isso que me afligia, mas, sim, a idéia de que o conjunto de minha obra-prima, que eu concebera e executara com um cuidado tão minucioso, fora intrinsecamente destruído e iria transformar-se num pequeno montão de mofo em conseqüência do erro que eu havia cometido. Ouçam, ouçam todos! Ainda que o cadáver dele tivesse passado pelo meu, a polícia teria achado aquele bastão e então viria capturar-me, pensando que botava a mão nele — e essa é a grande infelicidade! Toda a minha concepção se baseara na impossibilidade de um engano e agora se via que tinha havido um engano — e da natureza mais grosseira, ridícula e trivial. Ouçam, ouçam todos! Inclino-

me sobre os destroços de minha maravilhosa criação e uma voz maldita me grita ao ouvido que a ralé que me negou reconhecimento talvez tivesse razão... De fato, começo a duvidar de tudo, a duvidar até das coisas essenciais, e compreendo que o pouco de vida que ainda me resta deve ser dedicado a uma luta inútil contra essa dúvida. Sorri então o sorriso dos condenados e com uma pena rombuda que rangia de dor, escrevi rápida e bravamente na primeira página de minha obra a palavra "Desespero". Não é preciso procurar um título melhor.

A criada me trouxe o café. Tomei-o, deixando as torradas intactas. Vesti-me então às pressas, arrumei as malas e desci com elas. O médico não me viu, felizmente. O gerente mostrou-se surpreso com a minha partida e me fez pagar uma conta exorbitante. Mas isso não tinha mais importância. Só ia sair dali porque isso era *de rigueur* em tais casos. Estava seguindo uma certa tradição. Aliás, tinha motivos para supor que a polícia francesa já estivesse em minha pista.

Quando ia para a aldeia, vi do meu ônibus dois polícias num carro veloz, branco como as costas de um moleiro. Passaram pelo ônibus e tomaram direção contrária, desaparecendo numa nuvem de poeira. Mas não posso dizer que estivessem ali com o propósito deliberado de me prender. Além disso, passaram em grande velocidade e talvez não fossem de modo algum da polícia. Quando cheguei a Pignan, fui à agência do correio e me arrependo disso pois podia ter perfeitamente dispensado a carta que ali encontrei. Nesse mesmo dia, escolhi num folheto vistoso uma paisagem numa aldeia de montanha e, ao cair da tarde, cheguei lá. Quanto à carta... Pensando melhor, resolvi transcreve-la aqui, pois é um belo exemplo da ruindade humana.

"Escute aqui, meu caro senhor estou-lhe escrevendo por três motivos: (1) a pedido dela; (2) minha firme intenção de dizer-lhe exatamente o que penso de sua pessoa; (3) o desejo sincero de minha parte de sugerir que se entregue à polícia a fim de esclarecer esse caso sanguinário e esse revoltante mistério, com o qual ela, inocente e apavorada, é quem mais sofre naturalmente. Devo avisar-lhe que encaro com a mais profunda dúvida todo aquele enredo dostoievskiano que se deu ao trabalho de contar a ela. Usando de muita moderação, só lhe posso dizer é que tudo é uma danada mentira. E foi uma mentira covarde, à vista da impressão que deixou nos sentimentos dela.

"Ela me pediu que lhe escrevesse, pensando que talvez não saiba de coisa alguma. Perdeu a cabeça e jura que o senhor se zangará muito se ela lhe escrever agora. Gostaria muito de vê-lo zangado agora. Seria uma coisa muito divertida.

"... E é essa a situação. Não basta, porém, matar um homem e vesti-lo adequadamente. Há necessidade de mais um pequeno detalhe, a saber: semelhança entre os dois. Mas no mundo inteiro não há, nem pode haver, dois homens iguais, por mais que sejam disfarçados. Na verdade, não houve qualquer debate em torno de tais sutilezas, pois a primeira coisa que a polícia disse a ela foi que *tinham* encontrado um homem morto com os papéis do marido dela, mas que não era esse marido. Verificou-se então a parte mais terrível. Tendo recebido instruções de um patife imundo, a probrezinha insistiu, antes mesmo de ver o corpo — está compreendendo? — insistindo contra todas as probabilidades que o corpo era do marido dela e de ninguém mais. Não consigo compreender como foi que conseguiu infundir numa mulher, que era e é praticamente uma estranha para o senhor, tão sagrado respeito. Para conseguir uma coisa dessas, sem dúvida, é preciso ser fora do comum na relação dos monstros. Só Deus sabe que provações ainda a esperam! Isso não deve acontecer. O seu dever elementar é livrá-la dessa espécje de cumplicidade. Afinal de contas, todos vêem o caso com a maior clareza! Saiba para seu governo, meu caro, que esses pequenos truques com seguros de vida são conhecidos há séculos. Posso até dizer que o seu caso é um dos mais primários e comuns que é possível imaginar.

"Vamos agora ao que eu penso do senhor. A primeira notícia do caso foi alcançar-me numa cidade onde, depois de encontrar alguns colegas artistas, estava encalhado. Como vê, não cheguei a ir à Itália e

dou graças aos céus de não ter ido. Sabe o que senti quando li a notícia? Não tive a menor surpresa! Soube sempre que você era um malfeitor e um valentão e pode crer que, durante o inquérito, não guardei segredo sobre coisa alguma que eu sabia. Por isso, descrevi demoradamente o tratamento que você dava a ela — suas zombarias, suas troças, seu desprezo, sua implacável crueldade e a ação negativa de sua presença que todos nós achávamos enregelante e opressiva. Parece-me um grande javali cinzento e selvagem com presas pútridas — é uma pena que não tivesse morrido assado como um javali naquele seu terno. E há mais uma coisa de que quero lavar o peito. Posso ser o que for — um bêbado abúlico ou um homem sempre disposto a vender a honra em favor de sua arte — mas deixe-me dizer-lhe que tenho vergonha de haver aceito as migalhas que me atirou e que com alegria revelaria a minha vergonha no exterior e iria expô-la em praça pública se com isso pudesse libertar-me do fardo que carrego.

"Escute, javali! Esta situação não pode Continuar. Desejo a sua morte não porque seja um assassino, mas porque é o mais mesquinho dos patifes mesquinhos, tendo usado para os seus fins perversos a inocência de uma jovem mulher crédula, a quem, na verdade, dez anos de vida no seu inferno particular atordoaram e despedaçaram. Se ainda há um resto de vergonha na sua alma negra, entregue-se!"

Deveria reproduzir esta carta sem quaisquer comentários. O leitor sensato de meus capítulos anteriores não pode deixar de ter notado o tom amigo e a bondade de minhas atitudes em relação a Ardalion. E era assim que ele me pagava. Mas vamos deixar isso para lá, para lá... É melhor pensar que ele escreveu essa carta completamente embriagado — pois só assim se explica a sua falta de forma, o seu afastamento da verdade, a sua abundância de afirmações caluniosas, cujo absurdo será facilmente visto pelo mesmo leitor atento. Chamar minha alegre, vazia e não muito brilhante Lydia de mulher "atordoada" e — qual foi a outra expressão que ele usou? — "despedaçada"; sugerir alguma espécie de divergência entre mim e ela, é realmente demais... Não sei que palavras posso empregar para definir essa ação. Não existem essas palavras. O autor da carta já usou todas possíveis, embora em direção errada. E desde que eu havia pensado últimamente com alguma satisfação que tinha superado o supremo limite possível da dor, da mágoa, da ansiedade mental, caí, depois de ler essa carta num estado tão terrível que meu corpo foi sacudido por tremores e todas as coisas em torno de mim começaram a tremer: a mesa, o copo em cima da mesa e até a ratoeira armada num canto de meu novo quarto.

Mas dei de repente uma palmada na testa e comecei a rir. Como era simples! Com que facilidade o misterioso delírio daquela carta se resolvia! Tinha sdio um delírio de proprietário! Ardalion não me pode perdoar que eu lhe tenha tomado o nome para servir como destinatário da carta de Lydia na posta-restante e que eu tenha cometido o crime naquele terreno dele. É uma tolice dele; tudo já entrou em falência há muito tempo... Ninguém sabe mais quem é o verdadeiro dono do terreno e... e... Mas chega de lar no imbecil do Ardalion. Dei a última pincelada no retrato dele. Com um último floreio do pincel, assinei o retrato num canto. Está muito melhor do que a máscara mortuária que o palhaço fez de mim. Basta. Está bem parecido, senhores!

Apesar disso... como se atreveu ele... Ora, vá para o diabo que o carregue, para o diabo que o carregue, para o diabo que o carregue inteirinho!

31 de março. Noite.

Minha história degenera, infelizmente, num diário. Mas nada é possível fazer. Já estou tão habituado a escrever que agora não posso mais desistir. Reconheço que o diário é o mais baixo dos gêneros literários. Os entendidos apreciarão aquele belo, inibido e falsamente significativo "Noite" (com a intenção de fazer os leitores imaginarem a variedade insone de pessoas literárias, tão pálidas e atrativas). Mas na realidade é noite agora.

O povoado onde me consumo fica no berço de um vale, entre altas montanhas compactas. Aluguei um grande quarto que mais parece um galpão na casa de uma velha sombria que tem embaixo uma mercearia.

A aldeia tem uma rua apenas. Eu poderia estender-me no relato dos encantos do lugar, descrevendo, por exemplo, as nuvens que se comprimem e rastejam pela casa, usando um conjunto de janelas e saindo depois de arrastar-se pelas janelas fronteiras — mas descrever tais coisas é sempre muito aborrecido. O que me diverte é que eu sou o único turista aqui. Como, ainda por cima, sou estrangeiro e como os habitantes chegaram a descobrir (creio que a dona da casa teve alguma responsabilidade nisso) que vim diretamente da Alemanha, a curiosidade que desperto é fora do comum. Ainda não houve tanta agitação por aqui desde a época, duas temporadas atrás, em que uma companhia de cinema chegou para fazer filmagens de sua *starlet* no filme *Les contrebandiers*. Sem dúvida, eu deveria ficar escondido, mas a verdade é que estou muito em evidência. Seria difícil encontrar um lugar mais iluminado pelos refletores, ainda que se quisesse. Mas estou exausto; quanto mais depressa tudo acabar, melhor.

Hoje, muito apropriadamente, fiz conhecimento com o gendarme local. É uma figura perfeita de farsa! Imaginem um indivíduo de rosto gordo e corado, de pernas cambaias e bigode preto. Eu estava sentado num banco ao fim da rua e em torno de mim os aldeões estavam entregues às suas ocupações ou, melhor, fingiam estar entregues às suas ocupações e na realidade me observavam com implacável curiosidade e fosse qual fosse a posição em que estivessem, usando todo o eixo de visão, por cima do ombro, via sovaco, ou por baixo do joelho. Via-os empenhados nisso com muita clareza. O gendarme se aproximou de mim com alguma desconfiança. Falou do tempo e tratou então de discorrer sobre política e, depois, sobre arte. Chegou a apontar-me uma espécie de cadafalso pintado de amarelo que era só o que restava da cena onde um dos contrabandistas quase fora enforcado.

Lembrava-me de certa maneira o falecido e lamentado Felix, com aquela nota judiciosa e o espírito maternal do autodidata. Perguntei-lhe quando se efetuara na localidade a última prisão. O homem pensou um pouco e respondeu que isso havia acontecido seis anos antes quando capturaram um espanhol que se mostrara um tanto liberal no uso da faca durante uma briga e fugira então para as montanhas. Dentro, em pouco, meu interlocutor achou de seu dever me informar que naquelas montanhas havia muitos ursos que tinham sido levados para ali pelo homem com o intuito de eliminar os lobos índigenas, o que me pareceu muito cômico. Mas ele não riu. Ficou ali com a mão direita a torcer desalentadamente a ponta esquerda do bigode, depois do que, começou a discutir a educação moderna.

— Posso servir de exemplo — disse ele. — Sei Geografia, Aritmética e a ciência da guerra. Tenho uma bela caligrafia e...

— E, por acaso, toca violino? — perguntei.

Ele abanou tristemente a cabeça.

Neste momento, estou tremendo em meu quarto. Digo impropérios contra os cachorros que latem lá fora. Espero a cada momento ouvir cair a pequena guilhotina da ratoeira e decapitar um rato anônimo. Tomo mecanicamente alguns goles do chá de verbena que minha senhoria julga do seu dever trazer-me, pensando que estou com um ar abatido e receando provavelmente que eu possa morrer antes do julgamento. Muito bem, neste momento, estou sentado aqui a escrever em papel pautado — não foi possível encontrar outro na aldeia — e ora medito, ora olho de banda para a ratoeira. Graças a Deus, não há espelho no quarto, do mesmo modo que não há o Deus a quem dou graças. Tudo é escuro, negro, tudo é terrível e eu não vejo qualquer razão especial para que eu permaneça neste mundo sombrio e inutilmente inventado. Não é que eu pretenda matar-me. Seria antieconômico, desde que há em quase todos os países um homem pago pelo Estado para ajudar uma pessoa no momento da morte. Depois, o murmúrio oco da eternidade vazia. Mas o mais notável talvez é que há uma possibilidade de que nem tudo termine ainda, isto é, de que não me executem mas me Sentenciem a um período de trabalhos forçados. Caso isso aconteça, dentro de cinco anos mais ou menos, com a ajuda de uma anistia oportuna, poderei voltar para Berlim e fabricar chocolate de novo... Não sei por que, mas tudo isso me parece extremamente cômico.

Vamos supor que eu mate um macaco. Ninguém me põe a mão. Suponhamos que se trate de um macaco particularmente inteligente. Ninguém me põe a mão. Suponhamos que seja um novo tipo de macaco — que não tenha pêlos e fale. Ninguém me põe a mão. Subindo circunspectamente esses degraus sutis, posso chegar a Leibnitz e a Shakespeare e a matá-los, mas ninguém me porá a mão, pois é impossível dizer onde a fronteira foi transposta, além do que o sofista se vê em dificuldades.

Os cachorros estão latindo. Sinto frio. Aquela mortal e inerradicável mágoa... Apontou com o seu bastão. Bastão. Que palavras é possível extrair de “bastão”? Sabão, são, tão, bota, bosta, soba, sota, boa, Satã, oba, sob, toa, ato. O frio é abominável. Os cachorros latem. Um deles começa e os outros juntam-se em coro. Chove. A luz elétrica aqui é mortiça e amarelada. Que foi que eu fiz?

1º de abril.

O perigo de que minha história degenere num diário trôpego está felizmente afastado. Ainda há pouco, o gendarme cômico esteve aqui. Em visita oficial, de sabre à cinta. Sem me olhar diretamente nos olhos, pediu-me polidamente os documentos. Respondi que tudo estava em ordem, que eu iria aparecer a qualquer dia para cumprir as formalidades policiais, mas que, no momento, eu não tinha a menor vontade de me levantar da cama. Insistiu, foi muito delicado, pediu desculpas... mas tinha de insistir. Saí da cama e entreguei-lhe o passaporte. Quando ia saindo, voltou-se da porta e, na mesma voz polida, pediu-me que não saísse de casa. Não me diga!

Fui cautelosamente até à janela e abri um pouco a cortina. A rua estava cheia de gente parada e de boca aberta. Havia seguramente umas cem pessoas, com os olhos voltados para a minha janela. Um carro empoeirado com um polícia ao volante está camuflado pela sombra do plátano sob o qual esperava discretamente. Através da multidão, o gendarme se aproxima. E melhor não olhar.

Talvez tudo isso seja uma falsa existência, um pesadelo. Talvez eu acorde de repente e me veja na grama de um parque perto de Praga. Ao menos, é bom que me tenham acuado com tanta presteza.

Olhei de novo. Fiquei de pé e olhei. Há centenas de pessoas — homens de azul, mulheres de preto, caixeiros de açougue, floristas, um padre, duas freiras, soldados, carpinteiros, vidraceiros, carteiros, caixeiros, lojistas. . . Mas o silêncio é absoluto. Só se houve o sibilar das respirações. Bem que eu poderia abrir a janela e fazer um breve discurso:

“Franceses! Estamos fazendo um ensaio. Segurem esses polícias. Um famoso ator cinematográfico estará correndo em fuga desta casa. Trata-se de um criminoso terrível mas tem de fugir. Pede-se que todos se àbstenham de agarrá-lo. Isso faz parte do enredo. Povo francês! Peço que todos abram passagem livre para ele da porta até ao carro. Afastem o motorista! Dêem partida no motor! Agarrem esses políciais, derrubem todos, sentem-se em cima deles — estão ganhando dinheiro para isso. A companhia é alemã, de modo que peço desculpas do meu francês. *Les preneurs de vues,* meus técnicos e meus assistentes armados já estão em ação. *Atention!* Quero uma fuga livre. Só isso. Muito obrigado. Vou sair!”

FIM